



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE - ICA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

ANNA HELOISA DE VASCONCELOS

IPOMÉIAS:
MULHERES DO SÉCULO XIX NA IMPRENSA CEARENSE

FORTALEZA

2018

ANNA HELOISA DE VASCONCELOS

IPOMÉIAS:
MULHERES DO SÉCULO XIX NA IMPRENSA CEARENSE

Relatório de elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, a acompanhar produção jornalística (livro-reportagem impresso), ambos requisitos parciais para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. M.^a Gabriela Ramos Souza

FORTALEZA

2018

ANNA HELOISA DE VASCONCELOS

IPOMÉIAS:

MULHERES DO SÉCULO XIX NA IMPRENSA CEARENSE

Relatório de elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, a acompanhar produção jornalística (livro-reportagem impresso), ambos requisitos parciais para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em: _____ / _____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. M.^a Gabriela Ramos Souza (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr.^a Adelaide Maria Gonçalves Pereira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À Alba, Emília, Francisca e Henriqueta, pela
força e pela coragem imensa de erguer uma
pena.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não poderia ter sido concluído sem o apoio de muita gente, seja com contribuições para a pesquisa, um abraço, longas conversas ou gostosas risadas. A presença de muitos que convivem comigo ajudou a deixar as preocupações mais leves durante este ano que passou.

Agradeço aos meus pais pelas inúmeras ajudas ao longo de toda a minha vida estudantil e pela compreensão após eu passar tantas tardes fora de casa devido ao TCC. Ao meu irmão, Igor, que sei que posso contar, esteja longe ou perto.

Ao Judá, que me lembrou sobre o que eu realmente queria escrever quando eu ainda não havia encontrado um tema para o trabalho. Pelo amor e apoio constantes durante todo esse ano de TCC para nós dois e, a propósito, durante todo o tempo que estamos juntos. Pudemos nos apoiar um no outro, mesmo quando tudo parecia que ia cair. Que sempre seja assim.

Aos meus amigos, que me escutaram com paciência enquanto falei desta pesquisa durante basicamente o ano inteiro. À todos do Ombridade, sobretudo Raissa Vasconcelos, Fernanda Alice, Gabriela Rocha e Roberta Fontenele, por me aceitarem apesar dos encontros desmarcados. À Raquel Villar, por estar comigo em todas as horas e ser a companheira da melhor banda de ukulele e violoncelo que o mundo já viu. Pelos desenhos incríveis marcados nas páginas do Ipoméias. À Júlia Vidal, que me deu todo o apoio possível nesses doze anos de amizade — e contando.

Destaco também minhas colegas de curso Lorena Marcello, Isabela Santana, Suzana Mesquita, Beatriz Carvalho, Ester Coelho, Karoline Tavares, Grasielly Sousa, Andressa Gonçalves e, principalmente, Sâmia Martins, que me ajudou com o projeto gráfico do livro. A graduação não teria sido a mesma sem vocês. E, claro, ao Gabriel Monteiro, que sempre será o primeiro amigo que tive na Universidade.

À minha orientadora, Gabriela Ramos, pelas várias conversas e trocas durante este ano. Por falar “calma, vai dar certo”, todas as vezes em que me desesperei. Aos membros de minha banca, Ricardo Jorge e Adelaide Gonçalves. Os dois também tiveram um dedo na produção deste trabalho. À Adelaide, por me inspirar a falar sobre mulheres na imprensa ainda quando eu estava no segundo semestre da graduação, em uma visita ao Plebeu Gabinete de Leitura. E por me acolher nessa casa durante os primeiros meses da minha pesquisa. Ao

Ricardo, por acreditar que, sim, eu poderia fazer um livro-reportagem sobre o tema.

Às diversas pessoas que me ajudaram de alguma forma com a pesquisa. Principalmente ao Antônio Galeno, da Casa de Juvenal Galeno, à Madalena, da Academia Cearense de Letras, ao Nirez e aos bibliotecários do Instituto Histórico. Agradeço também, imensamente, aos familiares das personagens desse livro, que aceitaram compartilhar um pouco da história de suas famílias, mesmo com uma completa desconhecida.

Algumas experiências que tive durante a graduação também merecem menção, por terem formado a pessoa e a profissional que sou hoje. Agradeço à Liga Experimental de Comunicação, ao Programa de Educação Tutorial da Comunicação (PETCom) e ao Novos Talentos do O POVO.

Agradeço, enfim, ao Jornalismo, por, apesar de todas as dificuldades e pontos negativos, me dar a oportunidade de sempre escutar e contar histórias incríveis.

RESUMO

O trabalho conta um pouco da história de quatro mulheres nascidas no século XIX e que atuaram na imprensa cearense entre os séculos XIX e XX: Emília Freitas, Francisca Clotilde, Alba Valdez e Henriqueta Galeno. Elas foram algumas das primeiras mulheres que publicaram em jornais em uma época em que a maioria das pessoas do sexo feminino era analfabeta e sequer tinha acesso a estudos e que a imprensa era formada majoritariamente por homens. Tiveram, também, grande contribuição para a literatura brasileira e cearense. O objetivo do trabalho é resgatar o legado dessas mulheres que ficou esquecido pela historiografia, revelando-o ao público em uma escrita literária. Na narrativa não é abordada apenas a obra de cada uma delas, mas inserem-se aspectos de suas vivências, apurados por meio da pesquisa. Durante a realização do trabalho, foram feitas entrevistas com familiares, pesquisa bibliográfica e em acervos de jornais antigos. A pesquisa traz um histórico da imprensa brasileira e cearense e, portanto, também da história do Brasil e do Ceará durante o período entre os séculos XIX e XX, e se baseia em conceitos como imprensa feminina e imprensa feminista.

Palavras-chave: Mulheres na imprensa; mulheres do século XIX; imprensa cearense; história do jornalismo brasileiro

ABSTRACT

The work tells a bit about the history of four women born in the nineteenth century and who worked in the press of Ceará between the nineteenth and twentieth centuries: Emília Freitas, Francisca Clotilde, Alba Valdez and Henriqueta Galeno. They were some of the first women to publish in newspapers at a time when the majority of women were illiterate and did not even have access to studies, and the press consisted mostly of men. They also had a great contribution to Brazilian and Ceará literature. The purpose of this work is to rescue the legacy of those women who was forgotten by historiography, revealing it to the public in a literary writing. The narrative approaches not only the work of each of them, but aspects of their experiences, verified through research. During the execution work, interviews were made with family members, research in books, documents and in collections of old newspapers. The research brings a history of the Brazilian and Ceará press and, therefore, also of the history of Brazil and Ceará during the period between the nineteenth and twentieth centuries. It is based on concepts such as feminine press and feminist press.

Keywords: Women in the press; women of the nineteenth century; press from Ceará; history of Brazilian journalism

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa original do romance <i>A Rainha do Ignoto</i>	17
Figura 2 – Francisca Clotilde	18
Figura 3 – Alba Valdez	20
Figura 4 – Henriqueta Galeno	21
Figura 5 – Paleta de cores	24
Figura 6 – Tipografias utilizadas	25

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.2	Objetivos	11
1.3	Justificativa	12
2	CONTEXTO	12
2.1	Mulheres na imprensa	13
2.2	Imprensa no Ceará no século XIX	13
3	PERSONAGENS	15
3.1	Emília Freitas	16
3.2	Francisca Clotilde	17
3.3	Alba Valdez	19
3.4	Henriqueta Galeno	20
4	SUPORTE	22
4.1	Livro-reportagem	22
4.2	Conceito e projeto gráfico	23
4.2.1	Formato	23
4.2.2	Tipografia	24
4.2.3	Paleta de cores	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

A imprensa, apesar de sido iniciada mundialmente em 1615, com o jornal belga *Nieuwe Tijdinghen*, chegou ao Brasil apenas 300 anos depois da descoberta da colônia. O primeiro jornal impresso no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, só foi lançado em 10 de setembro de 1808. No Ceará, o primeiro registro de uma publicação com esse tipo tecnologia é datado de 1824, com o jornal *Diário do Governo*.

A história da imprensa brasileira está intrinsecamente ligada com a história do país. Os periódicos só chegaram oficialmente às terras do pau-brasil após a chegada da família real. As produções que existiam antes eram feitas em gráficas clandestinas, proibidas por Portugal. Não era interesse da Coroa a divulgação de ideias dentro da colônia até chegarem nela.

Nessa época, o índice de analfabetismo na população brasileira era alto, mesmo se comparado ao de outros países. Ainda em 1886, quase 80 anos depois da chegada da imprensa, enquanto a população escolarizada do Brasil era de apenas 1,8%, na Argentina já era de 6% (ALMEIDA, 1889). Os jornais eram reservados às elites, que tinham algum acesso à educação. As mulheres, no entanto, mesmo dentro das elites, eram raramente alfabetizadas.

Segundo Machado (2010),

Com raras exceções, as mulheres nascidas até a década de 1830 foram quase todas analfabetas. Só na metade do século XIX encontra-se um número razoável de mulheres alfabetizadas. Na Corte, sobretudo, surgem excelentes colégios femininos, que, além de “prendas para o sexo frágil”, como dizia um anúncio, aprimoram também o gosto pelas artes e pela literatura. (MACHADO, 2010, p. 52)

Reservadas apenas para tarefas domésticas e familiares em uma sociedade patriarcal, as mulheres não eram consideradas nem autoras nem público alvo para os jornais. Foram percebidas como leitoras antes, com a criação da imprensa feminina, que pautava praticamente temas “de mulher”, como relacionamentos, culinária, moda e prendas do lar. Esse tipo de publicação começou no Brasil no Rio de Janeiro em 1827, com o jornal *O Espelho Diamantino*. Algumas mulheres encontraram brechas para escrever em jornais com esse tipo de veículos. A literatura também foi forte aliada na integração do sexo feminino na imprensa como escritoras e público alvo, como aponta Buitoni (1990).

Alguns órgãos nasceram principalmente em função da literatura, como *A Mensageira*, revista mensal (1897-1900) editada em São Paulo e fundada por Presciliana Duarte de Almeida, primeira mulher a entrar na Academia Paulista de Letras (...) Assim, as épocas iniciais da imprensa feminina abriram para a mulher um campo que não lhe era próprio, tanto na Europa e EUA, como no Brasil. (BUITONI, 1990, p. 40)

O espaço que hoje existe para mulheres em redações em todo o Brasil está lá porque séculos antes pessoas do sexo feminino ousaram se intrometer em um lugar que não lhes era próprio. Porém, as mulheres que ajudaram a construir a imprensa no Brasil têm seus nomes ainda desconhecidos por grande parte da população, mesmo por pessoas que trabalham e estudam na área do jornalismo.

Conhecer a história das mulheres que construíram a imprensa cearense desde seus primórdios é conhecer que lutas já foram travadas e quais ainda existem para lutar.

1.2 Objetivos

O objetivo principal do trabalho é divulgar nomes que construíram a história da imprensa cearense, mas que acabaram inviabilizados com o passar do tempo. Ao folhear livros de história do jornalismo, não só cearense, como brasileiro, os nomes de mulheres são poucos e começam a aparecer apenas por volta da década de 1930, com Rachel de Queiroz. Antes dela, existiram muitas outras. Mas não é de conhecimento geral.

Foi procurado conhecer histórias das vidas dessas mulheres muito além da parte ligada à imprensa e à literatura, que é o pouco que ainda se sabe quando se pesquisa especificamente por elas, em biografias e documentos. Procurou-se conhecer quem eram, pois foram pessoas reais, com dramas reais.

O objetivo deste livro é apresentar de forma fácil a temática para um público mais amplo, para que estes possam tomar conhecimento da história do Estado contada pela perspectiva das mulheres.

1.3 Justificativa

Nem todos conseguem ver o valor histórico de uma folha de papel de jornal. A notícia do papel impressa é aquela conhecida por ter prazo de validade de um dia. Porém, ao se olhar para jornais antigos, pode-se ter noção da história de um local, de um país, de um tempo. Como as pessoas se comportavam, como escreviam, sobre o que escreviam, o que era relevante para aquela época. E, no caso do enfoque deste trabalho, quem escrevia (ou podia escrever) e quem era retratado.

Estudar a história do jornalismo cearense é conhecer a história do Estado, tão inviabilizada em livros didáticos comuns, que tendem a considerar “história do Brasil” como “história do centro-sul do país”. O antigo cotidiano, retratado em velhos jornais, ganha cores quando vai a um livro: se torna mais acessível, mais próximo dos que não têm interesse em pesquisa acadêmica ou mesmo a desconhecem. A proposta de trazer esta história para um livro-reportagem trabalha no sentido da extensão, uma das bases da universidade: levar, além dos muros, conhecimento para a sociedade.

É importante olhar para o passado e conhecer personagens que foram essenciais para que o presente seja como é. Principalmente, ir atrás da história de mulheres que contribuíram nessa construção, já que o sexo feminino constantemente é esquecido pela historiografia. Por muito tempo, a história foi escrita por homens e para homens. É preciso subverter essa ordem.

2. CONTEXTO

2.1. Imprensa no Ceará no século XIX

O jornalismo começou no Ceará apenas no século XIX, sendo a primeira publicação de conteúdo propriamente cearense que circulou no estado o *Diário do Governo*, em 1º de abril 1824. Há rumores de que este não tenha sido, de fato, o primeiro jornal — os registros da fase primordial do jornalismo cearense, feitos por Barão de Studart, não contavam com o jornal *Gazeta Cearense*. Posterior ao registro de Studart, foi encontrado um exemplar desse jornal datado de 6 de abril de 1824. Alguns historiadores acreditam que existiam outros exemplares antes desse —, mas este é o registro mais antigo que pode ser encontrado. Como

no resto do Brasil e do mundo, o jornalismo cearense surgiu inicialmente com uma carga muito mais opinativa que informativa, ligado quase sempre a grupos políticos.

Diz Nobre (2006),

A História do Jornalismo cearense pode ser dividida em duas fases principais. Na primeira, os jornais existiram em função de partidos políticos, ou de outros grupos de opinião, e, conseqüentemente, pouca atenção deram ao caráter noticioso, ou mesmo comercial, da imprensa. Com o surgimento do “Correio do Ceará”, em 1915, o noticiário e a publicidade começaram a ganhar espaço jornalístico e, a partir de então, os órgãos de orientação política tiveram duração pequena. (NOBRE, 2006, p. 16)

No período de 1820 até 1829, quando a imprensa no país ainda engatinhava, o Ceará se mostrava com destaque, tendo um número de periódicos menor apenas que do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. Política era a principal temática abordada pelos jornais cearenses até a década de 1870, quando José de Alencar se firmou como “um dos mais insígnies homens de letras do Império, oferecendo-se à limitação de seus conterrâneos”, segundo Nobre (2006).

Em 1872, Juvenal Galeno criou um dos primeiros jornais essencialmente literários da província, o periódico *Lira Cearense*. Além deste, jornais como *O Meirinho* e *A Opinião* funcionavam como um meio para evadir as ideias mais poéticas dos jornalistas cearenses, em uma época em que a literatura e o romance folhetinesco ainda eram febre em todo o Império. Esse tipo de publicação alavancou a imprensa, tornando-se popular entre o público e aumentando o consumo dos jornais em uma sociedade que ainda era muito analfabeta.

No Ceará, foram publicados alguns jornais femininos ainda no século XIX, como o *O Lyrio*, o *Orvalho* e o *Sexo Feminino*. Essas publicações, no geral, não aparecem como centrais em enciclopédias sobre o jornalismo cearense, como a de Geraldo Nobre, mas sim em livros específicos sobre imprensa feminina.

A primeira mulher que se tem registro na imprensa cearense é Emília Freitas, que teve sua primeira publicação, uma poesia chamada *Soluções d’Alma*, em 1875 (CUNHA, 2008). A literatura foi porta de entrada para o sexo feminino nos jornais. Muitas encontraram espaço para tirar poesias da gaveta e mostrá-las ao mundo, mesmo que escondidas por trás de pseudônimos.

2.2. Mulheres na imprensa no século XIX

O cenário político e social no século XIX não era propício ao sexo feminino. TELLES (1997) pontua que “O século XIX não via com bons olhos mulheres envolvidas em ações políticas, revoltas e guerras”.

Afirma Telles (1997),

Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou de sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, senhores. Além disso, estavam enredadas e constringidas pelos enredos da arte e ficção masculina. Tanto na vida quanto na arte, a mulher do século passado aprendia a ser tola, a se adequar a um retrato do qual não era autora. (PRIORE, 1997, p. 341)

As mulheres começaram a ter mais espaço na imprensa, seja como autoras ou como leitoras, com o surgimento da imprensa feminina. Ainda que esse tipo de publicação tenha surgido, em um contexto mundial, em 1693, com o periódico *Lady's Mercury*, na Inglaterra, a imprensa feminina ganhou mais força quando as mulheres começaram a participar mais ativamente na sociedade. E, como era necessário vender jornal, os periódicos femininos se tornaram uma alternativa para expandir um público antes prioritariamente masculino.

Santos (2011) explica sobre o assunto:

Tendência do mundo ocidental, a imprensa feminina emerge em consequência da progressiva entrada da mulher, principalmente, as da elite e da classe média, nos espaços públicos, nas universidades e no mercado de trabalho, processo que se efetua ao longo do século XX. (SANTOS, 2011, p. 38)

Nessa época, a imprensa feminina ainda era considerada um luxo apenas para as classes mais altas. As mulheres que conseguiam ingressar na universidade e no mercado de trabalho eram poucas. A taxa de analfabetismo era alta, principalmente se considerado o âmbito do Brasil. O público-alvo das revistas e colunas femininas não contemplava quem estava em classes econômicas mais baixas.

As mulheres tiveram de enfrentar grande pressão para escrever, principalmente quando quiseram fugir das temáticas impostas como próprias do sexo feminino. Duarte (2016) pontua que a reivindicação por educação se tornou tema central dos primeiros periódicos editados por mulheres devido ao alto grau de analfabetismo. Segundo o Censo de 1872, o primeiro realizado no Brasil, o país tinha 81,43% de sua população analfabeta. Apenas 19,85% dos homens e 11,5% das mulheres sabiam ler.

A imprensa feminista veio, posteriormente, com o propósito de expressar anseios e protestos das mulheres nas páginas dos jornais. Francisca Senhorinha da Motta Diniz, uma professora mineira, foi a precursora da imprensa feminista no Brasil, ao criar o jornal *O Sexo Feminino* em 1873. Ela “lutava pela educação, instrução e emancipação da mulher no jornal que tirava 800 exemplares para uma população de 20 071 mulheres, das quais apenas 1 158 sabiam ler”, diz Buitoni (1990).

O editorial de lançamento do periódico dizia:

Em vez de pais de família mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cozinhar, varrer a casa etc. etc., mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, gramática da língua nacional perfeitamente, e depois, economia e medicina doméstica, a poericultura [...]. (Jornal *O Sexo Feminino*, Campanha, MG, 7.9.1873, em BUITONI, 1990, p. 52)

Também houve precursoras desse tipo de publicação no Ceará. Alba Valdez criou a primeira agremiação feminina cearense, a Liga Feminista Cearense, em 1904. Dentre outros temas, reivindicou na imprensa o direito da mulher ao voto. Outras mulheres como Emília Freitas e Francisca Clotilde estamparam as páginas dos periódicos e publicaram livros com temas que não eram esperados pela sociedade. Dentro de um grupo majoritariamente masculino, elas publicaram na imprensa a favor da abolição dos escravos e abordaram temas políticos, muito além do cuidado com os filhos e com o lar.

Apesar dos ganhos obtidos por essas mulheres no passado, a historiografia teima em esquecer seus nomes. Constância Lima Duarte (2011) diz o seguinte:

Através de informações bibliográficas e da reprodução de páginas significativas de obras, é possível verificar como existiram tantas mulheres atuantes e produtivas, apesar de serem hoje desconhecidas e estarem ausentes da história literária nacional. Pesquisas como essas realizam ainda o questionamento da cultura hegemônica, estabelecem uma nova tradição literária, revelam a mulher como sujeito do discurso literário. Enfim, contribuem para a construção de uma história das mentalidades femininas e uma nova história das letras em nosso país. (DUARTE, 2011, p. 237)

Isso ocorre porque, por muitos anos, o tema “mulher” não foi alvo de pesquisas. Hollanda e Araújo (1993) pontuam que a temática só começou a ser pesquisada academicamente por volta da década de 1970. Resta correr atrás para recuperar o que o tempo perdeu.

3. PERSONAGENS

Foram escolhidas quatro personagens para a escrita do livro-reportagem, todas nascidas no século XIX e a maioria tendo alguma publicação ainda no mesmo século. São elas Emília Freitas, Francisca Clotilde, Alba Valdez e Henriqueta Galeno. Elas foram selecionadas devido à relevância de cada uma na imprensa e na literatura local.

Emília, por ser a primeira mulher na imprensa cearense de que se tem registro. Francisca, por ser a que mais publicou. Alba, por ter criado a primeira agremiação literária feminina e ter sido a primeira mulher na Academia Cearense de Letras. Henriqueta, por seu ativismo e por ter colaborado para que muitas outras mulheres ingressarem na imprensa por meio da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno.

Elas não foram as únicas do século XIX a cometer tal ousadia. Outras mulheres como Ana Facó, Úrsula Garcia e tantas outras que tiveram seus nomes esquecidos também poderiam estar nas páginas do Ipoméias, não fosse a limitação do tempo.

3.1 Emília Freitas

Emília Freitas nasceu no dia 11 de janeiro de 1855, na antiga vila conhecida por Passagem das Pedras e União, hoje denominada Jaguarana, distrito de Aracati, a 150 quilômetros de Fortaleza. Foi filha de Antonio José de Freitas, um tenente coronel, abolicionista, liberal e republicano, e de Maria de Jesus Freitas. Permaneceu na cidade natal até 1869, tendo tido seus primeiros ensinamentos em casa.

Com a morte do pai em 7 de agosto de 1869, a menina de 14 anos se mudou para Fortaleza. Na Capital, se dedicou aos estudos de geografia e das línguas inglesa e francesa. Foi ensinada por professoras particulares, ingressa no Colégio Imaculada Conceição em 1877 e concluiu seus estudos na Escola Normal.

A primeira publicação da autora data de 1875, o poema *Soluços D'Alma*. Esse é também o mais antigo encontrado escrito por uma mulher, o que significa que ela é uma das (ou a) pioneira da literatura de autoria feminina no Ceará (CUNHA, 2008).

Emília Freitas foi abolicionista. Fez parte da Sociedade das Senhoras Libertadoras, ou Cearenses Libertadora. Publicou em jornais cearenses como *O Libertador*, *Cearense*, *O Lírio*, *A Brisa* e, posteriormente, nos amazonenses *Amazonas Comercial* e *o Revelação do Pará*.

Publicou seu primeiro livro, *Canções do Lar*, em 1891, uma coletânea de seus escritos publicados até então na imprensa. No ano seguinte foi para Manaus, onde foi professora no Instituto Benjamin Constant. Também em 1892 escreveu seu primeiro romance, *O Renegado*.

Porém, apesar de existirem registros sobre sua publicação, ainda não foi encontrada uma cópia dos escritos (CAVALCANTE, 2008).

O segundo romance de Emília foi o que ganhou maior notoriedade, sendo considerado o primeiro livro de ficção científica escrito no Brasil, segundo Constância Lima Duarte. *A Rainha do Ignoto* (Figura 1), que conta a história de uma sociedade comandada por mulheres, foi publicado em 1899.

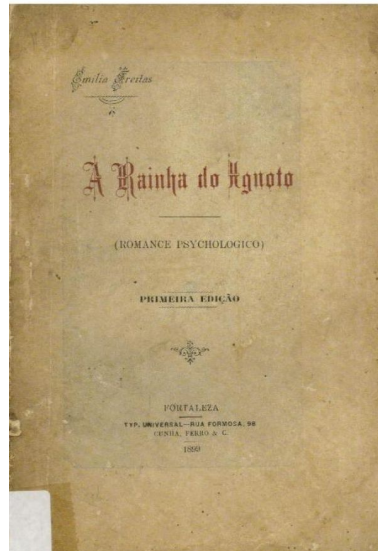


Figura 1: Capa original do romance *A Rainha do Ignoto*

A escritora casou-se com o jornalista Arthúnio Vieira em 1900 e com ele regressou a Fortaleza para divulgar seu livro na imprensa. Em Maranguape, o casal fundou no mesmo ano o grupo espírita Verdade e Luz. Em novembro de 1901, começaram a publicar um jornal de periodicidade quinzenal e de distribuição gratuita intitulado *Luz e Fé*. Essa foi a primeira publicação de caráter espírita do Estado. Com o marido, fundou em Manaus o Centro Espírita Paraense e em Abaetetuba, no Pará, cidade natal de Arthúnio, publicou o jornal *O Progresso*.

Emília morreu em 18 de agosto de 1908, em Manaus. Poucos registros ficaram deixados por ela, não se conhecem familiares e ainda não foi encontrada nem mesmo uma foto sua.

3.2 Francisca Clotilde

Francisca Clotilde Castelo Branco Correia Lima (Figura 2), que posteriormente assinaria como Francisca Clotilde Barbosa Lima ao adquirir outros sobrenomes com o casamento, nasceu em 19 de outubro de 1862, na Fazenda São Lourenço, em São João dos

Inhamuns, atualmente, Tauá, a 337 quilômetros de Fortaleza. Foi filha de João Correia Lima e Ana Augusta Castelo Branco e teve quatro irmãs, Maria Emília, Maria Conceição, Edwirges e Maria José.



Figura 2: Francisca Clotilde

Teve seus primeiros estudos com a professora Ursulina Furtado em Baturité e estudou no Colégio da Imaculada Conceição em Fortaleza. Fez sua primeira publicação em um jornal aos 14 anos. Sua poesia *Horas de Delírio* figura na edição de 1º de fevereiro de 1877 de *O Cearense*.

Casou-se com Francisco de Assis Barbosa Lima, em 1º de novembro de 1880, aos 18 anos. No final da mesma década, seu marido desapareceu por razões que não são conhecidas e ela, então, se apaixonou pelo capitão Antônio Duarte Bezerra, com quem viveu um romance até 1893, quando ele morreu. Com ele, criou quatro filhos: Maria, Arquimedes, Aristóteles e Antonieta Clotilde. Posteriormente, voltou para seu marido, com quem teve outra filha, Ângela.

Em 1882, ingressou como professora na Escola Normal do Ceará, tradicional colégio dirigido e orientado exclusivamente por homens. Tornou-se, então, a primeira professora mulher da escola, ensinando Pedagogia e Metodologia. Saiu da instituição no início da década de 1890 e anunciou o Externato Santa Clotilde, dirigido por ela primeiramente em Fortaleza, depois em Baturité e, por último, em Aracati. Foram 50 anos de ensino.

Francisca participou intensamente da imprensa. É a autora que mais publicou no século XIX e na primeira década do século XX, em meio a um cenário quase exclusivamente masculino (CUNHA, 2008). Seus textos aparecem em jornais como *A Quinzena*, *O*

Libertador, Gazeta do Norte, O Domingo, A Evolução — do qual é co-fundadora —, *O Combate, Ceará Ilustrado, A República, Almanack do Ceará*, entre muitos e muitos outros.

Ela publicou em 1889 o livro *Lições de Aritmética*, com objetivos pedagógicos, para a Ala Feminina da Escola Normal. Publicou também *Colleção de Contos* em 1897, com 42 contos. Em 1902 veio a público sua principal obra: o romance *A Divorciada*. Foi pioneira em abordar a temática do divórcio, 75 anos antes de a prática ser permitida por lei. Teve, ainda, dois livros publicados após sua morte: *O Natal de Sabina* (1972) e *Tintino - O Espetáculo Continua* (1976) (ALMEIDA, 2012).

Juntamente com Alba Valdez, fundou a primeira agremiação literária feminina do Ceará, a Liga Feminista Cearense, em 1904. Foi, também, co-fundadora revista *A Estrella* junto com sua filha Antonieta Clotilde em 1906.

No dia 8 de dezembro de 1935, um colapso cardíaco tirou a vida de Francisca Clotilde, em Aracati. A família da escritora preservou parte de sua memória ao longo dos anos, guardando fotos, documentos e escritos.

3.3 Alba Valdez

Maria Rodrigues Peixe, nome verdadeiro de Alba Valdez (Figura 3) — que é pseudônimo — nasceu no sítio Espírito-Santo, na vila de São Francisco de Uruburetama, hoje a cidade de Itapagé, em 12 de dezembro de 1874. Veio à Capital do Ceará com três anos, junto de seus pais João Rodrigues Peixe e Isabel Alvez Rodrigues Peixe.

Fez os primeiros estudos na escola primária de Isabel Teófilo Spinosa. Foi aluna da Escola Normal e se diplomou professora em 1889, ainda com 16 anos de idade. Ingressou no magistério na povoação de Santo Antônio de Aracati-assú, hoje Aracati, e, no mesmo ano, foi transferida para a escola do sexo feminino de Guaramiranga. Ensinou na Escola Normal em 1892.

Seu primeiro texto assinado pelo nome que tomou para si foi publicado em 1889 (edição 28, dia 02/02/1889, do jornal *A Constituição*). Seu primeiro livro, *Em Sonhos - Fantasia*, foi publicado em 1901. A publicação repercutiu nacional e internacionalmente, sendo traduzida para o francês e para o sueco. Em 1907 publicou outro livro, *Dias de Luz - recordações da adolescência*.



Figura 3: Alba Valdez

A carreira de jornalista começou em 1895, no jornal *Diário do Ceará*, a convite do escritor e jornalista Justiniano de Serpa (VALDEZ, 1937). Escreveu em periódicos como *O Lyrio*, *Revista do Ceará*, *A Jangada*, *Correio do Ceará*, *A Razão* e *Jornal do Comércio*.

Criou a primeira agremiação literária feminina do Estado em 1904, a Liga Feminista Cearense, que reuniu mulheres antes excluídas do cenário das letras. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Cearense de Letras, ocupando a cadeira de número 8. Em 1936, Alba também foi pioneira no Instituto do Ceará. Ela se tornou a única mulher da agremiação ao ocupar a cadeira de Júlia Vasconcelos, que foi a primeira (SOUSA, 1937).

Fez parte também do Centro Literário, da Iracema Literária, da Bohemia Literária e da Sociedade Cearense de Geografia e História, além da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno.

Faleceu no dia 5 de dezembro de 1962, a poucos dias de completar 88 anos. A morte da escritora foi lamentada amplamente pela imprensa, com vários jornais lhes prestando homenagem.

3.4 Henriqueta Galeno

Henriqueta Galeno nasceu em Fortaleza no dia 23 de fevereiro de 1887. Foi filha do aclamado poeta popular cearense Juvenal Galeno e de Maria do Carmo Cabral Galeno, sendo a segunda caçula de cinco irmãos.

Estudou no Colégio Imaculada Conceição, após ter aulas particulares em casa. Ingressou no Liceu e se bacharelou em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará (Figura 4), em 1919, mas acabou tornando-se professora. Ensinou História do Brasil no Liceu do Ceará e Literatura na Escola Normal.



Figura 4: Henriqueta Galeno

Em 27 de setembro de 1919 fundou o Salão Juvenal Galeno, que posteriormente se chamaria de Casa de Juvenal Galeno, na data do centenário de seu pai. Aposentou-se em 1962, passando a se dedicar, a partir de então, apenas ao equipamento. Em 1931, pouco após a morte de seu pai, Henriqueta representou o Ceará no Congresso Internacional Feminista¹, no Rio de Janeiro.

Fundou em 1936 a Falange Feminina, que posteriormente se chamaria Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, um grupo que incentivava o exercício das letras entre o sexo feminino. Henriqueta também criou a Academia de Letras do Estado do Ceará, que funcionou na Casa de Juvenal Galeno durante um período em que a Academia Cearense de Letras não tinha um funcionamento efetivo de reuniões e encontros, existindo apenas de nome. Ingressou na Academia, no assento de número 23.

Contribuiu com a formação da Associação Cearense de Imprensa, em 1925, e fez parte da Associação Cearense de Geografia e História. Foi secretária-geral da Comissão Cearense de Folclore e membro correspondente da Academia Feminina do Rio Grande do Sul. Publicou

¹ As fontes diferem com relação ao número da edição do congresso. Em alguns livros, diz-se que é o primeiro. Em outros, o segundo.

poesias e artigos em jornais como *A Razão* (1929) e *Correio do Ceará* (1964) e na revista literária *Jangada*, que divulgava trabalhos da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno.

A imprensa e os anais de associações culturais estamparam em suas folhas alguns discursos feitos por ela em eventos (SÁ, 1971). Henriqueta também tem um livro, *Mulheres Admiráveis* (1965), que foi publicado apenas após a morte da personagem deste capítulo. O livro é fruto de um levantamento feito por ela sobre mulheres que tiveram algum destaque na literatura brasileira da época.

Henriqueta faleceu em 10 de setembro de 1964, com 77 anos, na mesma casa em que viveu durante toda a vida, onde até hoje está alocada a Casa de Juvenal Galeno. O equipamento cultural pertence atualmente ao Governo do Estado do Ceará e é mantido pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult-CE).

4. SUPORTE

4.1 Livro-reportagem

A temática de história do jornalismo normalmente é vinculada a trabalhos de cunho acadêmico, como monografias ou artigos científicos, por ser algo que exige, necessariamente, pesquisa bibliográfica. O objetivo deste trabalho é ir além disso. Contar a história de forma jornalística e literária.

Segundo Rocha&Xavier, 2013,

Considera-se um livro-reportagem quando uma obra trata de acontecimentos ou de fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certa nuances literárias. (ROCHA&XAVIER, 2013, p. 7)

Há registros do elo entre livro e jornalismo que datam desde XVI. Em meados de 1960, houve a criação do *New Journalism*, ou jornalismo literário, nos Estados Unidos, que pretendia fugir do modelo tradicional de jornalismo, fugir do objetivismo, clareza, imediatismo. Fugir das notícias cruas, puramente factuais e buscar uma abordagem crítica, mais aprofundada.

O livro-reportagem surge com esse fim. No Brasil, vem mais tardiamente que nos Estados Unidos, apenas na década de 1970, segundo Moraes (2004). A ideia com o *New Journalism*, presente nos livros-reportagem, é “fornecer a descrição objetiva completa, e ainda outra coisa que os leitores encontravam nos romances novelas: concretamente, a vida emocional e subjetiva dos personagens” (WOLF, 1975, p. 35).

A plataforma permite que se possa ter uma liberdade maior de escrita, abordando narrativas e subjetividades ligadas ao tema. Permite fugir do formato histórico tradicional que se é esperado fazer e trazer essa história para mais próximo de um público geral.

4.2 Conceito e projeto gráfico

A ideia do projeto gráfico foi embasada na ideia de flores. A relação entre “flor” e “mulher” é comum e, por vezes, clichê. Quando o sexo feminino começou a ingressar na imprensa, a vinculação entre os termos era clara: era comum que jornais que tinham nomes de flor. Normalmente, flores comumente usadas na decoração, reforçando a ideia de mulher como um ser bonito, perfumado, decorativo, do lar.

Ipoméia, que é a espécie que dá título ao livro, é uma flor considerada erva daninha, devido ao seu potencial de invasora e pela capacidade rápida de reprodução. De fato, as mulheres eram como invasoras em uma imprensa predominantemente masculina. O sexo feminino também se reproduziu rapidamente na imprensa; tanto que hoje é maioria nas redações, conforme o relatório “Perfil do jornalista brasileiro – Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012”. No ano, as mulheres totalizavam 64% dos jornalistas brasileiros.

Avançando na ideia, foi delimitada uma flor que representasse cada personagem do livro, conforme suas características de personalidade. Emília é primula, a primeira flor da primavera. Francisca é magnólia, flor de uma árvore de grande porte, que precisa e adquire amplo espaço para crescer. Alba é malva-rosa, que cresce criando colônias perto de si e que é independente, sem precisar de cuidados específicos para cultivo. Henriqueta, por fim, é dente-de-leão, uma flor que não chama atenção para si própria, mas que destila sementes aos quatro ventos para que possa florescer em todos os lugares.

4.2.1 Formato

Foi escolhido um formato de folha A5 (14,8 x 21 cm), normalmente o padrão para livros. Esse formato permite um manuseio fácil, podendo ser carregado em bolsas ou mochilas. São utilizadas margens superiores de 15 mm e inferiores de 20 mm e uma colunagem única. Nas laterais, as margens medem 20 mm internamente e 15mm externamente. É recorrido ao recurso de notas de rodapé para referenciar ou explicar elementos da narrativa sem que ela seja interrompida.

As imagens são colocadas junto às margens superior ou inferior — salvo quando há nota de rodapé. Nesse caso, a figura une-se apenas à margem lateral —, alinhadas à esquerda ou à direita. As legendas são colocadas ao lado da imagem e são alinhadas também à esquerda ou à direita, dependendo do alinhamento da foto.

As poesias e os trechos de livros incluídos no texto são sempre alinhados à direita e colocados em itálico. O corpo do texto fica justificado.

4.2.2 Tipografias

São utilizadas três tipografias e suas famílias tipográficas em todo o livro: Cooper Hewitt, Hosabien e Latin Modern (Figura 5). A primeira, uma não serifada, é utilizada em legendas, no subtítulo do livro e nas notas de rodapé. Por ser uma fonte mais limpa, é ideal para essas finalidades.

A Hosabien é uma fonte de caligrafia utilizada em detalhes como a paginação e na separação de capítulos, além de ser a fonte do título do livro. A Latin Modern é utilizada no corpo do texto. Foi buscada uma caligrafia semelhante à de máquina de escrever. Esse tipo de fonte era a utilizada na imprensa antes da era digital. É também um estilo comumente encontrado nos livros e documentos mais antigos, presentes em muitas fontes da pesquisa.

Por ser um tipo serifado, é recomendado para corpos de texto mais longos, permitindo uma leitura menos cansativa. O espaçamento natural entre as letras também ajuda, tornando o ato de ler mais fluido.



Figura 5: Tipografias utilizadas

4.2.3 Paleta de cores

O livro é prioritariamente preto e branco. Outras cores estão apenas na capa e nas separações entre os capítulos. São utilizados três tons de roxo mais puxados para o azul (Figura 6). Essa cor é ligada normalmente ao feminismo. Começou a ser utilizada pelo movimento com as sufragistas inglesas, em 1908, e segue sendo utilizado com significado relacionado à luta das mulheres.

A utilização do tom também se dá em razão da flor que dá nome ao livro. A ipoméia é uma flor, também, de pétalas roxas.

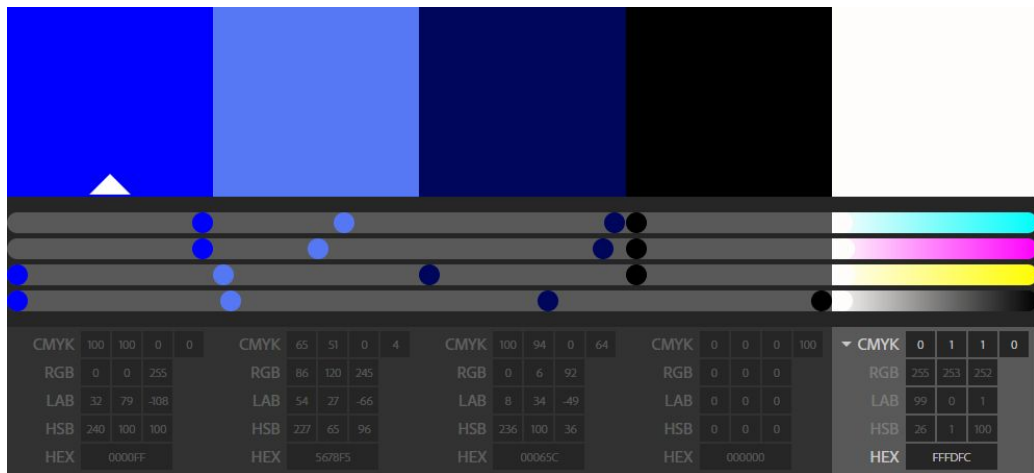


Figura 6: Paleta de cores

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a história das mulheres que atuaram na imprensa cearense por mais de um ano desde a concepção do projeto até este resultado final me fez ver com outros olhos o jornalismo como é hoje. Mergulhar nesse passado não tão distante me possibilitou notar semelhanças e diferenças na relação das mulheres com essa profissão que agora me formo. Muito mudou, de fato. Muito ainda permanece.

A história de Emília, Francisca, Alba, Henriqueta e de tantas outras que ajudaram a construir o que a imprensa cearense é hoje não é conhecida. Algumas delas, como Emília, Francisca e Henriqueta, ganharam de homenagem nome de ruas na Capital. Muitas, nem isso. Preservar as narrativas delas e exaltar os feitos conseguidos por elas é de extrema importância. Conhecer a história delas é, de certa forma, conhecer a própria história como mulher e jornalista.

A pesquisa aprofundada em jornais e documentos me fez ver que o jornalismo pode ir

muito além da rotina de quem trabalha em redação, muito além das entrevistas na correria e das informações que precisam ser consolidadas com rapidez — não que isso também não tenha sua importância. Trabalhar com afinco em algo e levar a público informações antes escondidas em enormes bibliotecas e livros empoeirados foi uma experiência que somou muito à minha vivência profissional. O jornalismo também ganha, ao ter sua história reconhecida e divulgada.

Aprendi muito com Emília, Francisca, Alba e Henriqueta, aprendi com os familiares e amigos que compartilharam comigo memórias. Olhando para frente, vejo diversos rumos que podem ser seguidos, ainda nessa área. Histórias para serem também descobertas, histórias a serem esmiuçadas. Muito ainda precisa ser encontrado. As habilidades adquiridas podem contribuir no futuro ao tentar, no jornalismo, mostrar ao público narrativas esquecidas.

O trabalho que realizei está longe de ser perfeito. Mas poupo-me da angústia de pensar no tanto mais que eu poderia ter feito e como poderia ser melhor. Gostaria de ter encontrado mais informações, mais fontes, de achar coisas que outras pesquisas que pude me embasar ainda não tinham conseguido. Tenho consciência, porém, de minhas limitações. A pesquisa pode ser continuada no futuro com novas abordagens e novos olhares. Olhando para trás, não me arrependo de nada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. **Mulheres Beletristas e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense – de 1862 a 1935**. 2012. 356f. 2012. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

ALMEIDA, Luciana Andrade de. **A Estrela: Francisca Clotilde e literatura feminina em revista no Ceará (1906-1921)**. Fortaleza, Museu do Ceará, 1ª ed. 2006.

_____. **Trajatória de uma pioneira: a escrita feminina de Francisca Clotilde (1862-1935)**. XII Encontro Regional de História, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/L/Luciana_Andrade_de_Almeida_42.pdf>, acesso em 19/11/2017.

ALVES, Martinez. **Catálogo da Hemeroteca do Instituto do Ceará: Histórico, Geográfico e Antropológico**. Fortaleza, Instituto do Ceará, 2010.

ANDRADE, F. Alves de. **O centenário de Alba Valdez**. Fortaleza, Academia Cearense de Letras, 1976.

ARAÚJO, Maria Stella B. de. **Francisca Clotilde. Mulheres do Brasil: pensamento e ação**, 1º volume. Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1971.

BARROSO, Olga Monte. **Alba Valdez. Mulheres do Brasil: pensamento e ação**, 2º volume. Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1971.

BITTENCOURT, Adalzira. **Dicionário bio-bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil (ilustrado)**. Rio de Janeiro, Pongetti, 1969.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo, Editora Ática, 1986.

_____. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo, Edições Loyola, 1981.

CAVALCANTE, Alcilene. **Uma Escritora na periferia do império: vida e obra de Emília Freitas**. Minas Gerais, Editora Mulheres, 2008.

CLOTILDE, Francisca. **A Divorciada**. Fortaleza, Typ. Moderna a Vapor Atelier Louis, 1902.

CUNHA, Cecília Maria. **Além do amor e das flores: primeiras escritoras cearenses**. Fortaleza, Expressão Gráfica Editora, 2008.

CUNHA, Maryse Weyne. **Emília de Freitas. Mulheres do Brasil: pensamento e ação**, 3º volume. Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1986.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos Avançados vol.17 no.49 São Paulo, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010>, acesso em 19/11/2017.

_____. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX: dicionário ilustrado**. Belo Horizonte, Autêntica, 2016.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, v. 1, 1990.

FREITAS, Emília. **A infância, a mocidade e a velhice. O Estado do Ceará**. Fortaleza, ed. 349, 20 out. 1891.

_____. **A Rainha do Ignoto: romance psicológico**. Fortaleza, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2º ed. 1980.

_____. **Canções do Lar**. Fortaleza, Typografia Universal, 1891

_____. **Poesia. Pedro II**, Fortaleza, ed. 93, 22 nov. 1881.

GALENO, Henriqueta. **Anais da Casa de Juvenal Galeno**, ano I, Fortaleza, 1949.

_____. **Anais da Casa de Juvenal Galeno**, ano II, Fortaleza, 1958.

_____. **Antônio João. Revista da Academia Cearense de Letras**, Fortaleza, 1956.

_____. **Mulheres admiráveis**. Fortaleza, Casa de Juvenal Galeno, 1965.

_____. **No Congresso Feminino, na Academia Carioca de Letras, no Centro Cearense.** Fortaleza, Est. Gráfica Urania, 1931.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; ARAÚJO, Lucia Nascimento. **Ensaístas brasileiras: mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

J.V. Nossos mortos. Henriqueta Galeno. Revista da Academia Cearense de Letras, Fortaleza, 1963.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** São Paulo, Editora Manole, 4ª ed. 2009.

LIMA, José de. **Dias de Luz. O Rebate**, ed. 22, 12 set. 1908.

LIVROS NOVOS. **Jornal do Ceará, Político, Commercial e Noticioso**, Fortaleza, ed. 512, 16 mar. 1907.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo.** Rio de Janeiro, Tinta Negra Bazar Editorial, 2ª ed. 2010.

MAIA, Janine Caracas de Souza. **O discurso de Alba Valdez na imprensa cearense dos séculos XIX e XX.** Monografia (Graduação em Comunicação Social) — Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE.

MARTINS, José Murilo. **Poetas da Academia Cearense de Letras (1894-2009).** Fortaleza, 2009.

MEDEIROS, Maria Nirvanda. **Henriqueta Galeno. Policromias**, 9º volume. Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil, Editora RDS, 2009.

MENDES, A. Cunha. **Rumorejos. O Estado do Ceará**, ed. 252, 17 jun. 1891.

MENSAGEIRA, A. **edição fac-símile.** São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1987.

MOTA, Anamélia Custódio. **Francisca Clotilde: Uma pioneira da educação e da literatura no Ceará.** Editora Canindé, 1997.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Ed.). **Escritoras brasileiras do século XIX**, volume III. Editora mulheres, 1999.

NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à história do jornalismo cearense.** Fortaleza, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, ed. fac similar. 2006.

PRIORE, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo, Contexto, 1997.

ROCHA, Patrícia. **Mulheres sob todas as luzes: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado.** Belo Horizonte, Leitura, 2009.

ROCHA, Paula Melani & XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico.** Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias, volume 7, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434/72014>>, acesso em 10/7/2017.

SCHIMMELPFENG, Gisela Paschen. **A mulher e a abolição**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

SILVA, Régia Agostinho da. **Entre mulheres, história e literatura: a escrita feita por mulheres em Fortaleza no século XIX**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (ANPUH). São Paulo, 2011.

SOUSA, Eusébio de. **Meio século de existência**. Fortaleza, Tipografia Minerva, 1937.

SOUZA, Ivoneuma Silva de. **Henriqueta Galeno e a Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno: uma luta pela conquista do direito social das mulheres**. Revista da Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará. Fortaleza, 2016.

_____. **Henriqueta Galeno e a Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno: um movimento feminista em Fortaleza de 1942-50**. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, .

SÁ. Adísia. **Henriqueta Galeno. Mulheres do Brasil: pensamento e ação**. Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1971.

SÁ. Évila Cristina Vasconcelos de. **Educadora Henriqueta Galeno: biografia de uma literata e feminista (1887-1964)**. Tese de mestrado (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2018.

SÁ. Évila Cristina Vasconcelos de; LOPES, Tânia Maria Rodrigues. **A relevância da pesquisa bibliográfica na história da educação: o caso da atuação da intelectual Henriqueta Galeno (1931)**. XI Encontro Regional Nordeste de História Oral, Fortaleza, 2017.

TÁVORA, Fernandes. **Ideias e perfis**. Fortaleza, Imprensa universitária do Ceará, 1967.

VALDEZ, Alba. **Dias de Luz: recordações da adolescência**. Fortaleza, Typ. Minerva de Assis Bezerra, 1907.

_____. **Em Sonho (Fantasias)**. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 2ª ed. 2017.

_____. **Falas acadêmicas**. Fortaleza, Academia Cearense de Letras, 1937.

_____. **Os sonhos. A Constituição**, Fortaleza, ed. 28, 2 fev. 1889.

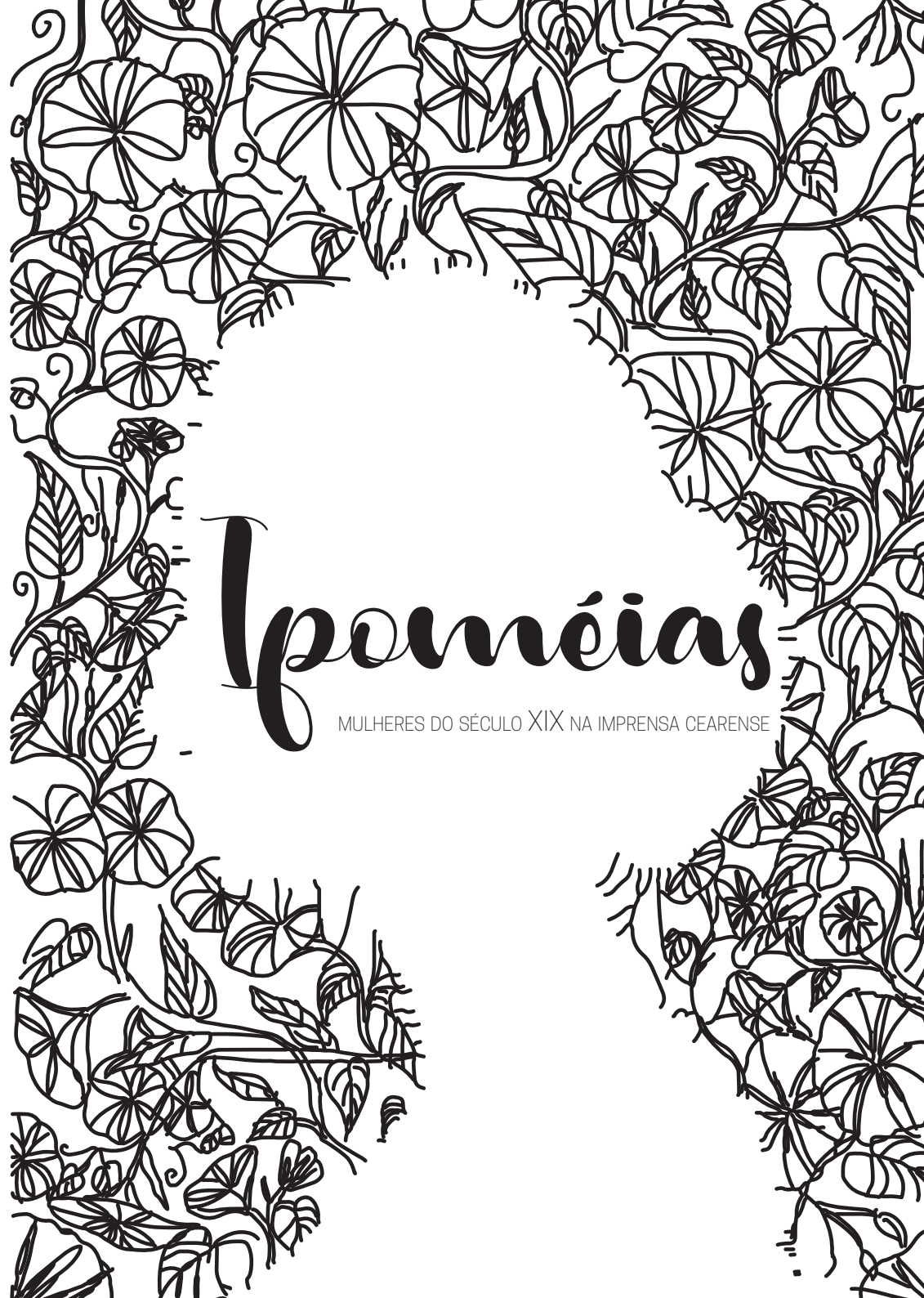
_____. **Sessão do dia 2. Revista do Instituto do Ceará**, ed. 16, página 422, Fortaleza, 1937.



Ipoméias

MULHERES DO SÉCULO XIX NA IMPRENSA CEARENSE

Heloisa Vasconcelos



Ipoméias

MULHERES DO SÉCULO XIX NA IMPRENSA CEARENSE

Ipoméias: Mulheres do século XIX na imprensa cearense

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC) para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação

Gabriela Ramos

Apuração e escrita

Heloisa Vasconcelos

Fotografia

Heloisa Vasconcelos

Projeto gráfico

Sâmia Martins

Ilustrações

Raquel Villar

Diagramação

Heloisa Vasconcelos

Revisão final

Gabriela Ramos

*À Alba, Emília, Francisca
e Henriqueta, pela força
e pela coragem imensa de
erguer uma pena.*

*“Se este sexo ativo quer
fazer-nos acreditar que tem
sobre nós um direito natural
de superioridade, por que
não nos prova o privilégio,
que para isso recebeu da
Natureza, servindo-se de sua
razão para se convencerem?”*

Nísia Floresta, 1832

Sumário

Ervas Daninhas	11
Prímula	19
Magnólia	51
Malva-Rosa	87
Dente-de-leão	117
Agradecimentos	149
Referências	153

Ervas daninhas

A primeira vez que parei para pensar em sobre mulheres na história da imprensa foi no meu segundo semestre da faculdade, em uma aula de História do Jornalismo Brasileiro. Nunca havia me ocorrido as dificuldades que tiveram que ser enfrentadas há mais de século e as barreiras que foram quebradas para que eu pudesse exercer a profissão que escolhi para mim pelo simples fato de ser mulher.

Naquela época eu apenas começava a ter consciência de que as diferenças dos papéis entre sexos na sociedade eram e são, sim, muito contrastantes. Ver hoje em dia redações lotadas de mulheres, vozes femininas no rádio e mulheres de microfone em punho nos telejornais me fazia achar que tudo sempre havia sido assim tão fácil.

Olhar para trás, para esse passado não tão distante, no século XIX, fez-me ver o quanto a realidade mudou — não sem muita luta e coragem — e quanto ainda precisa ser mudado. Eu só posso escrever as palavras que escrevo neste momento porque, muito antes de eu pensar em nascer, mulheres tomaram a poderosa decisão de não baixar a cabeça.

As mulheres são criadas desde o ventre para serem flores, não é à toa a metáfora já usada e reutilizada, gasta e estropiada.

A mulher precisa ser flor. Delicada, frágil, decorativa. Podada sob medida para que não ultrapasse os limites do jardim do lar, dos cuidados com o marido e com os filhos. Precisam ser belas. Margaridas, petúnias, narcisos, rosas.

Há muito tempo, surgiram as que decidiram ser Ipoméias¹. Essas foram resistentes e existem ainda hoje. Insistiram em não caber na função que lhes foi dada. Como ervas daninhas, se esticaram além dos limites do jardim, apesar das tentativas de poda. Ousaram chegar em locais que não as pertenciam, jogando seus ramos e suas raízes em solo árido e espalhando os seus estames a quatro ventos para que pudessem povoar todos os cantos. E se reproduziram rapidamente, ignorando os cortes bruscos dos jardineiros que tentavam fazer com que elas parassem. Ainda não param. Se multiplicam.

Essas flores não servem para buquê e não cabem em vasos. São livres. Ganham a altos custos liberdade e dela não abrem mão.

--

Em princípio, sequer foi considerado que a história dessas Ipoméias pudesse se tornar meu Trabalho de Conclusão de Curso. Pensava ser um tema muito mais adequado para uma monografia — e, de fato, existem dezenas de trabalhos acadêmicos brilhantes relacionados ao assunto — e eu queria, desde o começo, escrever um livro. A ideia de conhecer a trajetória de algumas mulheres que atuaram na imprensa cearense entre os séculos XIX e XX precisou de muito amadurecimento até chegar aqui.

Existe uma lacuna na história do jornalismo, sobretudo no jornalismo cearense, quando se diz respeito às mulheres. Ao folhear as páginas de qualquer livro sobre o assunto, os nomes femininos começam a surgir apenas por volta da década de 1930, com Rachel de Queiroz, por exemplo. A imprensa no Ceará surgiu em 1824, com o jornal *Diário do*

¹ *Ipomoea cairica*. Espécie de flor considerada erva daninha.

Governo. E, ainda no século XIX, mulheres estamparam páginas na imprensa citadina.

Essa história, porém, não é contada.

A primeira mulher que me saltou aos olhos foi Francisca Clotilde. Uma das primeiras a ousar ingressar na imprensa, foi a que mais publicou no período, tendo enorme relevância na literatura e na educação cearense. Nascida em 1862, começou a aparecer na imprensa já em 1877, com apenas 14 anos. Publicou, também, o romance *A Divorciada* em 1902, 75 anos antes de sequer existir uma lei que permitisse o divórcio no Brasil. Foi abolicionista, escrevendo nos jornais pela libertação dos escravos.

Então, conheci também Emília Freitas que foi, de fato, a primeira mulher da imprensa cearense, ingressando em 1875. Também abolicionista, lutou pela liberdade dos negros e das mulheres por meio de sua pena. Publicou um romance revolucionário em 1899, *A Rainha do Ignoto*, considerado o primeiro livro de ficção científica do Brasil.

Emília escreveu sobre uma sociedade de mulheres que podiam ser o que elas quisessem, que fossem donas de suas escolhas. Isso em uma época em que o sexo feminino não tinha direito sequer ao voto e em que o analfabetismo abrangia quase toda a parcela de mulheres que não tinham alguma condição financeira.

Conheci, também, Alba Valdez, que, na verdade, é um pseudônimo para Maria Rodrigues Peixe. Foi uma das únicas mulheres da época que conseguiu, de fato, ser reconhecida e aclamada pela crítica. Um de seus livros, *Em Sonhos* (1901) chegou até a ser traduzido para francês e para o sueco. Foi também a criadora da primeira agremiação literária de mulheres do Ceará, a Liga Feminista Cearense. Não teve papas na língua para falar na imprensa sobre as desigualdades e injustiças entre sexos. Apesar do sucesso em vida, a historiografia esqueceu sua trajetória.

Por fim, conheci Henriqueta Galeno. Filha do conceitu-

ado poeta Juvenal Galeno, carregou nas costas a responsabilidade de preservar um legado durante toda a sua vida. Tinha como intuito principal, mais que se tornar escritora, incentivar outras mulheres à escrita. Seu único livro, *Mulheres Admiráveis* (1965), foi publicado já depois de sua morte e tinha como intuito justamente divulgar trajetórias femininas na história. Henriqueta também foi responsável por criar a Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, que deu espaço para o sexo feminino na imprensa cearense.

Quis saber, além dos feitos históricos dessas mulheres, quem eram elas. De que gostavam, de que não gostavam, o que faziam fora das publicações na imprensa, suas relações com amigos e família, as dificuldades que passaram, as glórias que viveram. Eram, afinal, pessoas. Com histórias para contar muito além de qualquer resumo bibliográfico.

A escrita deste livro se deu por meio de pesquisas em livros, documentos, jornais e conversas com familiares e amigos dessas personalidades. Elementos fictícios — não no sentido de histórias mirabolantes inventadas, mas no sentido de não existir uma documentação concreta que prove que aquilo de fato aconteceu — são utilizados para unir a narrativa construída, para que ela possa correr mais fluida. Algumas ações, aspas ou sentimentos expressos pelas personagens foram colocados com base na literatura escrita por elas — apesar de o eu-lírico não representar necessariamente o autor, alguns traços de personalidade podem ser notados — ou em conversas ao longo da apuração, como com fontes que as conheceram diziam que elas se manifestavam.

É impossível dizer que a história dessas mulheres fica contada. Não há como capturar todas as facetas de quem foram Emília, Francisca, Alba e Henriqueta, principalmente tendo passado tanto tempo e as informações disponíveis sendo tão ralas. Detalhes passam e, mesmo se eu pudesse voltar no tempo e entrevistar cada uma delas, detalhes passariam. Nem mesmo a entrevista mais longa e aprofundada mostra alguém como realmente é em todas as suas

nuances e formas. Pessoas não são personagens planos. O que se obtém são vultos que mudam com rapidez, rabiscos escritos à pressa, tão frágeis quanto a pétala de uma flor.

Dessas flores, faço jardim. Um jardim quase sem grades e quase sem podas — ainda existem barreiras a se quebrar. Da liberdade conquistada por meio de dezenas de anos de tantas Ipoméias que perderam pétalas, galhos e mesmo a vida na vontade de lutar.

Sou inteira gratidão.

Emília Freitas



Primula

O nome da flor vem do latim *primus*, que significa “primeiro”.
É a flor que traz a primavera.
De pétalas grandes e vistosas,
chama atenção pelo colorido.

PERGUNTAS SEM RESPOSTAS

Mais de cem anos após sua morte, Emília Freitas é uma incógnita.

Sua história foi completamente escrita por ela mesma. Porém, é como se as folhas tivessem sido deixadas às traças, sem nenhum cuidado de conservação. Algumas palavras ficaram ilegíveis. Algumas páginas foram levadas sabe-se lá para onde. É difícil, senão impossível, recuperar tudo o que o tempo perdeu.

Emília não teve filhos, netos ou bisnetos preocupados em guardar seu legado. Apesar de ter vindo de uma família grandiosa, viu pais e irmãos morrerem, um por um. Foi casada, mas a inexistência de herdeiros torna a tarefa de quem quer remexer em seu passado antes do século XX muito mais difícil. Ela não tem sequer rosto; ainda não se encontrou nenhuma foto. Por muito tempo, houve apenas silêncio em relação a essa personalidade, sem que ninguém tivesse interesse em buscar mais sobre ela.

Na tentativa de encontrar caminhos a seguir, pesquisei livros, jornais e documentos, na esperança de haver alguém em algum lugar com algo guardado, com histórias para contar além do pouco que já foi documentado. Emília, como praticamente todas as mulheres que viveram em seu

tempo, teve parte de sua história esquecida dos livros de literatura por muitos anos, apagada pela crítica literária.

Nas buscas, descobri que seu irmão mais novo, Alfredo, teria tido uma filha e dado a ela o nome de sua irmã, conforme registros em jornais do Amazonas e do Pará. Encontrei rastros de Ernani, filho de seu marido Arthúnio, que possivelmente teve parte de sua educação vinda da professora e escritora.

Mas o que foi achado foram ruelas tão curtas como a rua em Fortaleza que leva o nome da escritora. Sem saída. Descobri, após diversas tentativas, e reconheci com tristeza que minhas várias ligações de “oi, gostaria de saber se você conhece algum familiar de Emília Freitas” seguidas de “menina, isso é muito difícil, você não vai conseguir” não me levariam a lugar algum no pouco tempo de execução de um Trabalho de Conclusão de Curso.

Exigiria-me bem mais tempo e dedicação adentrar nessa busca cega, de tatear no escuro atrás de descobertas que ainda não foram feitas. Apesar da decepção de não apresentar o que queria, eu não poderia deixar de contar a história de Emília. Precisei buscar outras alternativas para pelo menos juntar os retalhos que já existem, ainda que não pudesse encontrar os muitos outros que ainda faltam.

O caminho que percorri após essa tomada de decisão exigiu ainda mais estudo. Não exigiu muitas andanças, sol na cara e pés doendo, a busca por Emília. Exigiu, sim, paciência. Um *looping* frequente de achar que não daria certo e, em seguida, ter esperanças de que seria possível sim contar essa história. Bem, foi.

Tive que ir atrás do que a própria Emília deixou sobre ela mesma em escritos e poesias. O cuidado da busca de outros pesquisadores (sobretudo, pesquisadoras) chegou a mim. Encontrei gente que, apesar de não ser família, tratou a história dessa mulher com igual zelo. Com as descobertas, encantei-me ainda mais com a vida de Emília. Fiquei inspirada com a força e, sobretudo, com a coragem. De

escrever, de ousar. De desafiar.

O que apresento é uma colcha de retalhos. Com pedaços que faltam — poderia ser muito mais colorida —, com alguns buracos e com costuras não tão bem feitas quanto poderiam. Mas que, como toda colcha de retalhos, conta histórias. Traços — ou vultos — de uma vida de glórias, dificuldades, feitos e solidão da primeira literata do Ceará de que se tem relato.

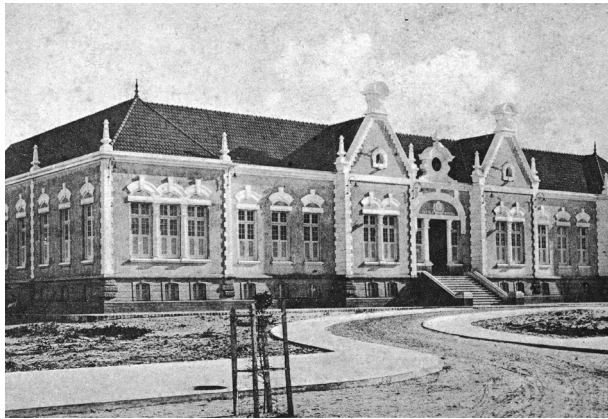
BREVE HISTÓRICO

Os 53 anos de história de Emília Freitas começaram em 11 de janeiro de 1855, na antiga vila conhecida por Passagem das Pedras e União, hoje denominada Jaguarana, distrito de Aracati, a 150 quilômetros de Fortaleza. Filha de Antonio José de Freitas, um tenente coronel, abolicionista, liberal e republicano, e de Maria de Jesus Freitas, teve uma família numerosa, com 12 ou 13 irmãos. Permaneceu na cidade natal até 1869, sendo ensinada primeiro em casa.

Com a morte do pai em 7 de agosto de 1869, a menina de 14 anos se mudou para Fortaleza junto com a numerosa família que sucumbiu à pobreza sem o principal provedor. Provavelmente ganhou bolsa, já que, na Capital, teve como se dedicar aos estudos de geografia e das línguas inglesa e francesa. Foi ensinada por professoras particulares, ingressa no Colégio Imaculada Conceição em 1877 e concluiu seus estudos na Escola Normal.

Cedo se interessou pela escrita; sua primeira publicação data de 1875, o poema *Soluços D’Alma*. Esse é também o mais antigo encontrado escrito por uma mulher, o que significa que ela é uma das (ou a) pioneira da literatura de autoria feminina no Ceará¹. As perdas de avô, pai e irmão mais velho em datas próximas conferem à escrita de Emília

¹ Essa conclusão foi feita pela professora Cecília Cunha, em seu livro *Além do Amor e das Flores: Primeiras Escritoras Cearenses* (2008).



Prédio da Escola Normal, onde Emília estudou, na avenida Santos Dumont. Foto foi tirada em meados do século XIX (Foto: Arquivo Nirez)

um tom melancólico, que ainda o acompanha nas publicações futuras.

Nos versos, também inseriu traços abolicionistas. Fez parte da Sociedade das Senhoras Libertadoras, ou Cearenses Libertadoras, junto com outras personalidades da época que compartilhavam de seus ideais, como a também escritora Francisca Clotilde.

Publicou em jornais cearenses como *O Libertador*, *Cearense*, *O Lírio*, *A Brisa* e, posteriormente, nos amazonenses *Amazonas Comercial* e *o Revelação do Pará*.

A junção de suas poesias nas folhas dos jornais deu luz ao seu primeiro livro, *Canções do Lar*, editado em Fortaleza, em 1891, na Tipografia Rio Branco - nº38, de Cunha, Ferro e Cia. No ano seguinte, trocou as terras cearenses e ingressou em viagem para o norte do País, fazendo residência em Manaus.

Seu irmão Afonso a acompanhou na jornada. Lá, exerceu o cargo de professora no conceituado Instituto Benjamin Constant. Também em 1892 escreveu seu primeiro romance, *O Renegado*. Porém, apesar de existirem registros sobre sua publicação, ainda não foi encontrada uma cópia dos escritos.

Na “solidão absoluta das margens do rio Negro”², Emília escreveu seu segundo romance, *A Rainha do Ignoto*, em 1899. Um ano depois, com 45 anos, casou-se com o jornalista Arthúnio Vieira e com ele regressou a Fortaleza para divulgar seu livro na imprensa. Viveu com ele até o fim dos seus dias e não há registros de que o casal tenha tido filhos.

O casal fundou em Maranguape, entre o final de 1900 e início de 1901, o grupo espírita Verdade e Luz. Em novembro de 1901, começaram a publicar um jornal de periodicidade quinzenal e de distribuição gratuita intitulado *Luz e Fé*. Essa foi a primeira publicação de caráter espírita do Estado. Com o marido, Emília seguiu um destino de andarilha, passando por cidades da região Norte do Brasil, a fim de divulgar a doutrina espírita, escrevendo em outros jornais religiosos.

Com empenho tão grande quanto o que deu à abolição dos escravos, Emília Freitas dedicou os últimos anos de sua vida à divulgação da doutrina de Allan Kardec. Fundou junto com o marido em Manaus o Centro Espírita Paraense e em Abaetetuba, no Pará, cidade natal de Arthúnio, publicou o jornal *O Progresso*.



Prédio do Colégio Imaculada Conceição, ao lado da igreja de mesmo nome, na avenida Santos Dumont, onde Emília estudou. Foto da década de 1870. (Foto: Arquivo Nirez)

² Na introdução de *A Rainha do Ignoto* Emília diz que escreveu o livro “às margens do Rio Negro”.

Por volta de 1906, Emília retornou a Manaus. “Às margens do rio Negro”, tal como foi a escrita de seu principal romance, a escritora contraiu malária. A doença a levou ao óbito em 18 de agosto de 1908, deixando para trás os feitos e as conquistas de alguém que fez e dedicou sua vida à defesa de ideais.

HISTÓRIAS DE EMÍLIA

PERDAS PREMATURAS

Primeiro seu avô Jacintho. Depois, seu irmão mais velho, João Baptista. Então, quem partia era seu pai.

Ela era jovem, mas as perdas que aquele ano de 1896 a trouxeram envelheceram-a. Ela sabia que as lembranças nunca a deixariam. As memórias daquele lugar que já chamara de lar foram resignificadas. O cenário que a lembrava de brincadeiras de uma feliz infância, agora trazia a ela a dor da perda.

De mãos dadas com a mãe e acompanhada de seus irmãos, ia em direção à barca a vapor que a levaria para a Capital, para longe de Aracati. A família havia ficado devastada com as mortes e não havia lugar para eles naquela cidade. A memória do pai era constantemente difamada pelos políticos conservadores da região³. Sem o patriarca para colocar o pão na mesa, haveriam de trabalhar por si mesmos. Em Fortaleza, imaginavam, haveria mais oportunidades.

³ Seu pai era um homem “sinceramente devotado às idéias livres e democráticas”, conforme o jornal *Cearense*, citado no trabalho de Alcilene Cavalcante em *Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas*, de 2007, e outros jornais da época. Como os políticos da região eram prioritariamente conservadores, havia desavenças políticas.

Emília tinha lágrimas nos olhos após tantas despedidas. A mais recente e que mais a doía era a de seu pai. Um homem culto, de ideias liberais, que não perdia a oportunidade de se impor, mesmo que diante de uma maioria contrária a ele. Ela o admirava muito; dele herdara o amor pela leitura e um senso de justiça que carregaria para toda a vida. A lembrança daquele homem ruivo de feições européias a fazia chorar de saudade. Ela não queria que aqueles olhos azuis tivessem sido para sempre fechados⁴.

Para ela, tinha sido a política que tinha feito o coração de seu pai parar. Os aborrecimentos e os ataques foram demais para o bom homem. A morte de seu irmão mais velho foi mais um agravante para que ele desse um adeus definitivo à família e ao mundo.

*Morreu!... A politica assassina⁵
Cravou-lhe no peito aguda setta!
E sem mais dedicar-lhe uma lembrança
Segui da ingratidão em linha recta.*

*E seus filhos e viúva não tiveram
Uma porta sequer onde bater!
Tragaram em silêncio a pão amargo
Que o triste proletário pode ter.*

*Ninguém os conhecia e muito menos
prestavam-se a menor das atenções
com vista muito baixa eles passavam
por entre essas brilhantes multidões.*

*Que dias e que noites tão amargas
Passadas na pobreza consciente!
Buscando no futuro uma esperança,
Medindo o seu passado com o presente.*

⁴ Informações retiradas da poesia *II Quadro - Meu pai*, do livro *Canções do Lar*.

⁵ Todas as poesias deste livro tiveram a escrita adaptada ao mais recente acordo ortográfico da língua portuguesa para melhor entendimento do leitor.

*Ficaram bem gravadas na minh'alma
Tão feias e cruéis ingratidões,
Que tudo quanto sei contar da vida
São estas desleais e vis ações.
(Canções do Lar, 1891, p. 57-59)*

“Vamos, Emília, depressa!”, a alertou sua mãe. Perdida nas tristes lembranças, andava devagar e a barca já estava a sair. Tinha que se despedir rapidamente da terra em que nasceu. Subiu na barca e olhou a cidade das margens do rio Jaguaribe. Viu ao longe a igreja, à margem esquerda do rio, onde costumava ir com a família em seu vestido de domingo. Mais a frente, via os pastos com gado e os campos de algodão florido em que corria quando era menina — não, não era mais menina. Via as casas em que viveu lembranças⁶. Chorou.

*Ali ensaiei os meus sonhos poéticos;
Ali despontou esta amena alvorada;
Tiveram começo quimeras que aspira
Infância risonha, feliz, animada.*

*Mas, nunca uma vez passou-me por mente
Lembrança que um dia viria a chorar
Por todas as coisas, que outrora nem via,
Talvez esquecidas a um canto do lar!
Que as tristes imagens erguidas do pó,
Viriam falar-me dos anos felizes,
Que tinham a calma das águas da fonte,
Do prado florido os claros matizes.*

*O sol declinava, na tarde em que fomos
Dizer um adeus saudoso e sentido
Aos santos lugares do triste jazigo*

⁶ Emília descreve sua cidade natal na poesia *A Villa União*, presente em seu livro *Canções do Lar*.

Onde as cinzas ficavam de Pai tão querido.

*Entramos tremendo no largo portão...
Buscando seu nome na pedra singela;
Bem junto do muro, caiada de branco,
Eu vi sua campa confronte a capella.*

*Ali de joelhos orando em silencio
A Mãe, que era todo meu bem n'este mundo,
Esteve cercada dos tenros filhinhos
As vezes soltando suspiro profundo.
Voltamos cobertos de luto e de dor!
A noite era escura qual meu coração!
O galo cantou, fizemos viagem,
Deixamos os campos da bela – União.
(A Villa União, Canções do Lar, 1891, p. 51-52)*

A mão trêmula esboçou um aceno. Despediu-se.

DA LEITURA À ESCRITA

Começou a escrever bem nova e pretendia escrever pela vida inteira. Desde pequena via um mundo diferente de sua realidade dentro dos livros, podia imaginar cenários que nem sempre existiam na vida real, cotidiana. Heróis incríveis, histórias de amor de tirar o fôlego, aventuras, finais felizes.

Começou a ler desde pequena, sendo muitos de seus autores preferidos apresentados a ela por seu pai. Sua mãe incentivava que ela lesse, ainda que ela também precisasse dedicar um pouco de seu tempo às prendas domésticas. Criança, brincava nos campos de Passagem das Pedras e União imaginando estar em enredos que lera nos livros. Dividia-se entre os estudos, as leituras e o que a sociedade pedia que ela aprendesse por ser mulher.

Ela era livre na biblioteca de seu pai. Ele deixava que ela pegasse qualquer um dos livros, dos romances aos dramas,

das revistas aos folhetins. As leituras a inspiraram a rabis-car alguns versos⁷. Tinha 20 anos e acabara de publicar seu primeiro poema, *Soluços d'Alma*, em um dos jornais da época. Aquele pedaço dela circulando nas folhas frágeis de jornais e sendo lido pelas pessoas significava muito, já que quase nenhuma mulher tinha essa oportunidade.

Estava em seu escritório, reflexiva. De frente a sua estante, passava os dedos pela lombada dos livros, pensando na importância de cada um daqueles em sua formação, como pessoa, como a escritora que já era e como a que ainda queria se tornar. Victor Hugo, Lamartine, Baudelaire, Eugène Sue, Alexandre Dumas, Gonçalves Dias, Castro Alves, Nísia Floresta, Juvenal Galeno, Amália Franco⁸... Todos eles a influenciaram de alguma forma, puseram um ponto ou uma vírgula em algo que escrevera.

*À tudo que a terra possui de valor
Os – Livros – excedem, são mais preciosos!
Deserto, não chamo, lugar onde os há
Pois fazem os dias do exílio ditosos.*

*Seus belos discursos, nos dão por bem pouco,
São sábios amigos fiéis na desdita;
Se o sono nos falta velando conosco,
Nos falam de coisas que o vulgo não fita!*

*Se habitam palácios, também se acomodam
Na triste vivenda, na humilde morada
Do pobre que os ama, assim como amo,
De seus atrativos, a luz encantada.*

*Para as horas de tédio... ninguém como eles
Nos faz esquecer cruéis sabores;
Erguendo a cortina pesada dos séculos*

⁶ A relação próxima dela com seu pai, inclusive como influenciador no quesito leitura, é expressa em diversas poesias do *Canções do Lar*.

⁸ Autores citados por Alcilene Cavalcante em sua tese de doutorado sobre a autora.

*Nos põem face a face com os nobres autores
(...)*

*Que fonte de gozos não é a leitura
Das obras perfeitas de autores diversos...
Dos Gênios que deixam primores, que levam
A mente a sonhar os raros progressos!*

*Oh! Livros! Oh! Livros! Meus bons companheiros,
No ermo o consolo d'esta alma inditosa...
Ai! quando eu voar para os mundos etéreos
Por vós partirei bem triste e saudosa.
(Os Livros, *Canções do Lar*, 1891, p. 81-82)*

Escolheu um deles e passou lentamente as folhas amareladas. Pegou-o entre as mãos como um bom amigo e sentiu o perfume das páginas como uma amante dos livros. Gostaria que, no futuro, pudesse publicar livros como aqueles e que as pessoas tivessem com as suas letras a mesma relação que tinha com tantos escritores.

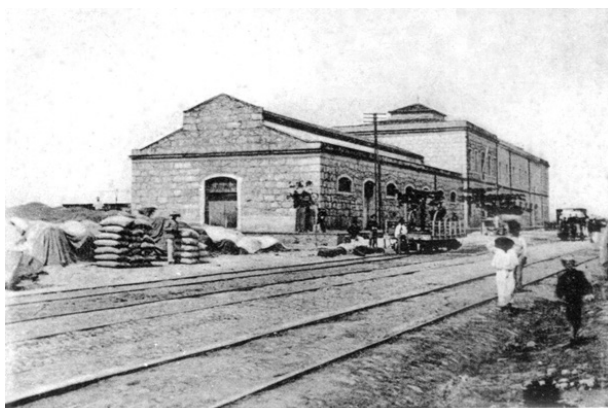
Veio a sua mente uma ideia, palavras que começaram a se formar como uma poesia. Colocou o livro cuidadosamente na estante e tomou a pena.

LUTA POR LIBERDADE

As lembranças que ela tinha de Bárbara⁹ datavam desde quando ela se entendeu por gente. Desde pequena a via varrendo a casa, lavando louças, cuidando dela e dos irmãos com dedicação de mãe. Ela contava as melhores histórias e a colocava para dormir. O amor que ela dava, porém, não era igualmente recebido por ela. A diferença é que ela era escrava. A pele negra a impedia de receber respeito, dignidade e amor.

Emília lembrava da velha escrava herdada de sua bisavó

⁹ Bárbara é citada por Emília no poema *IX Quadro: Babaca (Bárbara)*, do livro *Canções do Lar*.



Alfândega, onde chegavam os produtos e escravos de outros locais a Fortaleza via mar em meados do século XIX. Hoje, é a Caixa Cultural, na avenida Pessoa Anta. (Foto: Arquivo Nirez)

pela família quando lutava pela abolição dos escravos. Dela e de todos os outros negros que via por todos os cantos nas grandes fazendas em Aracati quando era criança. Os versos que escrevia e declamava traziam um pouco da lembrança deles, os discursos que fazia com fervor clamavam pela liberdade dos seus iguais.

Também lembrava de seu pai. Ele que a ensinara a não se calar perante injustiças. Ela o viu lutar pela abolição quando ainda era vivo e queria continuar aquele trabalho, ainda que ele nunca pudesse ver até onde ela chegou.

Aquele dia foi para ela uma conquista pessoal. Naquele dia 24 de março de 1884, viu que seus objetivos tinham sido atingidos, pelo menos em parte. A abolição dos escravos havia sido assinada pelo presidente da província do Ceará naquele entardecer, o ar era de festa. Ainda faltava o resto do País, mas já era motivo para se comemorar.

Incentivada por seus amigos abolicionistas, subiu em um palanque em praça pública. Tinha uma de suas poesias a mão, escrita especialmente para aquele momento. A multidão se calou para escutá-la, olhavam para ela atentos por suas palavras.

*Graças aos Céus, eu vivi
Até a hora em que vi
Minha terra triunfar!*

*Pasmada de tanta gloria!
Nesta estupenda vitória
Minh'alma julga sonhar!
(...)*

*Em criança ouvi outr'ora
O que em tão boa hora
Meu terno Pai nos dizia,
Deus ao dito não se opôs:
Quatorze anos depois
– Eis cumprida a profecia!
E ele já não existe...
Esta festa não assiste,
Para meu estro animar:
Contudo da Eternidade!
Do seio da imensidade,
Vos, manda felicitar!*

*Povo, a quem coube as primícias...
Venho trazer as notícias
Que deu com sinceridade,
Quem outr'ora em grande lida
Deu a pena e dava a vida
Pela santa – Liberdade .*

*Liberto o último escravo,
Diz, que ouviu distinto – bravo!
Nas etéreas regiões,
E os anjos num momento
Voaram no firmamento
Cantando vossas ações!
(...)*

*E eu vejo a – Fortaleza
No seu trono de princesa
Dando lições de moral,
A dezenove províncias
Que se prostram submissas
Aos pés da mestra imortal!*

*(Libertação da Província do Ceará, Canções do Lar,
1891, p. 44-46)*

Terminou a declamação em um riso de alegria e foi aplaudida pelos que a escutavam. Ao olhar a multidão, percebeu que havia negros, mas a maioria era branca. Aqueles ex-escravos que estavam ali, porém, sorriam.

Ainda havia muito a se lutar para que pretos e brancos se misturassem uniformemente e para que a cor da pele não fosse espeçilho. E ela lutaria.

UMA ESCRITORA INVISÍVEL

Tinha apenas 36 anos e, agora, um livro publicado.

Estava ansiosa para buscar seus primeiros exemplares do *Canções do Lar*, fruto de sua produção entre as décadas de 1870 e 1880, na Tipografia Rio Branco - nº38, de Cunha, Ferro e Cia, onde o havia editado. Cruzou o caminho a pé, querendo ver logo seu material publicado. Nas ruas, sequer via as pessoas, já que passava apressada, com um objetivo. Ao chegar, recebeu o pacote embrulhado e sorriu para o entregador, agradecendo. Ainda eram poucas cópias, mas tinha esperança que ainda haveria muitas mais.

A tarde daquele dia foi movimentada. Passou em vários jornais da cidade, deixando um exemplar do livro nas redações. Enviou nos correios algumas cópias para que suas letras viajassem também para outros locais do País. Voltou para casa cansada, ansiosa pelas respostas que viriam.

Sua animação dos dias anteriores havia cessado, em parte. Imaginava que seu livro seria melhor divulgado devido ao seu esforço. Queria que ele tivesse sido citado em pelo menos algumas páginas dos vários jornais que receberam um exemplar.

Não esperava, é claro, que viessem só elogios; sabia que as críticas viriam, ainda mais por ser mulher. Mas já fazia algumas semanas desde a publicação e tudo o que recebera da imprensa e dos especialistas foi silêncio. O jornal *A*

Republica: Órgão do Club Republicano, lá do Pará, ainda publicou uma nota agradecendo o recebimento do livro e informando que fariam uma crítica. Não escreveram, contudo, uma palavra.

Recebeu críticas ácidas da imprensa. Chamaram-a de sentimentalista, de infantil, pontuaram com rigor seus erros. A crítica não a apontava como uma grande escritora e, afinal, nem existiam grandes escritoras que ela conhecesse no Brasil. Será que a julgariam com tanto afinco se fosse um homem?

RUMOREJOS
Canções do Lar
POR D. EMILIA FREITAS

Tenho ás mãos as *Canções do Lar*, por D. Emilia Freitas.
O livro da poetisa aracatyense não se destaca nem pela nitidez do pensamento, nem pela arte.
Em compensação, porém, apreciando o por um outro lado, vemol-o cheio de sensibilidades, n'elle vemos o coração d'uma mulher, d'uma poetisa, que canta muito tímida das lufadas tempestuosas, muito ao recato da lama que forma a sociedade.
E assim é que nas *Canções do Lar* encontramos muita sensibilidade e nada de arte.
Os quadros que D. Emilia apresenta-nos têm a simplicidade de creança, a simplicidade de quem olha o mundo sómente, tão sómente, pelo prisma da ingenuidade.

Eu, leitor, amo por demais esse cantar simples, livre, desafogado dos espartilhos de eschololas e novas eschololas; amo as trovas do sertanejo porque falam sempre ao coração; amo, pois, as *Canções* de D. Emilia, embora tenham muitissimos erros, porque são os trinados de uma ave que tenta soltar melodias, muitas melodias ao alvorecer de fresca manhã.

Mas não sei, nem mesmo me é dado julgar como D. Emilia publicasse imperfeições como essas:

Té que desça do céu em doce riso
Os encantos da luz d'outra estação.
(pag. 129)

Foge d'elle as borboletas
Foge o rocio da manhã.
(pg. 132)

Não te abate os terremotos
Não te açoita a tempestade.
(pg. 135)

E muitos, muitos outros erros. Sobre esses erros grammaticaes tão grosseiros, desço um véo espesso que os encubra, como tambem os de metrificação que correm o pareo com outros não menos fataes ao talento da poetisa.

No meio, porem, d'esses escuros ha clarões resplandecentes, versos optimos, idéas nitidamente escolhidas.

E é por isso que, apesar dos graves tr. peços que embargam o caminho da poetisa á popularidade, eu não deixo de apreciá-la, dar merecido tributo á sua penna fragil, porem sensibilissima.

Mais facilmente o leitor tambem affirma-o á apreciando a simplicidade com que ella canta o berço natal:

Oh! cidade gentil, teu nome caro
De meus labios fugiu como um suspiro,
Como a nota saudosa d'uma flauta
Doce, ao longe, do campo no retiro!

Como agora se agrupam na minh'alma,
Das cinsas do passado resurgidas
Tantas scenas, meu Deus, tantas lembranças
Et tantas illusões de minha vida !...

Na poesia a Ulrica a poetisa reuniu esse lento soffrer e esse desanimo que tantas vezes nos compungem, em dous versos bellissimos, u'uma exclamação verdadeiramente poetica:

Brutos rochedos ! partilhae commigo
A dor que hmanos perceber não podem.

Muitas poesias revelam sensibilidade em extremo, muitos versos acham-se cheios de não pouca belleza, mas abstrahidos de tantos obices, de tantos empecos ao completo desenvolvimento d'uma idéa.

Porem, como disse, não posso deixar de admirar a poetisa, quanto mais que seus cantos são suspiros d'um coração e o seu coração é um cofre de santos sentimentos, de vagas melodias.

Eu, pois, que sempre dediquei veneração immensa á lyra dos que cantam, mergulhados no silencio das noites enluaradas, consagro ás *Canções do Lar* de D. Emilia Freitas, uma verdadeira estima e não menos o verdadeiro respeito que ella elamo justamente com as palavras seguintes:

« Venerai meu livro e eu vos serei agradecida até na eternidade. »

A. CUNHA MENDRES.

Crítica ao *Canções do Lar* publicada no jornal *O Estado do Ceará* publicação diária, em 1891

Sentiu-se triste. Porém, nem por isso deixaria de escrever; era determinada. Estava em 1891 e já tinha planos de o que escrever no ano seguinte. Não calaria sua pena. Escreveria, mesmo que sendo invisível, deixaria sua marca, falaria. Tinha muitos planos para o futuro e silêncio algum os mudaria.

RUMO À AMAZONIA

Estava com seu irmão Afonso Américo em um barco rumo a Manaus. Carregava consigo todas as suas malas, as roupas que mais gostava, os livros e seus adereços preferidos. Carregava também sonhos, esperança e, como em toda mudança, um pouco de temor pelo novo. O nervosismo pode ter transparecido, porque seu irmão mais novo apertou sua mão de maneira encorajadora¹⁰.

Já seguia em viagem há uns dias, era longo o caminho do Ceará à Amazônia. No barco, muitos cearenses como ela iam ao mesmo rumo, talvez com um mesmo objetivo. O ano era 1892 e não eram poucos os que largaram suas casas devido à seca de 1889. O Ceará ainda sofria com os efeitos, as colheitas não estavam com a fartura de outrora. Muitos também iam para a Amazônia na esperança de encontrar futuro na extração de borracha. A região estava evoluindo com rapidez.

Para Emília, além disso, havia o peso da perda recente de sua mãe. Ainda abalada, esperava que o Rio Negro a trouxesse águas novas, um pouco da felicidade que tinha quando vivia às margens do Rio Jaguaribe em sua infância. A verdade é que não estava muito feliz em Fortaleza¹¹. Sentia-se alheia às multidões alegres no meio da cidade. Quis recolher-se.

¹⁰ Seu irmão mais novo, Alfredo, que viajou com ela, era muito seu amigo, como pode ser observado em poesias do *Canções do Lar*. É de se esperar que ele tenha a confortado pelo nervosismo com o novo que viria.

¹¹ Isso aparece em várias poesias desse período de sua vida.

Na Amazônia, esperava continuar escrevendo como havia feito em Fortaleza, e, talvez, que seus escritos tivessem lá uma repercussão maior que tiveram no Ceará. Pensava, também, na possibilidade de ensinar, já que mais escolas estavam surgindo com o desenvolvimento da região.

Seu irmão, animado com a jornada, apontou o cais onde atracariam. Emília avistou ao longe a terra em que viveria a nova vida que planejava. O coração bateu mais forte de nervosismo e, ao mesmo tempo, ansiedade pelo novo.

Conseguia ver outros barcos descarregando caixas e carregamentos de todos os tipos, de mercadorias a materiais de infraestrutura. Via também muitos barcos saindo, carregados de o que ela imaginava ser borracha. Se aproximaram aos poucos das margens e, em alguns minutos, estavam, finalmente, em terra firme.

Ajudaram Emília com as malas e ela olhou ao redor da cidade que chamaria de casa por tempo indeterminado¹². Via uma imagem de desenvolvimento: ruas que surgiam, os primeiros postes de energia e de telefonia e até bondinhos elétricos. Em todo lugar havia obras, tudo se reformava para se tornar mais moderno, com ares europeus. Ela, também, reformava-se.

Havia muita gente nas ruas nas proximidades do porto, mais do que era acostumada a ver em Fortaleza. Os marnaenses eram cordiais com ela, escutou algumas saudações enquanto andava em direção a charrete. Olhando de onde veio, o Rio Negro se expandia por todos os lados, até o horizonte.

Emília subiu na charrete¹³ e continuou olhando a cidade

¹² Ela ainda volta para o Ceará outras vezes durante sua trajetória, indo, depois primeiro desse primeiro período, já com seu marido, em 1900, mesmo ano do casamento.

¹³ Emília Freitas era considerada de classe média. Esse era o transporte mais comum utilizado pelas pessoas dessa classe social à época. Se fosse mais pobre, talvez tivesse a disposição apenas um burro. Se mais rica, talvez uma carruagem.

por onde passava. Começava, então, uma nova vida.

RAINHA DE SI MESMA

Sentava-se às margens do Rio Negro, completamente só. De papel e pena na mão, começava a escrever o romance de sua vida, *A Rainha do Ignoto*.

Meu livro não tem padrinho assim como não teve molde. Tem a feição que lhe é própria sem atavios emprestados do pedantismo charlatão. Não é, tampouco, o conjunto das impressões recebidas nos salões, nos jardins, nos teatros e nas ruas das grandes cidades; porque foi escrito na solidão absoluta das margens do Rio Negro, entre as paredes desguarnecidas de uma escola de subúrbio.

(*A Rainha do Ignoto*, 2003, p. 29).

Aos 44 anos, Emília queria escrever sobre questões que a incomodavam na sociedade como um todo, incorporar na escrita as dificuldades que mulheres viviam, as impossibilidades, as restrições. Revoltava-se com as tantas mulheres que sofriam violências diariamente, queria uma história diferente para as tantas que morriam sem poder viver. Gostaria que fosse possível um mundo completamente diferente, onde tudo era possível. Onde mulheres poderiam ser donas de si. Livres.

A pouca liberdade feminina já a incomodava há tempos. Sua luta somada com a de tantos outros havia conseguido libertar os escravos. As mulheres, porém, continuavam com seus grilhões.

*Quebram-se os grilhões; hoje só falam
Na luz, no progresso, em libertar;
Mas buscam como sempre duramente
O gênio da mulher agrilhoar!
Aquele que disser “eu também penso
Deve-se pra sempre renegar*

Qu'importa que sua alma seja nobre,
Que tenha atributos de bondade?
Que apure em seu grande coração
Sentimentos de rara humanidade?
Voram contra tudo que as distinguem,
Querem da mulher a — necedade¹⁴!!

E a pobre infeliz nunca abre um livro,
O dia leva todo em se adornar,
Para bem merecer se faz mesquinha,
E só disforme assim pode agradar...
Mais tarde... meu Deus, que arguições!
— A mãe nem sequer sabe educar!

Mas ela cujo olhos são vendados
Que deve vegetar e não viver
Como pode na dor dos sacrifícios
Sua bela missão compreender?
Se lhe negam sem dó o pão do espírito
Se lhe fecham as portas do saber!

E o tempo! Brada forte a consciência
Quero da mulher a perfeição!
Deixem que ela vá, livre de estorvos,
Com os sábios ditames da razão
Princípios de justiça e de verdade,
Beber na fonte da pura Instrução
(E' Tempo, Canções do lar, 1891, p. 202)

No mundo de Emília, havia uma rainha. Ela trabalhava junto com suas paladinhas ajudando outras mulheres que foram vítimas de violências, da solidão e do desamor e combatendo injustiças. Viajavam por todos os locais para cumprir sua missão e, em cada canto, se disfarçavam com máscaras e pseudônimos. Eram a cada lugar uma mulher diferente tendo, porém, os mesmos ideias.

¹⁴ Ato, dito ou afirmação que traduz falta de inteligência ou ignorância.



Ilustração representando a Rainha do Ignoto conforme descrições do livro.

Essas mulheres eram fantásticas. Desenvolviavam habilidades profissionais consideradas apenas de homens, eram cientistas, médicas, engenheiras, bombeiras, musicistas, escritoras e o que quisessem ser. Utilizavam-se de recursos tecnológicos e mesmo de transmutação, hipnose e invisibilidade. Podiam tudo.

Nesse mundo, mulheres não apenas assentiam, como era esperado. Não concordavam mudas ao que lhes era repassado. Questionavam.

Julga você que a boa educação consiste somente em saber botar um espartilho, atacar um cinto, fazer um bonito penteado, cobrir as faces de pós de arroz, os lábios de carmim, calçar umas luvas, conhecer os artigos da moda, tocar um pouco de piano e dançar quadrilhas e valsas? Há outros modos de conhecimento muito mais necessários. [...] quero

dizer que a boa educação nem sempre tem a felicidade de sentar-se nas cadeiras estufadas dos ricos salões, costurando ou lendo à luz do candieiro de querosene.

(A Rainha do Ignoto, 1980, p. 53)

Emília conseguia ver esse mundo impossível, fantástico, com todas as cores e nuances. Porque conseguia imaginar que era possível um mundo em que mulheres fossem de fato protagonistas e tivessem força e espaço para lutar, pudessem ajudar umas as outras e viver em harmonia. Acreditava que ele pudesse ser real um dia, ainda que ela talvez não vivesse para vê-lo.

Tinha consciência do impacto que aquela sua história poderia causar na sociedade, o estranhamento. Sabia que poderia receber críticas duras como já havia recebido antes por outros escritos. Podia receber também algo pior que isso: o silêncio. Nenhum reconhecimento para o seu esforço.

Sentiu o vento que balançava a copa das árvores e fazia ondular de leve as águas do Rio Negro. O vento normalmente exprime a ideia de liberdade. Inspirada, colocou-se a trabalhar.

COM TODA A ALMA

Escutava pedras batendo contra as paredes de sua casa, pessoas também gritavam, reprimindo o que ela e seu marido, Arthúnio, que havia conhecido em Manaus, estavam fazendo. Belém, tradicionalmente católica, como eram todas àquela época, na década de 1900, se assustava com os sessões espíritas que o casal organizava¹⁵. Assustavam-se com a força que a religião estava ganhando, com novos fiéis surgindo.

¹⁵ O casal teve, de fato, a casa apedrejada devido às convicções religiosas, conforme pesquisa de Alcilene Cavalcante, em *Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas*, de 2007.

Emília e Arthúnio estavam conseguindo dar força ao espiritismo em Belém, como já haviam feito em Fortaleza e em Maranguape. Lá criaram o Centro Espírita Paraense e circularam jornais espíritas, como o *Luz e Fé* (1901), criados por eles ainda em Maranguape, e a revista *Sofia* (1902), de berço paraense.

A recepção da sociedade no geral não era das melhores, já que a prática era condenada. O casal recebia a rejeição em casa, vinda com pedras, gritos e vaias. O objetivo deles, porém, estava sendo alcançado: a divulgação estava tendo efeito, as sessões se tornavam cada vez maiores, precisando até de uma casa maior para acontecer. A experiência que tiveram com a religião era repassada e as palavras de Allan Kardec¹⁶ ficavam mais conhecidas a cada encontro, a cada jornal publicado.

Algumas pedras não eram capaz de derrubar Emília nem gritos fariam com que ela desistisse de continuar uma missão que seguia com toda a alma. Tornara-se andarilha com o objetivo de fazer com que a palavra fosse ouvida e conseguira um companheiro para acompanhá-la nessa jornada, alguém que acreditava nos mesmos ideais que ela. Seguiria, então.

O espiritismo veio para Emília como missão. As experiências de sonhos e pressentimentos que teve ao longo de toda a vida se explicaram quando teve conhecimento da religião por meio dos livros. Conseguia ter um consolo, escutar e entender as tantas pessoas que ela amou e que haviam ido embora dessa vida terrestre. Com as sessões espíritas, tinha-os perto e podia matar a saudade que a apertava e constantemente escorria para seus versos.

*A noite estava linda! Adormeci,
Pensando no céu, como na infância
Quando as tardes passava entre as roseiras*

¹⁶ Codificador do Espiritismo, também denominado de Doutrina Espírita

Confundindo minh'alma com a fragrância

*D'uma nuvem, da lua, ou d'uma estrela
Pareceu-me descer um querubim
Que no espaço estendendo as brancas asas
Veio triste posar junto de mim
[...]*

*E depois de beijar-me a fronte fria
Bem junto de meu leito ajoelhou:
Conheci minha mãe! Oh! Sim, foi ela!
Que por entre soluços exclamou:*

*“Morrer, minha filha, é desprender-se
Do mundo cruel, tirano e forte!
Viver é ficar presa no laço
Que chama-se vida sendo morte”*

*E as lágrimas caíam como orvalho
Sobre a sua roupagem de cetim
Mas se tinha tristeza, se chorava
Não era por si, era por mim*

*Ergueu-se de novo e foi subindo
Ao lado do anjo, ainda chorosa
E, enquanto subia ia lançando-me
Uma chuva de pétalas de rosa*

*Acordei. Era o vento, que gemia
Zunindo pelas frestas dos telhados
E o sino da Sé que convidava
Os fiéis para a missa de finados
(Visão Sombria, Canções do Lar, 1891, p. 223)*

O barulho tornou-se mais alto, os gritos mais estridentes. Tentavam adentrar a casa. Perceberam então que não eram apenas cidadãos comuns, também a Polícia intervinha. Emília e Arthúnio correram para se esconder, temendo a repressão.

Entre respirações desreguladas, olharam um ao outro, cúmplices. Não se arrependiam de nada.

RELATOS DE QUEM CONHECEU

SEIS ANOS DEDICADOS A EMÍLIA

O encontro de Alcilene Cavalcante com Emília se deu por meio de muita pesquisa. Seis anos, mais especificamente. Tempo em que a professora de história da Universidade Federal de Goiás (UFG) se dedicou completamente a esmiuçar a vida e obra de alguém que viveu quase dois séculos antes que o dela. Cruzou o Brasil, passando pelas cidades em que Emília passou, procurando bibliotecas e arquivos onde poderia achar mais informações sobre ela.

“Fiquei muito impressionada com a escritora, com o protagonismo dela no século XIX, de criticar a escravidão, criticar a violência contra mulheres, usar elementos da literatura fantástica”, contou, em uma conversa por telefone — devido à distância entre Ceará e Goiás — de cinquenta minutos, daquelas de deixar a orelha quente.

Alcilene descobriu Emília na busca de um sujeito feminino que viveu no século XIX para a construção de sua tese de doutorado — que hoje é o livro *Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas*, publicado em 2007. Apesar de ser paulistana, topou com alguém que nasceu no mesmo lugar que sua família, o Ceará. A família também foi migrante, como Emília.

Existe esse paralelo que pode ser traçado entre a vida das duas mulheres tão distantes uma da outra temporalmente. Isso e vários ideais compartilhados. “Os temas que ela trata na literatura são para mim muito caros: a denúncia da escravidão e a violência contra a mulher”, justifica. “Ela foi uma mulher que, no período em que as mulheres tinham uma vida muito restrita ao âmbito doméstico, con-

seguiu subverter isso e, mais que isso, usou a pena e a tinta para denunciar aquela sociedade que reprimia as mulheres, que escravizava”, pontua.

Encontrar dados sobre Emília, porém, não foi tarefa fácil. Ainda não é. “Realizar trabalhos biográficos de mulheres no Brasil é arqueológico. É desesperador você examinar arquivos, acervos e acervos e não encontrar nada, não ter registros”, relata. Ela lamenta não ter conseguido encontrar fotos da escritora e o livro *O Renegado*, que ainda hoje, 11 anos após a conclusão de sua pesquisa, não foi localizado. Mas tem esperanças de que, algum dia, um exemplar ainda será encontrado. Considera que as pesquisas crescentes sobre a autora nos últimos anos devem ajudar.

Segundo Alcilene, ela não “conheceu” Emília, mas pôde vislumbrar um “vulto” da escritora. “Eu consegui ver um vulto da Emília, ver um perfil dela. E eu gostei muito, é uma personagem que eu super respeito, ela foi uma super mulher, deve ter ralado muito, deve ter sido muito injustiçada, porque era uma mulher que estava em um não-lugar. Eu não sei se havia um lugar para mulheres com um perfil dela”, afirma.

Ela diz que, ao conhecer Emília, pôde perceber que as conquistas, sobretudo com relação aos direitos femininos, não vem do presente e que nós não somos “modernos”. “Eu vi que essas mulheres já estavam batalhando desde sempre. Essas mulheres enfrentaram um sistema nacional. Isso é incrível, muda completamente essa visão de que ‘tudo é o presente, nós é que somos modernos’... imagina”, ri.

“Ela é um ícone de resistência feminina para mim. Ela é um emblema de mulheres que resistiram a uma ordem de dominação masculina, do engajamento político das mulheres no século XIX”, define Alcilene sobre a personagem deste capítulo. “Acho que a Emília Freitas é uma mulher que mostra como as mulheres ao longo da história criaram maneiras para superar a opressão”, resumiu. A ligação terminou não sem muitos agradecimentos.

DAS ESTANTES EMPOEIRADAS

Constância Lima Duarte foi simpática ao atender o telefone após as correspondências por e-mail durante mais de uma semana, enquanto eu tentava encontrar um espaço em sua agenda lotada para uma entrevista. A ligação entre Fortaleza e Minas Gerais não foi tão demorada, mas foi repleta de sorrisos, que podiam ser sentidos apesar dos milhares de quilômetros de distância.

Emília Freitas pulou de uma estante empoeirada para a vida de Constância, surpreendeu-a a sair de dentro de uma gaveta enquanto a pesquisadora revirava arquivos de livros e documentos em Recife e em Fortaleza, ela conta. A professora aposentada de literatura brasileira da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) buscava mais um personagem para um livro sobre mulheres na literatura. Ao se deparar com a autora, abraçou-a.

“Como outras escritoras que ficaram muito tempo esquecidas, muito tempo sem serem lembradas, não é fácil recuperar uma história de vida”, justifica. Em sua pesquisa, focou principalmente no trabalho literário de Emília, não pôde focar em entrar em uma busca desvairada sobre a vida da escritora. “Tenho muito pouca informação sobre vida porque não é fácil. Para encontrar informações teria que se deter muito em arquivos”, diz.

O que mais chamou a atenção da pesquisadora foi o romance *A Rainha do Ignoto*. Ela, inclusive, se dedicou junto com Alcilene a uma reedição do livro pela editora Mulheres — antes a única que existia era uma editada pelo poeta Otacílio Colares, de 1980 — por meio de escritos originais que foram encontrados. “*A Rainha do Ignoto* é muito mais que um romance psicológico, ele pode ser considerado uma das primeiras ficção científica”, classifica, admirada com o trabalho precursor da escritora.

Como ocorre com outras pessoas que tentam pesquisar sobre mulheres do século XIX, a maior dificuldade foi achar

informações. “Os acervos estão, em sua maioria, muito desorganizados. A literatura das mulheres não era valorizada no final do século XIX, no século XX. A impressão que eu tenho é que foram deixadas de lado essas histórias”, lamenta. Relata que, apesar de já saber das dificuldades que encontraria previamente, esperava conseguir encontrar mais. Queria ter conseguido mais.

Ela admira o trabalho de Emília principalmente pela criatividade e pela inovação na escrita, utilizando em sua literatura referências que ainda não eram comuns no Brasil. “Ela tem muita perspicácia, como de uma pessoa que tivesse leitura de escritores estrangeiros da época”, afirma. “Se você olha a literatura da época, não tem nada parecido. É muito de vanguarda, muito inovador. O que eu considero é que ela foi uma das principais escritoras de seu tempo”.

Constância fala sobre o apagamento que Emília teve perante a crítica, tendo sua literatura esquecida por anos. Ela cogita que isso pode ter acontecido justamente devido à inovação de sua escrita, somado ao fato de ela ter sido uma escritora mulher. “Talvez o fato de ela ter rompido com os padrões da época do que se esperava de literatura feminina tenha intimidado a crítica, que não sabia como classificar. Ela não era uma escritora romântica como as demais”, considera.

Não ter encontrado um exemplar de *O Renegado* é uma das principais frustrações da escritora. Mas ela tem esperanças de que alguém ainda vai encontrar. “[Pode estar em] estantes bem empoeiradas, arquivos perdidos que muitas vezes a gente nem tem notícia. O fato de eu não ter encontrado não quer dizer que não existe. A pesquisa, o documento, também encontra o seu pesquisador”, acredita.

“Conheci pouco [sobre Emília], ainda há muito mais o que fazer. Mas esse pouco é muito para uma escritora do século XIX”, destaca. “Ela fez com que eu admirasse ainda mais a escrita feminina. Cada nova antiga escritora que surgia na minha vida me fez ficar mais interessada pela au-

toria feminina”, conta, sobre a pesquisa para o livro.

Aproveitou para denunciar a história da literatura, que exclui autoras mulheres. Criticou que as mulheres só começaram a ser vistas como autoras a partir de 1930, com escritoras como Rachel de Queiroz e Cecília Meireles, mas que muitas outras existiram antes delas. “É uma pena, nós só conhecemos a literatura produzida por homens. Mesmo as escritoras tendo algum sucesso em vida, quando elas morrem parece que morre junto a obra, enterram junto com elas”, coloca.

Ela terminou pontuando que Emília é uma escritora que merece ser mais conhecida “pela obra que deixou, pela criatividade literária de seus textos, pela contribuição que deu à literatura brasileira de autoria feminina”. No fim da conversa, ela me dedicou boa sorte para a pesquisa. Pensando bem, tive mesmo bastante sorte.

Francisca Clotilde



Magnólia

As flores de magnólia florescem com ousadia e são de grande porte. Devem ser cultivadas no sol, precisam de amplo espaço. O perfume característico é percebido, mesmo à distância.

150 QUILÔMETROS DE HISTÓRIAS

Para achar Francisca, percorri os 150 quilômetros que separam Fortaleza da cidade em que ela viveu por último, Aracati. Tive atrasos, perdi o ônibus e cheguei mais tarde que o planejado. As três horas de ida e três horas de volta valeram a pena pelas histórias escutadas naquela segunda-feira. Pela conversa gostosa na calçada, com vento no rosto. Pelo café quentinho com bolo no fim da tarde, já quase na hora de voltar para a rodoviária. Pelos livros e memórias guardadas, separadas cuidadosamente para mim na mesa da sala. Pelo cuidado com um legado centenário, que se transmite no sorriso e no olhar dos familiares.

A bisneta de Francisca Clotilde, Rosângela Ponciano, recebeu-me logo no desembarque do ônibus. Aceitou passar devagarinho pela parte histórica da cidade, mostrando cada casa importante. Visitei o teatro que ganhou o nome de Francisca, que, além de jornalista, foi dramaturga. Vi as paredes cor-de-rosa da casa em que um dia ela morou e onde fundou o Externato Santa Clotilde, em 1908. Passei pela fachada do Solar das Clotildes, associação cultural criada pela família em homenagem a ela. Ganhei até um suco de tamarindo famoso na cidade, uma receita secreta da família Ponciano.

Tive oportunidade de escutar uma das netas de Francis-

ca Clotilde, que chegou a conhecê-la, ainda que tivesse apenas três anos de idade na época em que perdeu a avó. As memórias precisaram do incentivo de Rosângela, alguém que escutou as histórias por toda a vida, para se mostrarem. Aos poucos, pude ver um pouco do que Francisca foi, além das informações bibliográficas. Antes de ser uma das primeiras mulheres a ousar se fazer ouvir na imprensa do século XIX e uma das principais educadoras do Ceará, foi gente. Filha, mãe, avó, bisavó e o amor de alguém.

Já em Fortaleza, pude encontrar outra neta, dona Angelize, que em seus 94 anos não pôde mais que me sorrir com os olhos. Ela teve aulas com Clotilde até seus 11 anos, os cadernos com os ditados feitos com letra caprichosa me foram mostrados por seus filhos. Eles me contaram também da dificuldade que tiveram em descobrir a história da própria bisavó. Devido ao fato de Francisca ter tido filhos fora do casamento convencional, por muitos anos, falar sobre a vida pessoal dela foi um tabu.

A maior parte das lembranças de Francisca está na fragilidade dos papéis. Nas poucas páginas de um diário guardado pela família, nas edições da revista *A Estrella* encadernadas e guardadas com zelo, nas fotografias e nos livros de pesquisas, como este. Muito foi levado pelo tempo e pelas águas do rio Jaguaribe¹, em suas cheias que inundavam a cidade até as canelas e carregavam tudo que havia pela frente. Muito permanece.

O que existe acumulado sobre Francisca Clotilde hoje, ainda que pouco considerado ao que já foi, existe por meio da dedicação de familiares em cavucar o passado, remexer as gavetas, tirar a máxima informação possível do fundo do baú para reconstruir uma narrativa, uma história: a de Francisca, ou Chiquinha, para os entes queridos.

Nas próximas páginas, tento, ainda que com humildade,

¹ Uma das cheias do Rio Jaguaribe em 1960 alagou a cidade de Aracati. Muitos documentos de Francisca foram perdidos na época.

Casa em que
Francisca
Clotilde
morou e
fundou o
Externato
Santa
Clotilde



fazer o mesmo. Que a vida desta mulher de múltiplas facetas — jornalista, poetisa, dramaturga, professora, contista, articulista, abolicionista... — seja contada.

BREVE HISTÓRICO

A história começou em 19 de outubro de 1862, na Fazenda São Lourenço, em São João dos Inhamuns, atualmente, Tauá, a 337 quilômetros de Fortaleza. Nasceu Francisca Clotilde Castelo Branco Correia Lima, que posteriormente se assinaria como Francisca Clotilde Barbosa Lima ao adquirir outro sobrenome com o casamento. Veio de família abastada, filha de João Correia Lima e Ana Augusta Castelo Branco (conhecida como Ana Maria). A criança, que nasceu durante um surto de cólera no Ceará, teve quatro irmãs: Maria Emília, Maria Conceição, Edwirges e Maria José.

A dureza da seca da década de 1870 fez com que a família se mudasse para Baturité, a 100 quilômetros da Capital e 311 quilômetros de sua cidade natal. Lá, ela teve seus primeiros estudos com a professora Ursulina Furtado. Então, foi para Fortaleza, onde estudou no Colégio da Imaculada Conceição, local de ensino para garotas da elite ou da classe média entre 1877 e 1880. Já aos 14 anos, fez sua primei-



Francisca Clotilde. Foto da primeira metade do século XX. (Foto: Arquivo pessoal Rosângela Ponciano)

ra publicação em um jornal. Sua poesia *Horas de Delírio* figura na edição de 1º de fevereiro de 1877 d' *O Cearense*.

Assim que terminou os estudos no Imaculada Conceição, casou-se com Francisco de Assis Barbosa Lima, em 1º de novembro de 1880, aos 18 anos. Porém, no final da mesma década, seu marido desapareceu por razões que não são conhecidas. A mulher se apaixonou pelo capitão Antônio Duarte Bezerra, com quem viveu um romance até 1893, quando ele morreu. Com ele, criou quatro filhos: Maria, Arquimedes, Aristóteles e Antonieta Clotilde. Posteriormente, voltou para seu marido, com quem teve outra filha, Ângela. A família não tem precisão sobre a data dos acontecimentos.

Em 1882, Francisca tomou a decisão de seguir a carreira no magistério, onde seguiu até sua morte, com 73 anos. Foram 50 anos de ensino. Decidiu ingressar como professora na Escola Normal do Ceará, tradicional colégio dirigido e orientado exclusivamente por homens. Tornou-se, então, a primeira professora mulher da escola, ensinando Pedagogia e Metodologia.

Saiu da instituição no início da década de 1890 e anunciou o Externato Santa Clotilde, dirigido por ela primeiramente em Fortaleza, depois em Baturité e, por último,

em Aracati. Não se sabe com certeza porque ela saiu da Escola Normal. A família acredita que seja devido às manifestações da mulher na imprensa, contrária à oligarquia Accioly². Não há documentos que provem a hipótese.

Francisca participou intensamente da imprensa. É a autora que mais publicou no século XIX e na primeira década do século XX, em meio a um cenário quase exclusivamente masculino. Seus textos aparecem em jornais como *A Quinzena*, *O Libertador*, *Gazeta do Norte*, *O Domingo*, *A Evolução* — do qual é co-fundadora —, *O Combate*, *Ceará Ilustrado*, *A República*, *Almanack do Ceará*, entre muitos outros.

Assinava seu nome de maneiras diferentes — F.C.B.L, F. Clotilde, Francisca Clotilde... — e, às vezes, se escondia atrás de um pseudônimo, Jane Davy. Publicava contos, artigos, poesias, folhetins, peças de teatro. Se posicionava politicamente sem papas na língua. Foi abolicionista e falou sobre a crueldade da escravidão nos tempos de senzala e casa grande.

Ela publica em 1889 o livro *Lições de Aritmética*, com objetivos pedagógicos, para a Ala Feminina da Escola Normal. Publicou também *Colleção de Contos* em 1897, com 42 contos. Em 1902 publicou sua principal obra: o romance *A Divorciada*. Por meio desse livro, se tornou mais conhecida e, também, mais criticada. Foi pioneira em abordar a temática do divórcio, 75 anos antes de a prática ser permitida por lei. Teve, ainda, dois livros infantis publicados após sua morte: *O Natal de Sabina* (1972) e *Tintino - O Espetáculo Continua* (1976).

Juntamente com Alba Valdez, fundou a primeira agremiação literária feminina do Ceará, a Liga Feminista Cearense, em 1904. Sua filha Antonieta Clotilde seguiu seus passos na escrita e fundou a revista *A Estrella* em 1906,

² A família Nogueira Accioly passou 16 anos no poder no governo do Ceará, entre os anos de 1896 e 1912.

uma publicação que durou um tempo elevado, considerando a efemeridade dos jornais da época. A mãe, orgulhosa, colaborou assiduamente durante os 15 anos da revista, estampando um soneto na capa em quase todas as edições, todas até 1910.

Em 8 de dezembro de 1935, um colapso cardíaco tirou a vida de Francisca Clotilde. Morreu em Aracati. Deixou seu legado por meio dos escritos, das barreiras quebradas por ela por toda a vida dentro de uma sociedade patriarcal, pelas lutas incentivadas — por exemplo, o direito da mulher ao voto e à participação política — continuadas por outras mulheres, muitos anos após sua morte.

HISTÓRIAS DE FRANCISCA

FORÇA DA UNIÃO

A sala de reunião aos poucos se enchia de mulheres que, como ela, queriam lutar por um ideal: a abolição da escravidão.

A Sociedade das Senhoras Libertadoras, presidida por Maria Tomásia Figueira Lima, se reunia com frequência naquele lugar. Juntas, mulheres de diferentes idades debatiam como contornar aquele problema que as incomodava. Organizavam eventos para falar à sociedade sobre a importância de dar liberdade aos negros. As que, como Francisca, tinham afinidade com as letras, escreviam versos denunciando a situação e publicavam na imprensa. A jornalista era colaboradora assídua d’*O Libertador*, um jornal da Sociedade Cearense Libertadora.

Francisca já era abolicionista antes de tornar-se de fato. Ela via desde nova escravos trabalharem para pessoas como ela: gente branca, de família rica, de posses. Ela já tinha 25 anos, mas não entendia, tanto quanto quando era criança, que diferenças tão discrepantes a separava deles. A cor da

pele? Por que, por ser branca, ela tinha o direito de ser servida? Por que, por serem negros, eles não tinham liberdade? Era simplesmente injusto, errado, ela não gostava nada disso.

Ela começou a se mobilizar contra a escravidão em 1882, quando percebeu que os ânimos na província em que vivia se agitavam no sentido de uma abolição da escravatura. Já se defendia isso nos jornais, pessoas criavam grupos para realizar ações, fazer discursos em prol da libertação dos escravos. Uma questão social que sempre a incomodou tinha potencial agora para ser modificada. Ela queria fazer parte dessa mudança.

O primeiro espaço que encontrou para fazer sua voz ser ouvida sobre o assunto foi no jornal *Gazeta do Norte*, no dia 6 de agosto de 1882. Publicou sua poesia *A Liberdade*, era como podia se expressar.

*Somem-se as trevas horríveis
Além desponta uma luz
É a liberdade que surge
Nos horizontes azuis.
Dos lábios puros de um mártir
Nasceu repleta de luz
Traz em seus lábios a paz
É santa... Vem de Jesus!
Tem por preceitos sublimes
O amor, a caridade,
É grande, imensa divina;
Esta sublime deidade.
A sua voz poderosa
Faz heróis na mocidade.
Todo aquele que a defende
Tem por templo a eternidade.
Ergue o seu braço potente
Sua bandeira hasteou
Lutando com a tirania
Foi heróica e triunfou.
Aos vis, infames negreiros*

Seus nobres filhos mostrou
E o captiveiro maldito
Seus pés baqueou.
Qual a Judith da história
Que a seus irmãos libertou
Com um heroísmo sublime
A Holofernes matou

Na pátria de Tiradentes
A liberdade raiou
É grande, heróica altaneira
O cativeiro esmagou.
No Brasil, pátria de heróis
Não deve haver mais escravos
Não deve esta mancha negra
Tingir a frente de bravos.
Ei! Oh! Moços cearenses
Avante, avante, marchai,
De nossa Pátria querida
O cativeiro expulsai!
Coragem! Marchai sem medo
Unidos, vos dando as mãos
É belo dizer sorrindo:
Todos nós somos irmãos.
Tereis depois do combate
Os louros verdes da glória
Que os heróis sempre revivem
No grande livro da história.

(A Liberdade, *Gazeta do Norte*, 6 de agosto de 1882)

Aquela reunião ocorria em março de 1884, pouco depois de a escravidão ser abolida no Ceará. Os rostos antes tensos, firmes, que não cediam perante a luta, se encontravam mais relaxados após a conquista.

A satisfação de Francisca se traduziu em versos, que publicou no *O Libertador* no dia 24 de março de 1884, na data da abolição. Lá, agradeceu aos esforços dos que, como ela, lutaram para ver aquele dia.

O fim é este! Ousados Paladinos
Chegaste ao tabor cheios de glória
E a frente ides alçar ao som dos hinos
Aos cânticos festivos da vitória
Ressoe o brado augusto da amplidão:
Aqui hoje se estreita um povo irmão!

É livre o Ceará, reina a igualdade;

Livres somos! Triunfa a nobre Ideia!
Imensa se levanta a liberdade
Vencendo aos belos cantos da epopéia
Rompe as brumas e a loura alvorada
E a aurora de Deus, surge abrasada.

(O Ceará é livre, *O Libertador*, 24 de março de 1884)

Apesar da alegria, não era momento para parar. As mulheres não se permitiam um descanso. Ainda havia um Brasil inteiro para libertar. A conquista era incrível, mas ainda era hora de arregaçar as mangas. Pelo menos, sabiam que continuariam na luta juntas. Francisca olhou para aquelas companheiras que seguiam junto dela na nessa luta, cada uma dando tudo o que podia de si mesma.

O que conseguiram foi porque estiveram unidas, uniram suas vozes em um grito pela liberdade. Aquilo deixava Francisca motivada. Ainda viriam muitas outras causas pelas quais, junto com outras mulheres, ergueria a voz.

O AMOR E A DESPEDIDA

Fazia pouco tempo que seu maior amor havia morrido. O ano era 1894 e seu coração estava em pedaços.

Francisca ia ao cemitério levar flores à lápide de Antônio Duarte Bezerra. Precisava fazer aquilo de forma discreta, seu luto não era aceito e acolhido pela sociedade como o de uma mulher que perde seu marido. As pessoas não olhariam para ela com solidariedade se ela vestisse o preto: não

era, afinal, viúva. Mas seu coração doía tanto, tanto! Em casa estavam seus pequeninos, frutos daquele amor. Agora, eles não tinham mais alguém para chamar de pai.

Conhecera seu Capitãozinho³ em 1886. Ele tinha tudo a ver com ela, os mesmos interesses, a mesma profissão, mesmos ideais a defender. Era professor do Liceu, logo ao lado da Escola Normal, onde ela lecionava. Se viam entre uma aula e outra, conversavam sobre aritmética, alunos e trabalho. Se tornaram grandes amigos, até perceberem que o que havia entre eles era, na verdade, amor.

O problema é que ela já era casada. Casou-se com Francisco de Assis Barbosa Lima em 1880, ainda muito nova, apenas com 18 anos. Um casamento arranjado pela família. Nos poucos anos que estiveram juntos, ela percebeu que não o amava como era descrito nos folhetins da época e nas revistas literárias. Descobriu que ele era viciado em álcool e em jogatina. Em algum dia, sem mais explicações, ele sumiu, deixando dívidas e contas para pagar⁴.

Apesar de casada com outro no papel, deixou-se enamorar por Duarte Bezerra. Um ato movido por amor, simplesmente. A reação da sociedade perante aquilo foi de julgamento: um absurdo! Até a família virou as costas a Francisca perante tal atitude. Mas ela não se arrependia, vivia um amor verdadeiro, amava e era amada.

Viveram anos incríveis, ela e seu Capitãozinho. Escreveram juntos o jornal *A Evolução*, tiveram filhos, riram, trocaram confidências, se amaram. Porém, por pouquíssimo tempo.

Ela chorava por ter tido tão pouco tempo com seu amor, oito anos era pouco demais para o tanto que ela queria viver ao lado dele. Muitos projetos foram deixados pela metade, quatro vidas — a dela e de seus três filhos — sem

amparo. Agora não restava mais o que fazer, tudo o que ela podia dá-lo eram aquelas rosas, suas lágrimas e suas orações.

Diante do túmulo, sentiu saudade. Pousou a mão sobre a pedra áspera da lápide e as flores sobre o chão de terra batida. E chorou. “Meu Deus, cuida bem do meu Capitãozinho”, rezou, incessantemente. Tirou um terço do bolso para orar por seu amor, para que ele estivesse bem no céu, mesmo que longe dela.

Um cheiro forte de rosas tomou conta de suas narinas, como se ela estivesse em um campo floral; não era o perfume daquelas flores que ela havia levado para ele, era muito mais forte. Escutou a melodia mais doce e suave que já havia ouvido⁵. Algo que a fez sentir paz por um instante. Mas ninguém tocava nenhum instrumento próximo a ela, ela estava só naquele cemitério.

A música vinha da lápide, ela constatou. O perfume também. Era um sinal, era a presença dele ali! Era ele falando para que ela não esmurecesse, que não deixasse que as dificuldades do dia a dia lhe abalasses. Ele não podia mais pegar suas mãos e dizer-lhe que tudo ficaria bem. Mas estava alí, naquela melodia, naquele perfume. Um sinal.

Ela sorriu. Não estava sozinha.

SALA DE AULA COMO CASA

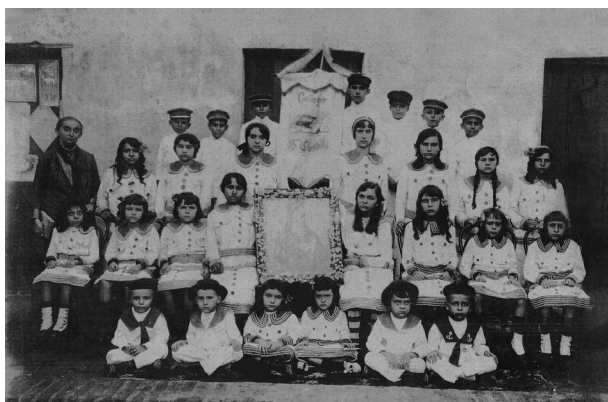
“O Brasil é o primeiro país da América. Tem florestas magníficas. É banhado pelo Oceano Atlântico, riquíssimo em minas e é uma República Federativa. Possui verdadeiras maravilhas. Fica quase todo na zona dos trópicos”⁶, ditava para uma sala cheia de meninos e meninas.

³ Francisca chama Duarte Bezerra por esse nome em seu diário, de forma carinhosa.

⁴ Essa é a versão contada pela família. Coincide com a história da personagem de seu livro *A Divorciada*.

⁵ Esse episódio é narrado no diário de Francisca Clotilde.

⁶ Texto do caderno de estudos de Angelize de Castro Bezerra, neta e aluna de Francisca Clotilde.



Francisca Clotilde e seus alunos do Externato Santa Clotilde em 06/06/1917 (Foto: Arquivo pessoal Rosângela Ponciano)

Aquilo não era tão comum naquele tempo, ela foi a primeira a ousar ensinar aos dois sexos um mesmo conteúdo, em uma mesma sala de aula. Francisca acreditava que o ensino não deveria ter distinções: nem de sexo, nem de cor, raça, ou posses. O filho da empregada e a menina dos olhos do mais importante latifundiário mereciam a mesma educação.

Ela gostava de ver os lápis correndo nas folhas dos cadernos com caligrafias que aos poucos tomavam forma, enquanto ela falava sobre conhecimentos gerais com uma voz firme, mas não autoritária. Sentia que a posição em que estava era onde realmente deveria estar. A sala de aula foi para ela um lugar natural, que fez de casa desde seus 23 anos. Por ela, ficaria ali até seus últimos dias. Até quando ainda pudesse ensinar.

O ensino veio a ela como vocação. Talvez da mesma forma como a escrita, quando ainda era jovem, com seus 14 anos. Talvez não soubesse que seria professora quando ainda tinha seus primeiros aprendizados com Ursulina Furtado. Talvez, nem mesmo quando já estava em Fortaleza, estudando no Colégio da Imaculada Conceição, aprendendo com outras meninas como ser uma boa esposa. Talvez, na verdade, viesse daí a vontade de revolucionar.

A decisão veio em 1882. Decidiu virar professora das

Primeiras Letras, como foi Ursulina para ela. Mas, logo, quis ousar mais. Por que não poderia ensinar na conceituada Escola Normal? Só homens ensinavam lá, mas ela era tão boa quanto eles. Não teve medo de enfrentar as difíceis provas e testes. Passou, com notas máximas, inclusive. Foi a primeira mulher que abriu a porta e deixou-a aberta.

Muito aconteceu, então. Teve a oportunidade de, muito além de ensinar, aprender com quem passou por aquelas carteiras. Muitos que tiveram aulas com ela se tornaram pessoas importantes. Médicos, advogados, políticos... Quando ela cruzava com eles na rua, eles lhe sorriam, gratos pelos ensinamentos que ultrapassavam a gramática, a aritmética, a geografia e a história. Ensinamentos que tocaram vidas, que ajudaram na formação pessoal de cada um.

Havia saído da Escola Normal e de Fortaleza. Passou por Baturité e fez casa em Aracati, onde foi muito bem acolhida. Fundou seu próprio colégio — quem poderia imaginar! —, o Externato Santa Clotilde.

Tornou-se conhecida na cidade, a professora com que todos os pais queriam que seus filhos aprendessem. Devido à fama que recebeu, muitos queriam que ela se tornasse madrinha de batismo ou crisma dos jovens. Tornou-se responsável, dessa maneira, por Deus sabe quantos jovens. Os nomes junto com a data de nascimento contavam em uma



Casa do Externato Santa Clotilde. Foto da década de 1900. (Foto: Arquivo pessoal Rosângela Ponciano)

lista para que ela não os esquecesse⁷.

O reconhecimento por seu trabalho a fazia sorrir. Mas o cansaço da rotina dupla de professora e jornalista para que não faltasse o pão para seus filhos pequenos a deixava com uma expressão triste pela qual acabou ficando conhecida. Passava o dia no Externato dando aulas e, à noite, escrevia para jornais tanto do Ceará quanto do Brasil para completar o dinheiro do mês. E ainda havia as épocas de provas, precisava corrigir trabalhos, elaborar lições... — na verdade, geralmente ela não as planejava. Tirava os ditados de cabeça para passar para a turma⁷.

A vida estava sendo cruel para Francisca após a morte de Duarte Bezerra, seu maior amor. Estava sendo difícil lidar sozinha com tudo, sustentar as crianças sem apoio de familiares e ser forte, acima de tudo. Ao olhar para a sala, para todos aqueles pequenos com a vida toda pela frente, com tanto ainda para aprender, sentia orgulho. Gostava de poder fazer parte disso.

O barulho dos lápis nos cadernos cessou. O ditado havia acabado.

“Até a próxima aula, queridos”, despediu-se.

NAZARÉ E FRANCISCA: UMA SÓ?

Duzentas e vinte e três páginas escritas da maior história que ela já havia decidido contar. Publicar ou não?

Ainda que não falassem na sua frente, ela sabia que sua imagem na cidade estava abalada. As pessoas sabiam que ela havia vivido outro amor fora do casamento. Já era tida como uma mulher polêmica, quando não usada a palavra “promíscua”, algo que não era bem aceito. Então, publicava seu primeiro romance, com um título e uma temática que ela sabia que causaria algum rebuliço na sociedade: *A Divorciada*.

⁷ Relatos dos familiares de Francisca.

Era o ano de 1902 e ainda não havia sido aprovada uma lei permitindo o divórcio. A temática ainda não havia sido muito abordada no Brasil, mas ela não tinha medo de ousar. No tempo em que ela vivia, casamento era tido como algo eterno. E, por mais que ela defendesse de certa forma essa ideia, não havia funcionado como deveria para ela. Casou-se e foi infeliz.

Contou, em 38 capítulos, a história de Nazaré, uma moça fortalezense que foi com as irmãs a Redenção, município a 70 quilômetros da Capital, a fim de que os ares de interior a ajudassem a se recuperar de uma doença. Lá, a personagem conheceu Chiquinho, por quem se apaixonou. Mas sofreu por ele ser um simples rapaz do campo, de posição social inferior a sua, impedindo um casamento. E sofreu por já ter tido sua mão prometida por seu pai ao primo Artur.

Nazaré chegou a questionar o pai, porém, consentiu, sensibilizada pelo discurso da figura paterna.

- Afliges-me tanto com esse teu modo de pensar que já vou me sentindo doente e creio que pouco viverei, pois, como sabes, qualquer desgosto íntimo afeta extraordinariamente a minha organização. Quererás ser a causa de minha morte? Tu que eu amo com o mais acrisolado afeto e por quem daria até a última gota de meu sangue hás de ser culpada da amargura que me envenenará os derradeiros dias da existência. Não, eu não posso esperar isso de ti.

- Que quer o papai que eu faça para que fique satisfeito? Tanto se interessa que eu case com o primo!

- Mas eu vejo nisso a tua felicidade!

- Um casamento sem amor pode trazer a felicidade?

- Conforme. Tenho visto muitas moças que se casam sem ter grande simpatia pelos noivos, depois de casadas chegam a estimá-los deveras; e outras que se casam verdadeiramen-

te apaixonadas, passados os primeiros dulçores da lua de-mel arrependem-se e sofrem os martírios de uma tremenda desilusão. [...] Enquanto eu viver não consentirei que te rebaixes a contrair uma união indigna de ti. Se eu morrer e persistires em seguir tua errônea inclinação há de sentir o remorso de me teres vilipendiado a memória. [...]

- Ficaria satisfeito se consentisses em casar-te com o Artur.

- Não sei o que lhe falta a ele para te agradar. É bonito, tem talento, há de fazer uma brilhante carreira, pois o seu nome foi sempre aureolado na academia. Dispõe de todos os elementos para te fazer feliz, e, como está deveras subjogado por ti, perdoará os desdêns com que atualmente o tratas e fará o possível para que venhas a amá-lo muito.

(A Divorciada, p.159-161).

Apesar do amor por outro, Nazaré se viu obrigada a se casar. Não poderia contrariar o pai, que fazia questão do casamento e não permitia que ela se casasse com alguém que não fosse “a sua altura”. Cumpriu o requisito, casou-se de véu e grinalda e formou família com aquele homem por quem não sentia afeto.

Como Francisca, não foi feliz. Como Francisca, Nazaré se viu com um homem arrogante, viciado em jogos de aposta e bebidas alcoólicas. Como o marido de Francisca, Artur endividou-se pelo jogo e, posteriormente, sumiu.

Ao contrário de Francisca, Nazaré pôde se divorciar legalmente e casar-se com seu verdadeiro amor. A personagem teve, inclusive, apoio do pai para realizar a separação. Se seu pai estivesse vivo depois do casamento, será que apoiaria Francisca a sair de um relacionamento que não a agradava? Questionou-se. Francisca gostaria de poder ter tido o “felizes para sempre” que deu a sua personagem. Teve-o apenas na ficção.

A autora pode ter percebido que havia muitas semelhanças entre ela e sua personagem; muito dela em Nazaré

e vice-versa. Talvez tenha pensado na hipótese de serem confundidas. De acharem que a história que ela contava era, de certa forma, a dela. Talvez realmente fosse. Esse pensamento ela não quis revelar.

Ela bem gostaria de que a lei dos tempos em que vivia permitisse o divórcio, que ela não tivesse que carregar nas costas o pesado estigma de não permanecer por toda a vida a espera de um marido que ela não amava e que sumiu, sem mais nem menos. Que sua escolha por viver seu amor não fosse tida como errada, polêmica, promíscua.

Antes de colocar o livro na caixa de correspondência da Tipografia Moderna, uma possível editora, pode ter pensado nos impactos daquela ação. Nas críticas que poderia receber e mesmo nas consequências daquilo na sua carreira de jornalista e de escritora. Mas Francisca não era muito de medir palavras, nunca foi e nem pretendia ser. Contaria aquela história.

Colocou o manuscrito na caixa de correios e saiu.

A FRENTE DE SEU TEMPO

Chegava em casa no fim do dia cansada da escola, do jornal e dos tantos trabalhos que exercia. Desvestiu as longas saias, desamarrou os sapatos e, por fim, pode sentar-se. Logo escutou o grito de um de seus filhos que a chamava. Levantou-se para cumprir seu papel de mulher.

Era mulher. Por toda a sua vida, havia sido ensinada o local em que deveria estar: na casa, na cozinha, com os filhos. Bonita, bem perfumada, com tudo organizado. Longe dos temas de homem, longe dos palanques e da política. A religião em que acreditava fervorosamente, o catolicismo, também defendia esses valores.

Ela, porém, não queria ser assim. Nunca gostou de ficar calada e descobriu-se boa em outras atividades que não eram relacionadas, necessariamente, com coisas para uma



Francisca Clotilde. Foto da primeira metade do século XX. (Foto: Arquivo pessoal Rosângela Ponciano)

mulher fazer. Escrever, por exemplo. Se posicionar politicamente através da escrita. Ter opinião. Não era coisa de mulher ter opinião; mulher não tinha que achar nada. Mas ela achava.

Vivia, então, um dilema interno. Havia publicado suas opiniões na imprensa, de forma controversa, talvez até contraditória, ao longo dos anos. Mostrou-se conservadora, como era esperado que uma mulher daquela época fosse, se considerada aos olhos do século XXI. Foi na imprensa defensora dos valores da família e de que o papel da mulher deveria ser exercido em casa, com a educação das crianças, com o cuidado com o marido. De que não valia a pena uma mulher “sentar-se nos bancos de academias em busca de um pergaminho ou acompanhar os vaivéns da política”.

É no lar, santuário íntimo de seus mais puros afetos que a mulher deve ostentar verdadeiramente a bondade e a ternura de seu coração, tornando-se o anjo da guarda do esposo e dos filhos e lhes inspirando o bem e a virtude. [...] Com efeito, se ela ultrapassando o limite que lhe foi traçado por mãe sábia e previdente atirar-se no torvelinho do mundo, entregando-se à vida tumultuada que só compete ao homem, gastará as forças e cairá extenuada sob o peso da difícil tarefa que empreendera, sem

ter realizado o ideal que aspirará e conhecendo talvez muito tarde que este não era o seu papel. Há flores que se desenvolvem na liberdade do campo; há outras, porém, que apenas nos limites de um jardim e cultivadas por mão hábil podem crescer e desabrochar. A mulher assemelha-se a essas últimas flores e, no recinto da família, cercada dos cuidados dos entes que a idolatram, e, por sua vez, enchendo-os de desvelos e solicitude é que pode mostrar a exuberância do seu coração e a beleza de sua alma.

(A mulher na família, A Quinzena, 15 de março de 1887)

Francisca não quis seguir os passos que recomendou. Não se limitou a cumprir “seu papel” e empreendeu na difícil tarefa. De fato, gastou suas forças, ficou extenuada de cansaço. Não é fácil ser mulher e ousar fazer o que é “papel de homem” além do próprio, do sexo feminino. Talvez recomendasse nas folhas dos jornais que as mulheres não seguissem esse caminho por sentir na pele as dificuldades que a decisão de lutar lhe trouxe. A rotina pesada de ensinar, escrever para jornais, cuidar da casa e das crianças lhe deu o olhar cansado que encarava todos os dias no espelho. Se cumprisse apenas o papel de mulher, sem dúvidas, seria mais fácil.

A Francisca de 1912, aos 50 anos, não tinha mais essa visão. Estava, sim, cansada. Mas queria reverter a situação em que se encontrava. Os anos trouxeram a ela a vontade de reivindicar o lugar de outras mulheres junto a ela na luta. Tornou-se co-fundadora da Liga Feminista Cearense. Quis falar novamente da temática da mulher na política, porém, com uma nova ótica.

Por que censurar as manifestações que as próprias crianças se associam com sorriso nos lábios e a inocência lhes irradiando na frente? Falem contra a mulher cearense política; eu aplaudo-a porque confio que a sua presença nessas festas populares é um prenúncio de

triunfo para a boa causa e concito-a a reanimar o valor de seus filhos e a ensinar-lhes que, acima dos governos mal inspirados está a imagem da Pátria pedindo amor e sacrifício, impondo-se à nossa veneração, pairando serena e constelada como o céu que se desdobra sobre nossas cabeças lembrando-nos que Deus para remir a humanidade deve também o concurso sublime de uma mulher que ele colocou à sua dextra, acima de todas as criaturas no fastígio da glória e da imortalidade.

(A mulher na política, parte da série “Pelo Ceará”, Folha do Commercio, 1912)⁸

Francisca estava cansada por cumprir seus dois papéis, de mulher e de homem. Porém, não se arrependia.

PASSOS SEGUIDOS

“Mamãe, e se a gente fundar uma revista?”, perguntou-lhe um dia sua filha Antonieta, que mal havia completado 16 anos. Francisca ficou um pouco surpresa, mas feliz. Desde pequena, sua filha a havia visto trabalhar com a imprensa e com as letras. Logo que começara a escrever já trocava os folguedos e as bonecas pelo papel e a pena. A deixava feliz que ela decidisse seguir pelo mesmo caminho, acompanhar seus passos na carreira. Francisca acolheu a ideia. Fariam, então, uma revista.

Deram a ela o nome de *A Estrella*. Naquelas páginas, deram espaço para brilhar homens e mulheres que desejavam escrever folhetins, artigos, sonetos, colunas, traduções de peças teatrais, contos, monólogos ou notícias. A sobrinha de Francisca, Carmen Taumaturgo, se juntou à mãe e à filha e também participou da fundação da revista.

Começaram em 1906, em Baturité, pequeninas. Os escritos eram feitos à mão, em folhas de papel almaço. An-

⁸ Presente em *Além do amor e das flores: primeiras escritoras cearenses*.

tonieta Clotilde ficou como redatora; era um projeto de sua responsabilidade, feito pelas mãos dela. Mas Francisca acompanhou de perto, quis contribuir sempre, fosse com uma poesia ou com um trecho de peça de teatro. Até 1910, escreveu um soneto para a capa de cada edição.

Com muito esforço, a revista evoluiu, passou a ser impressa e ganhou visibilidade. Apesar das dificuldades, os exemplares começaram circulando sem falta todos os meses — só não houve edição em setembro de 1910, mas os leitores foram recompensados com uma especial.

Quando chegadas em Aracati, as folhinhas que se tornaram coloridas, uma cor em cada edição, eram vistas em todos os cantos. As vinhetas floridas, as letras decoradas e as fotografias chamavam a atenção de quem quer que fosse folhear as páginas. As peças teatrais publicadas por Francisca no veículo ganharam palco no teatro da cidade e até em Fortaleza para serem encenadas pelas crianças do Externato Santa Clotilde.

O amor de Francisca pela revista era tão grande que nela resolveu revelar até suas maiores dores, como a morte de Maria, a primeira filha com Duarte Bezerra, seu segundo e verdadeiro amor. Narrou a saudade e a dor nas páginas.

*Eis que Maio chegou! Mas triste e desolado,
Sem primores de rosas e graças de boninas.
Já não ostenta o verde alegre das campinas,
Semelha um pobre rei de galas despojado!*

*Crestou do vento ardente a louçania aos prados.
A terra calcinou-se! E no val, nas colinas
Já não tem o dulçor das linfas cristalinas
Domina a solidão nos ermos descampados...*

*Rosas morrendo ao sol! Até sobre os altares
Da virgem sacrossanta, selas não vêm aos pares
Exalar seu perfume em grata suavidade.
Pobre Terra da Luz! Não tens mais primaveras,*

*E, em vez de flores mil, que tinhas noutras eras,
Envolve-te a tristeza outonal da Saudade!
(Maio, A Estrella, maio de 1915)⁹*

A revista recebeu colaborações de escritores e escritoras importantes da época. Beni Carvalho, Antônio de Castro, Carlyle Martins, Ramos Neto, Ulisses Castelo Branco e as irmãs Abigail e Maria Sampaio estamparam textos nas páginas.

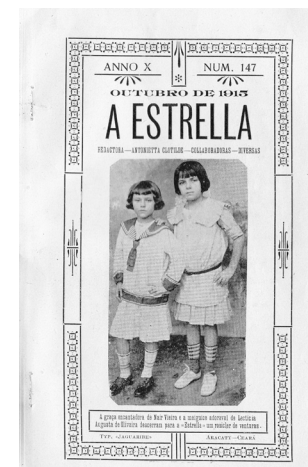
Mãe e filha inovaram por fazer uma revista literária leve, que qualquer um gostava de ler. Que falava dos mais diversos temas, da religião à moda, de relacionamentos à arte. Pela qualidade do trabalho, as publicações chegaram onde elas sequer imaginavam. De outros estados, pessoas mandavam textos para colaborar n' *A Estrella*. Leitores de cidades distantes lhe enviavam comentários elogiando os escritos.

Já com 11 anos, uma idade rara para publicações literárias naquela época, a revista começou a ter dificuldades



Francisca Clotilde e suas filhas, entre elas, Antonieta, à esquerda. A outra é, possivelmente, Ângela. (Foto: Arquivo pessoal Rosângela Ponciano)

⁹ Presente em *A Estrella: Francisca Clotilde e a literatura feminina em revista no Ceará (1906-1921)*



Capa da revista *A Estrella* de 29/10/1915 (Foto: Arquivo pessoal Rosângela Ponciano)

de circular, não tendo uma publicação regular em 1917. No ano seguinte, foi preciso pedir aos assinantes uma contribuição adiantada. Era 1921 e o projeto de 15 anos chegava ao fim com sua 193ª edição. Antonieta e Francisca já sentiam saudades do trabalho que realizaram com tanto afincamento em todos os anos.

Decidiram não publicar um adeus, acabaram a história da mimosa revista¹⁰ com uma vírgula. Agradeceram às colaboradoras, contudo. Sem elas nada daquilo seria possível.

“Fizemos um trabalho incrível, não foi, mamãe?”, perguntava-lhe Antonieta, bem mais madura depois de tantos anos. Aquela história que escreveram juntas modificou as duas de forma permanente. Tinha, no entanto, o mesmo brilho no olhar de quando era uma jovem de 16 anos. Os olhos agora não expressavam mais a animação para uma nova aventura, mas orgulho do caminho percorrido.

“Sim, fizemos”, sorriu.

¹⁰ Era assim que Francisca e Antonieta se referiam a *A Estrella*: uma “revistinha mimosa”.

O ÚLTIMO ADEUS

Aquilo estava muito estranho. Normalmente, Santa Teresinha não falhava com ela.

Já havia terminado a novena dedicada à santa há algum tempo, e seus pedidos sempre eram respondidos em graças recebidas com a chegada de uma rosa. Nunca havia falhado. E olha que sempre fazia a novena, era costume religioso desde que se entendia por gente.

A fé no catolicismo era algo inquebrantável para Francisca. Com 73 anos, sua devoção, principalmente à Santa Teresinha, não se abalava. A religião sempre foi para ela algo muito importante. A oração lhe dava a paz que a vida corrida e cheia de preocupações lhe tirava. As dores eram suavizadas, se sentia acalantada quando com Deus.

Desde pequena a fé cristã foi lhe repassada. Foi batizada com nome de santa, a Clotilde que lhe deu seu nome foi uma rainha santificada por evangelizar seu marido. Estudou em escola católica, com freiras. Rezava o terço, ofícios, rosários, ladainhas. Sempre teve uma espiritualidade muito acentuada. A fé católica a tornava sensível a sinais divinos e a mensagens não entendidas por todos. Alguns podiam não acreditar naquilo, mas ela acreditava, com convicção.

A campanha tocou. Com passos lentos, percorreu a longa casa que ia de ponta a ponta do quarteirão para atender a porta. A pessoa que a esperava do outro lado não lhe era conhecida; um andarilho qualquer. Nas mãos, ele carregava um pacote embrulhado com papel.

“Estou procurando Francisca Clotilde, tenho uma encomenda para ela”, disse, logo que ela abriu a porta.

“Sou eu”, respondeu. Ele apenas a entregou o pacote. Não pediu que ela assinasse nada, não lhe informou remete-nem o porquê de aquela entrega ser a ela destinada. Não disse como sabia quem era ela nem onde ela morava. Apenas cumpriu sua função e saiu, em meio ao sol forte e

aos ventos de Aracati.

De volta à casa, desatou o nó de barbante que fechava o embrulho e abriu o papel. Sua filha Antonieta apareceu, vinda de outro cômodo. Perguntou-lhe quem era, mas ela não respondeu. O pacote continha dois livros simples, não muito robustos. Os títulos pesaram a Francisca como um sinal: *O Último Adeus* e *A Recompensa do Céu*¹¹. O coração de Francisca acelerou e ela mostrou o que havia recebido a Antonieta.

“Minha filha, será que vou morrer?”, perguntou à filha.

“Tire isso da cabeça, mamãe!”, respondeu, assustada, Antonieta.

Mas a ideia ficou guardada. Deus já havia sido claro com ela com sinais outras vezes. Seriam aqueles livros a rosa que receberia daquela novena de Santa Teresinha? Seria aquela a última novena que faria? O último adeus. A recompensa do céu. Estava pronta para despedir-se e ir, enfim, para os braços de Deus?

Havia passado por muito na vida. Certamente, vivera. Cumprira o seu papel, fez o melhor que podia neste mundo. Cometera erros, claro, mas não se considerava alguém pior por isso. Estava feliz pelo que teve a oportunidade de fazer, por tudo que construiu nos 73 anos em que viveu. Aquele sinal não era um agouro. Era uma graça.

Nos dias seguintes àquela entrega pouco comum, ficou mais calada, contemplativa. A família tentava animá-la, fazer com que ela esquecesse o ocorrido. Tentavam convencê-la de que aquilo não era um sinal, de que tudo era uma coincidência. Mas ela havia sentido algo tão forte como

¹¹ Essa história foi contada por familiares de Francisca Clotilde. Eles não lembram o nome dos autores nem mais detalhes do teor do conteúdo dos livros, nem mesmo como eles se pareciam. Rosângela Ponciano contou ter visto um dos livros em casa há não muito tempo, mas não o encontrou para me mostrar. Segundo os familiares, ela recebeu o sinal de forma serena.

quando escutou a melodia sair do túmulo de seu Capitão-zinho, tantos anos antes. Ela sabia que era um sinal.

Seu coração saltava dentro do peito às vezes quando pensava naquilo. Às vezes, batia tão forte que ela achava que aquele era o momento em que ela partiria. Logo o órgão se acalmava e voltava ao ritmo, no mesmo lugar.

Mas, daquela vez foi diferente. Seu coração bateu tão forte, tão forte, mais forte que todas as outras vezes. Ele não parava, só acelerava. O último adeus. A recompensa do céu.

Então, parou.

RELATOS DE QUEM CONHECEU

A INSPIRAÇÃO DA BISNETA

Rosângela me recebeu logo na rodoviária, quando eu ainda chegava na terra dos ventos fortes, Aracati. Francisca Clotilde é tema que aparece em suas conversas de forma cotidiana, um amor compartilhado pela família com os primos que vivem logo atrás da casa onde ela mora com os pais. A personagem deste capítulo começou a ser conhecida da ótica dos familiares mesmo antes de uma entrevista propriamente dita, antes de dar play no gravador e perguntar: “o que vocês sabem sobre Francisca Clotilde?”.

Antes de falar oficialmente à quase-jornalista que ia à sua casa conhecer mais sobre a história de sua bisavó, a professora Rosângela Ponciano, 51, quis que sua mãe, Aldeíze Ponciano, 86, desse sua palavra, por ser mais próxima temporalmente a Francisca Clotilde. A falta de memória ou timidez da senhora, no entanto, pediram o incentivo da filha. Rosângela contou, então, as histórias que escutou ao longo da vida e que descobriu com base em muita pesquisa para unir as pontas da vida da bisavó, tricotar as linhas soltas para torná-las em algo mais concreto.

O primeiro tópico que surgiu na conversa foi a religiosidade de Francisca, assunto puxado por sua neta. Logo, foram-se revelando histórias contadas anteriormente neste capítulo. Apesar da quantidade considerável de informações que são conhecidas hoje em comparação há 20 ou 30 anos, muito mais queria ter sido descoberto por Rosângela. “Como ficou muito tempo sem as pessoas se preocuparem com a história dela, ficou essa lacuna. Por exemplo, a gente não sabe com certeza porque esse primeiro marido dela sumiu do mapa e depois reapareceu anos depois. É uma coisa que minha vó nunca falava, minha tia não queria falar”, relata.

A distância de mais de um século entre Rosângela e Francisca não impediu que um relacionamento se construísse entre as duas. Questão de empatia. “Ela era uma pessoa muito triste pelo o que ela viveu. Ela carregou sempre, até o último dia da vida dela, essa sombra, um olhar triste, um olhar sério, dessa grande tristeza que ela carregou de ela não ter vivido mais tempo com o grande amor da vida dela”, conta a bisneta com um conhecimento de quem viveu aquilo junto, como se ela tivesse podido estar lá para segurar a mão de Clotilde.

A bisavó foi e é para Rosângela uma inspiração, modelo de vida. Apesar de não imaginar, acabou tornando-se professora como foi Francisca. A influência atingiu muitos dos familiares, quase todos acabaram enveredando para a área da educação.

“Eu me lembro quando eu era criança de ter muita coisa na casa da minha vó, gavetas cheias de livros e documentos [sobre Francisca]”, lembra a bisneta de Clotilde, sorrindo ao falar da paixão que começou desde cedo. “Ela é tudo para mim. É um espírito de luz que guia a minha vida. Conheci a minha avó; quando minha avó morreu eu tinha 7 anos. Mas eu me sinto muito mais próxima a ela [Francisca Clotilde, sua bisavó] que com a minha avó. Francisca Clotilde para mim é como se eu tivesse conhecido”, declara, com convicção.



Neta de
Francisca
Clotilde,
Aldeíze, e sua
filha, bisneta
da escritora,
Rosângela.

Ela fala de como a bisavó, que ela não conheceu pessoalmente, era alguém ativa politicamente, que manifestava suas opiniões de forma incisiva, mas não falava muito sobre a vida pessoal. Por isso não se sabe mais sobre ela. O que se sabe de mais íntimo vem de um pequeno diário encontrado pela família, em que Francisca narra seu sofrimento após a morte de Duarte Bezerra. “Foi o momento mais difícil da vida dela, porque ela tinha que trabalhar, tinha que viver aquele sofrimento, que para ela era algo praticamente insustentável. Ela se viu sem chão”, expressa.

O caráter igualitário e simples do comportamento de Francisca foi algo bastante ressaltado por Rosângela durante a conversa de pouco mais de quarenta minutos na mesa da sala da casa, rodeada de estantes e armários. Como professora, ela afirma que busca os mesmos ideais que a bisavó incentivou quando lecionava, de não discriminar ninguém.

Ela conta que, nas pesquisas para saber mais sobre a bisavó, chegou a entrevistar diversos alunos de Francisca. “Eles eram muito bem instruídos, pareciam ter graduação, apesar de ter apenas ensino básico”, afirma. Ela diz que, do mais bem sucedido ao mais humilde, todos eram extremamente bem educados. O método de ensino de Clotilde a inspira.

“Ela tem um lado de escritora, ela tem um lado de professora, mas um lado dela que pouca gente conhece é um lado muito forte, que é o lado de mulher. A mulher que quer a evolução da humanidade, que quer o bem das pessoas, que nunca humilhou o menos favorecido”, se orgulha.

AMOR QUE ULTRAPASSA GERAÇÕES

“Como surgiu o interesse de procurar a história de Francisca Clotilde?”, perguntei à professora farmacêutica e bisneta da conceituada escritora, Ângela Ponciano, 61. “Amor”, resumiu, simplesmente. Amor.

Estávamos sentados na calçada, eu, ela, e outros quatro bisnetos de Francisca Clotilde, que foi tema da conversa gostosa de fim de tarde em Aracati. As histórias contadas por eles já haviam sido citadas por Rosângela anteriormente, é tudo o que se sabe. O que muda no jeito de cada um falar é sobre a relação com a familiar que nenhum deles teve como conhecer pessoalmente. Amor, uma boa forma de resumir.

“Francisca Clotilde eu só chamo Chica Cloti. Como vou chamar alguém que eu não conheço de Chica Cloti?”, conta. Seus olhos transmitem a profundidade de um amor de plano astral. “Eu me deparei com uma foto dela que tinha na sala e me apaixonei”, lembra. Ela e a irmã, Rosângela, se interessaram desde cedo em buscar mais informações sobre a bisavó.

A pesquisa, no entanto, teve que esperar até que elas estivessem na vida adulta, com dinheiro para investir. “Se essa curiosidade tivesse partido dos netos, teria resgatado mais coisas, mas foi só com os bisnetos”, declara. Nesse meio tempo em que a história ficou deixada de lado, o tempo corroeu muitas memórias que poderiam ter somado à pesquisa.

Ângela foi a Baturité para encontrar outros familiares

de Clotilde. Não obteve, porém, tantas respostas; muitos eram fechados, não queriam falar de passado. Ela relata que mesmo entre o núcleo familiar de Aracati, era difícil conseguir informações. A tia-avó Antonieta Clotilde não gostava de falar sobre o assunto. Tinha medo do preconceito e dos julgamentos ácidos da sociedade devido ao segundo amor de sua mãe. “A gente queria montar o colégio Francisca Clotilde, mas vovó não deixou porque achou que a perseguição seria muito grande”, diz.

Ela lembra de, na infância, ver coisas sobre Francisca fechadas em baús, protegidos a sete chaves pela tia-avó Antonieta. Ninguém podia mexer, para que nada fosse estragado. No entanto, quando ela morreu, os pertences ficaram sem proteção. Lembra de ver revistas *A Estrella* jogadas nas ruas, rabiscadas por crianças. Ela acredita que alguém que trabalhou na casa levou os documentos por não ter noção da importância daqueles pedaços de história.

A bisneta também lamenta ao pensar em tudo que foi perdido nas cheias do rio Jaguaribe. Mostra, apontando, onde a água costumava ir, a mesma água que levou documentos escritos, histórias. Mostrou também um pequeno beco na mesma direção, que ganhou o nome de Francisca, logo à frente da casa de um dos familiares que cedia a calçada para a conversa. De tanto perdido, o que restou foi a saudade.

Os olhos chegam a marejar quando ela tenta descrever a relação com a bisavó. “Sentimento a gente não tem como explicar. É como se eu tivesse conhecido, é como se eu tivesse convivido. Às vezes eu sinto saudade de não ter convivido com ela”, compartilha. Segundo ela, apesar de normalmente ser alguém sem muito senso de orientação geográfica, andava por Baturité, nas ruas onde Francisca já andou, como se conhecesse os caminhos desde sempre.

“Fora meus pais, eu tenho dois referenciais de vida. De mulher, é Francisca Clotilde. Para mim ela representa tudo. É uma mulher guerreira, é uma mulher batalhadora, é uma

Bisneta de
Francisca Clotilde,
Ângela Ponciano.
Ao fundo,
um beco que
ganhou o nome
da escritora na
cidade em que ela
morreu, Aracati.



pessoa que conseguiu na época dela revolucionar, apesar do preconceito. Quando eu escuto hoje as pessoas falarem de preconceito, eu me lembro muito dela”, se inspira. “Eu tenho assim, um carinho, um respeito, que é como se eu tivesse convivido com ela. Todo aniversário dela a gente [ela e Rosângela] coloca no quarto flores para ela”.

Ela agradece iniciativas como a deste livro. Diz que em um momento de sua vida “o universo conspirou” para que sua Chica Cloti ficasse mais conhecida, a partir de várias pesquisas sobre a história da jornalista e educadora que começaram a surgir. Fica feliz pela “lição de bondade, de sabedoria e de ter a vida voltada pela ética” de Francisca ser divulgada, conhecida por um público maior que o da família.

JÁ EM FORTALEZA

A casa onde moram o aposentado Francisco de Assis de Castro Bezerra, 67, conhecido como “Tico”, a aposentada Angelize de Castro Bezerra, 94, e o contabilista Antônio de Pádua de Castro Bezerra, 66, fica em uma rua calma da cidade, com o mesmo ar interiorano de Aracati. Um universo à parte dentro do bairro Jacarecanga, próximo ao Centro. A conversa também se deu na calçada. Desde o primeiro

momento ficou evidente o cuidado de Tico com a mãe, neta de Francisca Clotilde, uma das poucas pessoas hoje ainda vivas que chegou a conhecer realmente a jornalista.

Logo que cheguei, Tico entrou na casa de muros de pedra para buscar livros que pudessem ajudar. Trouxe também um pequeno caderno de estudos de dona Angelize, de quando ela tinha apenas dez anos e tinha as lições de ditado com a avó. Sentada em uma cadeira de rodas ao lado do filho, acompanhou toda a conversa, sem poder, porém, opinar. A idade lhe tirou a voz ou a vontade de falar.

“Ela era uma professora muito competente, abolicionista, dramaturga, tudo que você pode imaginar ela foi”, ri Tico. O irmão, Antônio de Pádua, complementou: “Não tem nenhum da família igual a ela, ninguém puxou o sangue dela [no sentido de ser revolucionário e fazer várias atividades]”, brinca.

Ele lembra das várias histórias que sua mãe lhe contou sobre Francisca. Das confidências que ela trocava com a filha Antonieta em francês para que ninguém mais entendesse os segredos. Dos domingos em que Angelize ia para a casa da avó e já saía correndo no meio do caminho para abraçá-la.

Tito conta da reação da família quando foram recebidos os livros de Francisca Clotilde psicografados por Chico Xavier, *O Natal de Sabina* (1972) e *Tintino - O Espetáculo Continua* (1976). Fala da surpresa com que receberam o pacote, talvez parecida com a surpresa de Francisca ao receber os livros que percebeu como sinal de sua morte. Ninguém imaginava que isso pudesse acontecer, sequer acreditavam na possibilidade. Mas, afinal, os livros chegaram na casa da família, em Aracati, mesmo sem que fosse indicado endereço. “É uma comprovação de que tem alguma coisa, como é que chegou lá?”, se questiona.

A questão da espiritualidade aparece novamente em seus relatos. Tico acredita que a bisavó está sempre ao lado de uma de suas sobrinhas, tataraneta de Francisca Clotilde.

“Adriana [sobrinha], tem sempre uma senhorinha perto de você”, ele conta que uma médium sempre dizia à familiar. Quando mostrada uma foto de Francisca à mulher, ela disse que de fato era a matriarca da família que acompanhava os passos da jovem.

A mesma questão já pontuada por outros familiares foi repetida. Ninguém falava sobre Francisca Clotilde. “Existiu um certo fechamento sobre a vida dela, existia essa censura da família”, diz. “Mais recentemente que começaram a incentivar essas coisas de Francisca Clotilde, inaugurar as coisas com o nome dela, valorizando o que ela foi”.

“Dá um orgulho, né, de saber que teve uma pessoa tão danada na família. Imagine o preconceito na época? Ela foi uma guerreira, com certeza”, se orgulha. Ele afirma que, por ter morado em Fortaleza, e não em Aracati, não teve tantas influências. Não se tornou professor, por exemplo, como quase todos os bisnetos. A admiração, porém, é a mesma. “Ela tem poemas que falam sobre a morte dos filhos que dá vontade você chorar. Era muito boa”.

Após as fotos e os sorrisos, Antônio me deixou no ponto de ônibus. Despedi-me, também, de Francisca.



Neta de Francisca Clotilde, Angelize, junto com seu filho, Francisco de Assis, ou, simplesmente, “Tico”.

Alba Valdez



Malva-rosa

As flores surgem em espigas fortes, eretas e altas, que dificilmente necessitam de um tutor. Forma colônias em torno de si devido à facilidade de propagação.

TATEANDO NO ESCURO

Encontrar mais informações sobre Alba foi como tatear no escuro: eu sabia que estavam lá, só não conseguia achá-las. Foi como achar uma agulha em um palheiro; Alba era uma Maria entre muitas outras — o nome pelo qual ficou conhecida é, na verdade, um pseudônimo. Mas não uma Maria qualquer. Essa Maria foi uma das mais importantes escritoras cearenses nascidas no século XIX. Eu precisava encontrá-la.

Por ela ser uma das mulheres mais novas do livro¹ — ela faleceu na década de 1960 — eu tinha esperança de encontrar pessoas que a conheceram, familiares dessa Maria. Ao mesmo tempo, ao contrário de escritoras como Francisca Clotilde e Emília Freitas, não existe muito material acadêmico sobre Alba, o que tornou o trabalho mais difícil. Para encontrá-la, precisei agarrar-me a algumas pistas deixadas em livros e em jornais e seguir seus rastros por Fortaleza, tateando como cega.

A primeira parada foi o Instituto do Ceará, de onde ela foi sócia. A enorme biblioteca me deu acervo bibliográfico e alguns documentos. Tentei entrar em contato com a escritora Zélia Camurça, que assumiu a cadeira de Alba após

¹ A mais nova é Henriqueta Galeno, personagem do próximo capítulo.

sua morte. Ela, porém, já idosa, não soube me informar muito. Segui caminho.

Fui também à Academia Cearense de Letras, local também frequentado por Alba, que ocupou a cadeira de número 22 na agremiação. A bibliotecária Madalena Figueiredo foi de enorme ajuda. Ela me passou diversos recortes de jornais da época da morte de Alba e mesmo uma versão digitalizada do livro *Dias de Luz*. Essas informações foram importantes para embasar muito do capítulo.

Descobri que Alba Valdez foi uma mulher extremamente admirada pela sociedade, amplamente elogiada nos jornais, algo raro para alguém do sexo feminino que ousava se aventurar na imprensa. Pude ver também um lado seu mais íntimo por meio de uma entrevista em um recorte de jornal. Descobri uma Alba que gosta de saborear uma xícara de café de Baturité e de ouvir uma valsa de Straus em hora de saudade. Ao ver mais sobre a obra dela, descobri uma mulher diferente das que eu já havia tido oportunidade. Seus escritos não eram tão românticos, nem todas as mulheres do século XIX tiveram um romantismo à flor da pele e da pena. Isso pode ser reflexo de sua personalidade.

A questão dos familiares, porém, persistia. Ninguém conhecia ninguém.

Foi sorte encontrar um documento da Academia Cearense de Letras sobre o centenário da escritora. Lá, era citado o nome de um sobrinho dela: o escritor Mozart Monteiro. Lembrei-me, então, que, por coincidência, ele dava nome à biblioteca da Casa de Juvenal Galeno, onde eu já havia passado diversas vezes durante a pesquisa. Bingo! As luzes se acenderam.

Corri à Casa de Juvenal Galeno e, por sorte, encontrei o gestor, Antônio Galeno, já de saída. Um minuto a mais e seria uma viagem perdida. Ele foi pego de surpresa, mas me passou o contato de um familiar de Mozart. Aos poucos, tudo foi tomando forma e se colocando no lugar, as peças do quebra-cabeça se encaixando. Ligação após ligação,

consegui, finalmente, falar com gente que conheceu Alba Valdez — ou Marica, como era chamada pela família.

Maria Lúcia, a sobrinha bisneta da autora, me recebeu de portas abertas, com orgulho de falar sobre a tia. Seu irmão, Augusto, juntou-se a uma conversa gostosa de duas horas, com lembranças dos passeios na casa de Alba quando os dois ainda eram crianças. Falaram da mania dela de acumular jornais e de um cachorro de porte grande que a acompanhava já na velhice. Mostraram colagens de jornais feitas por ela, um hobbie dela.

Conversei também, pelo telefone, com Dulce, esposa de um sobrinho neto da autora, e com Yolanda, sobrinha neta. Já idosas, preferiram não ter o incômodo de receber visitas. Foram conversas com risadas, recheadas, também, de lembranças. Aos poucos, Alba se tornou mais real. A pele bonita e os olhos azuis profundos, a educação exemplar, a inteligência, e mesmo as piadas feitas por Dona Marica foram a mim reveladas. Foi como se ela me sorrisse.

Surpreende-me que a história desta mulher não seja mais conhecida. Ao contrário de todas as outras mulheres deste livro, ela não ganha sequer o nome de uma ruela na Capital. Quando viva, ela estava lado a lado de escritores cearenses que hoje nomeiam avenidas, como Justiniano de Serpa. A história de Alba foi apagada, deixada à escuridão.

É um desafio acender a luz e deixar ela acesa. Tirar uma Maria do esquecimento entre tantas.

Este trabalho é faísca. Que inflame.

BREVE HISTÓRICO

Maria Rodrigues Peixe, a personagem desta história, nasceu no sítio Espírito-Santo, na vila de São Francisco de Uruburetama, hoje a cidade de Itapagé, em 12 de dezembro de 1874. Veio à Capital do Ceará ainda nova, com três anos, junto de seus pais João Rodrigues Peixe e Isabel

Alvez Rodrigues Peixe. Não se tem registro de quantos irmãos teve.

Já em Fortaleza, fez os primeiros estudos na escola primária de Isabel Teófilo Spinosa. De desempenho exemplar, foi aluna da Escola Normal e se diplomou professora em 1889, ainda com 16 anos de idade. Por ser ainda muito nova, demorou para exercer o magistério como cargo efetivo. Regeu a cadeira de ensino misto da povoação de Santo Antônio de Aracati-assú, hoje Aracati, mas foi transferida no mesmo ano para a escola do sexo feminino de Guaramiranga.

Tentou exercer magistério em Fortaleza e se submeteu a concurso logo que houve vagas. Ficou por algum tempo apenas como professora adjunta até ser nomeada professora efetiva na Escola Normal, em 1892. Também dirigiu entre os anos de 1917 e 1918 a aula noturna Dr. José Sabóia, para meninas pobres dos subúrbios. Foi professora até 1921, quando se aposentou.

Interessada pela escrita, tornou-se Alba Valdez cedo, com publicações assinadas pelo pseudônimo em jornais ainda em 1889 (edição 28, dia 02/02/1889, do jornal *A Constituição*). O nome seguiu com ela até o fim de sua vida, identidade pela qual ficou conhecida.

Publicou seu primeiro livro em 1901, aos 27 anos. *Em Sonho - Fantasias*, um livro de contos e poesias, ganhou as graças da crítica literária local e nacional, e conquistou até mesmo um público internacional. O livro foi traduzido para o sueco e publicado no jornal *Illustrerad Hwad Nytt* de Estocolmo. Um dos contos do *Em Sonhos*, *A Carta*, foi publicado em francês no jornal *Le Matin*, de Paris, e foi reproduzido no *Álbum da Mala da Europa*, uma revista conhecida da época.

Mais tarde, em 1907, publicou seu segundo livro *Dias de Luz - recordações da adolescência*, que também foi bem recebido pela crítica. Há registros de que ela começou um terceiro livro, que nunca foi publicado. Conforme o pesqui-

sador Dolor Barreira², três capítulos deste, porém, foram traduzidos para o sueco.

A carreira de jornalista começou em 1895, no jornal *Diário do Ceará*, a convite do escritor e jornalista Justiniano de Serpa. Os jornais fortalezenses e do resto do Brasil tiveram contribuições dela durante praticamente toda a sua vida. Escreveu em periódicos como *Revista do Ceará*, *A Jangada*, *Correio do Ceará*, *A Razão*, *Jornal do Comércio*, *O Estado* e *Unitário*, no Ceará; *A Nação*, no Rio de Janeiro; e *Diário da Manhã* e *O Lyrio*, em Recife.

Feminista declarada, lutou pelo direitos das mulheres, defendendo o voto feminino e a igualdade entre os sexos. Criou a primeira agremiação literária feminina do Estado em 1904, a Liga Feminista Cearense, contando com nomes como Francisca Clotilde e reunindo mulheres antes excluídas do cenário das letras. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Cearense de Letras, ocupando a cadeira de número 22³.

Em 1936, Alba também foi pioneira no Instituto do Ceará. Ela se tornou a única mulher da agremiação ao ocupar a cadeira de Júlia Vasconcelos, que foi a primeira.

Engajada na sociedade e, sobretudo, dedicada em fazer a literatura cearense crescer, fez parte também do Centro Literário, da Iracema Literária, da Bohemia Literária e da Sociedade Cearense de Geografia e História, além da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno. Frequentou esses espaços até já estar idosa, sem tanta disposição para sair de sua casa localizada na rua General Sampaio, no Centro.

Faleceu no dia 5 de dezembro de 1962, a poucos dias de completar 88 anos, vítima de um colapso cardíaco. Estava

²Dolor Barreira foi um advogado, historiador, pesquisador e professor brasileiro. Dá nome à biblioteca pública de Fortaleza.

³Ela ingressou primeiramente na cadeira de número 8, mas saiu da Academia devido a uma reorganização na agremiação. Posteriormente, ocupou a cadeira 22, onde permaneceu até a morte.

na casa de uma sobrinha, no bairro Benfica, em Fortaleza⁴. A morte da escritora foi lamentada amplamente pela imprensa, com vários jornais lhes prestando homenagem.

HISTÓRIAS DE ALBA

BRINCADEIRAS DE QUINTAL

Não tinha muitas lembranças da terra onde nasceu, do sítio Espírito-Santo, na vila de São Francisco de Uruburetama. Saíra de lá muito cedo, tinha apenas três anos quando a seca expulsara ela e seus pais do que chamavam de casa. Lembrava do sol quente sobre a terra batida e de como a luz às vezes ardia com tanta força que as imagens se confundiam, zonzas.

Lembrava também de não entender porque, aos poucos, todos ao seu redor iam embora, os vizinhos se tornando cada vez mais raros e as casas mais próximas à dela ficando desocupadas. Não entendeu até o dia que teve também que partir, em 1877. Algumas pessoas falavam como aquela era a pior seca que já haviam visto. Ela não havia visto nenhuma, mas lhe parecia ruim o suficiente. Apenas anos mais tarde saberia que aquela foi uma das mais devastadoras da história do Estado⁵.

Ir a Fortaleza pareceu algo bom à menina Maria, que ainda se tornaria Alba, anos depois. Era uma ótima oportunidade, seus pais tentavam se convencer. Naquela época, o que todos procuravam era isso: oportunidade. Seu pai, sertanejo como era, porém, saía da roça saudoso, pensando no gado e na lavoura.

⁴ Informação dada por sua sobrinha neta, Yolanda. Em alguns livros, consta que ela morreu no Rio de Janeiro.

⁵ A seca entre os anos 1877 e 1879 ficou conhecida como Grande Seca. Causou um dos maiores fenômenos migratórios do Nordeste, com 120 mil nordestinos fugindo para a Amazônia e 68 mil para outros estados brasileiros.

Em 1880, o espectro da seca havia se afastado. Ela estava acostumada com a vida na Capital. Seu pai talvez nem tanto, ainda sentia saudade, mas quis continuar onde estava pela educação dos filhos. Era o melhor a se fazer.

Maria havia acabado de fazer a lição de casa, condição necessária para que pudesse brincar. Seus pais permitiam que as meninas ficassem em casa e brincassem de boneca. Havia outra brincadeira, porém, muito mais divertida, logo ali, no quintal de casa. Escondida, foi até lá junto com as irmãs.

No quintal, armado em um cajueiro gigante, havia um balanço feito apenas para seu irmão. Ela gostava de balançar alto, a ponto de dar medo, apesar de seus pais não acharem uma brincadeira apropriada para as meninas. Revezava-se com as meninas que empurraria e seria empurrada. O importante era que todas se divertissem.

Do alto do balanço, o mundo até parecia menor. Seus cabelos bagunçados voavam em seu rosto e ela ria, feliz. Sentia-se livre, como se pudesse fazer tudo, até voar, se quisesse.

“Meninas, hora de se arrumar”, gritou sua mãe de algum canto da casa de corredor comprido. As crianças voltaram correndo. No final da tarde todos tomavam banho, tinham o cabelo penteado e a roupa trocada para sentar à calçada como se fossem adultos. Enquanto tinham de escutar as conversas de gente grande, viam as crianças que moravam nas casinhas de taipa lá de perto brincarem. Queriam se juntar à roda e cantar a cantiga da Senhora Dona Caidã⁶ com eles.

Para as crianças da família Rodrigues, porém, não era mais momento de brincadeira, brincariam só no dia seguin-

⁶ Provavelmente uma cantiga conhecida pelas crianças da época. Alba Valdez a cita no texto *Nosso lar, nossa escola*, da *Revista da Academia Cearense de Letras*. Todo o relato provém desse documento.

te, depois dos estudos. Pelo menos, se consolava Maria, poderia ir ao balanço novamente. Era também o consolo das outras meninas, em seus vestidos engomados. Aquele segredo não contariam a ninguém.

UMA NOVA IDENTIDADE

As aulas de escrita eram suas preferidas na Escola Normal. Com 16 anos, já perto de se diplomar, queria continuar escrevendo. Já escrevia além das aulas, em pequenos cadernos, em folhas perdidas nas gavetas. Mas ela queria mostrar para as pessoas seus escritos, aquilo que pensava. Alguns professores já haviam elogiado sua escrita, se ela era boa, deveria poder mostrar ao mundo.

Seus pais, porém, eram completamente contrários. Para eles, escrever na imprensa não era função para mulher, mulher não deveria se meter com esses assuntos. Deveria, sim, ficar em casa. A escrita, para uma pessoa do sexo feminino, só era útil para escrever listas de compras ou tomar conta de afazeres domésticos.

Resignada, Maria teve que procurar uma solução. Ouviu dizer que algumas mulheres se escondiam atrás de outros nomes para poder escrever na imprensa, para não serem julgadas. Pensou, então, que poderia fazer o mesmo. Alba Valdez. Foi o nome que escolheu. Alba era uma grande amiga sua, filha de seu professor Thomás Pompeu. O Valdez tirou do *Dicionário Valdez de Língua Portuguesa*, um dos mais conhecidos da época. Quem a conheceria por trás daquele título?

Tirou uma de suas poesias da gaveta animada e decidiu enviar a alguns jornais. Passava nos locais em que os periódicos eram vendidos diariamente desde então, para ver se haviam sido publicadas, se seu texto havia sido considerado bom o suficiente pelos editores. Folheava as páginas ansiosa, procurando o nome daquela mulher que ainda estava se tornando.

Era dia 2 de fevereiro de 1889 quando virou Alba. Seu texto estava lá, na segunda página do jornal *A Constituição*.

*Era sonho. Que sonho venturoso
Eu tivera outro dia!
Foi n'um jardim florido, esplendoroso
Sonhava que te via!*

*Era sonho. O palácio era encantado
Luzente como o dia!
N'um divã molemente reclinada
Sonhava que te via.*

*Era sonho. De lúcida avonida
Caminho eu seguia...
E lá, do céu, olhando, embevecida,
Sonhava que te via.*

*E nunca mais eu tive esses meus sonhos
Os meus sonhos d'outrora...
Amo-te! E são ainda mais risonhos
Os meus sonhos d'agora!...
(Os sonhos, jornal *A Constituição*, ed. 28)*



Alba Valdez.
Foto da
primeira
metade do
século XX.
(Foto: Arquivo
pessoal
Yolanda
Ciarlini)

Exultante, pediu ao jornaleiro um exemplar e levou-o para a casa. Quantas outras pessoas estariam lendo o texto dela! O que será que pensariam? Seriam suas letras admiradas? Era impossível tirar-lhe o sorriso do rosto. Era outra pessoa, era, agora, uma autora. Não era mais apenas Maria. Tornou-se Alba Valdez.

NAS PÁGINAS DOS JORNAIS

Saía de uma aula para outra, carregava consigo vários livros. Atravessava os longos corredores da Escola Normal, os mesmos que percorrera quando fora aluna, alguns anos atrás. Pouco mudara. Via meninas sentadas, conversando com amigas, como ela mesma fizera. Os olhares ávidos dos alunos que ensinava eram parecidos com os dela quando ainda era estudante.

Tinha 21 anos e lecionava lá há três. Fazia pouquíssimo tempo desde que deixara de ser aluna, quando tinha 16 anos. Muitos professores que agora frequentavam os mesmos espaços que ela, ensinavam nas mesmas salas, tinham sido seus mestres há apenas cinco anos. Sentia orgulho de estar junto daqueles que tanto ajudaram a formar seu caráter e tanto a estimularam a ser quem era. Ao cruzar com eles nos corredores, acenava ou meneava a cabeça respeitosamente.

Já chegando na sala que daria a próxima aula, encontrou seu ex-professor Justiniano de Serpa, que lecionava história do Brasil. Tinha ele estatura baixa, pescoço enterrado, rosto acobreado de linhas vigorosas e olhos negros. Ao passar por ele, trocou um cumprimento, sorrindo. Ele chamou seu nome, fazendo-a parar no meio do caminho.

“Maria, tenho um convite a lhe fazer”, dissera, passando a mão por seus lábios finos, sem barba ou bigode. Ele não parecia sério, mas seu convite, certamente, era. Ele a chamara para colaborar no *Diário do Ceará*, jornal importante do qual era redator junto com José Lino da Justa e

Álvaro Sousa Mendes. O periódico havia sido criado no ano anterior, 1894, mas já havia ganhado alguma notoriedade perante a sociedade cearense.

Ela já tinha, sim, publicado alguns textos esparsos na imprensa, mas nada como o compromisso de tornar-se oficialmente colaboradora de algum jornal. Poucas mulheres naquele tempo conseguiam tal feito. Muitas escreviam em cadernos escondidos em gavetas, algumas tinham a coragem de publicar um verso ou outro em algum periódico. Raras eram as que podiam ser chamadas de jornalistas.

Aquele convite a deixava, antes de tudo, honrada. Era jovem e suas produções literárias haviam sido recebidas, no geral, com muito otimismo. Ela já escrevia cadernos de composições quando entrara na Escola Normal, com apenas 12 anos, mas provavelmente eles permaneceriam nas gavetas não fosse o incentivo de professores como Justiniano. Agora, ela tinha a oportunidade de dar um passo além.

Era como se, com aquele simples chamado, ela fosse colocada acima de uma colina. Abaixo dela, uma paisagem sedutora se descortinava, um mundo de oportunidades⁷. Abriu um sorriso largo ao professor.

Ele explicou a ela brevemente como funcionaria a colaboração. De início, não seria tanta, publicaria poucos textos. Mas poderia crescer dentro do jornal e a participação também ajudaria a deixar seu nome mais conhecido na imprensa. Nem seriam necessários os argumentos para que ela aceitasse a proposta. Era um sonho que começava a tomar corpo, um novo futuro que começava a se tornar possível para ela.

“Aceito com todo o prazer, doutor”, garantiu a ele. Ele sorriu e meneou com a cabeça, afastando-se dela.

⁷ Essa metáfora é feita por ela em seu segundo discurso de posse na Academia Cearense de Letras, quando ela homenageia Justiniano de Serpa.

Alba seguiu para a sala de aula em que lecionaria, agora com um ânimo novo. Professora e jornalista, quem diria! Muitos ainda conheceriam o nome de Alba Valdez, ela esperava.

SONHO REALIZADO

O ano era 1907 e ela acabava de publicar seu segundo livro.

Sentia-se, simplesmente, feliz⁸. Aquela segunda publicação, *Dias de Luz*, tinha muito dela, assim como teve a primeira, *Em Sonhos*. Havia um pouco do que ela viveu naquela narrativa, pedaços de Maria na personagem principal.

Minha Mãe

Nestas páginas que deponho em teu regaço há como que um perfume emanado dos jardins etéreos. A maior parte foi escrita logo após nossos serões povoados das reminiscências e imagens; ias-te deitar às 9 e eu, encostada à mesa, narrava-te silenciosamente no alçaço o que me zumbia no crânio a memória esmaltada de uns longes de fantasia. [...]

Sabes que nesta narrativa nem tudo é ficção; abstraíndo do ideal a que se apega, tento memorar ligeiramente fatos típicos da nossa terra, costumes pitorescos, lembranças encantadoras e, por vezes, evoco figuras com que convivemos.

Não existe nada de dramático nem romanesco; se prende é somente pelo candor natural de que toda se impregna e pela beleza dos grandes corações que nela palpitam.

Pensando em ti escrevi-a no silêncio augusto da noite, bafejada pela tua respiração que cantava e envolta no manto resplandecente

do teu amor. Possam essas ingênuas e simples páginas do amanhecer da vida suavizar a melancolia dolorosa que te invade, refluindo teu sorriso, e reviver em tua alma a meiga esperança tão cintilante como o astro que guiou os reis magos a Belém.

(*Em Sonhos*, 1907, p. 6)

Enviara há pouco uma cópia impressa do livro para alguns jornais, para que a publicação pudesse repercutir. Ela esperava que fosse tão boa quanto foi a de *Em Sonhos*. Apesar de já estar na imprensa antes da publicação do primeiro livro, seu nome não era tão conhecido. Teve um pouco de medo de lançar a publicação, por tanto de si em um livro e dá-lo ao público, e ser criticada, como acontecia com muitos escritores e, sobretudo, escritoras da época.

A crítica era minuciosa, apontando cada falha criteriosamente e, se houvesse sorte, jogando alguns comentários positivos aqui e ali. Às vezes, quando não se era considerado bom o suficiente, sequer o escritor tinha a oportunidade de ser criticado; seu nome sequer aparecia nos jornais.

Para a sua surpresa, no geral, só houve elogios. Foi tida como prodígio, sua escrita caracterizada como “correta, atraente e elegante” por alguns jornais. O livro passou por várias mãos, suas breves fantasias antes escondidas se tornando de conhecimento público. Comentadas nos cafés, elogiadas por desconhecidos. Começou até a ser reconhecida. “É você a Alba Valdez?” se tornou uma frase muito escutada.

Seu livro ganhou vida, asas para voar e chegar longe, onde ela jamais imaginara. Suas palavras chegaram até a ser traduzidas para outros idiomas, para que quem falasse francês ou sueco também pudesse conhecê-la. Era uma honra inestimável!

Lançava, então, outro livro. O medo era o mesmo, ou mesmo maior, que o da primeira vez, apesar de não mostrá-lo jamais. Para os que a viam, ela era a confiança e

⁸ Ela foi aclamada pela crítica como poucas mulheres foram à época. É de se imaginar que fosse um orgulho.

a coragem em pessoa. De fato, era, em parte. Mas, e se detestassem o que ela escreveu? E se ela ficasse conhecida como uma escritora que teve apenas um livro bom e ficasse fadada a esse destino durante toda a sua vida? Algumas inseguranças não abandonam nem mesmo os mais seguros de si; era humana, afinal.

Alba tomava um café de Baturité — seu preferido — e esperava que algum jornal chegasse a sua casa, com sorte, com uma crítica de seu novo livro. Já fazia alguns dias que havia mandado o exemplar, as críticas deveriam começar logo a aparecer nos periódicos. Apesar do medo, não tinha tanta pressa; a experiência da primeira vez lhe mostrara que não adiantava de nada ter ansiedade.

O menino que entregava jornais geralmente chegava cedo pela manhã. Naquele dia não tardou.

Livros N. vos

«Dias de Luz» — por ALBA VALDEZ

Quando ha poucos annos appareceu o nome de Alba Valdez encimando um bello livro de phantasias intitulado *Em Sonhos*, toda gente deu fé que tinhamos uma nova escriptora, — escriptora de talento, de coração delicado e vibratil, sabendo comprehender e dizer em phrases formosas e bem acabadas todas as sensações, inda as minimas, que lhe feriam o espirito, analysta e claro.

Eram bellas paginas, em toda uma linguagem rica e sem tropeços, cheias de um colorido impressionante e luminoso, onde o estylo deslisava, como uma corrente suave, trahindo uma alma sincera de artista superior a par de uma impressionabilidade feminina e verdadeira.

E a critica indigena, como a ex-

trangeira, offereceu, numa mesura cavalheirosa, o braço á talentosa estrecante. O livro *Em Sonhos* andou por todas as mãos, penetrou em toda parte, — lido e relido com a soffreguidão que bem mereceu as bellas obras d'arte. Havia nelle alguma cousa de novo — um certo exotismo, uma maneira particular na forma e no dizer, emfim o quer que fosse superior a essas bugigangas literarias com que os editores gostam de nos massar todos os dias.

E Alba Valdez teve então a sagração da critica, ou o que é melhor, a sagração do publico.

O successo, felizmente, não lhe fez como a tantos, enferrujar a penna; e a brilhante escriptora, achando que não era tempo ou nada valia descansar a fronte sobre os louros da primeira victoria, atirou-se com mais amor ao trabalho.

Agora surge-nos ella com um novo livro, *Dias de Luz* — reminiscencias doces de tempos outros.

Seria futil querermos, aqui nesta

resenha, fazer uma minuciosa critica da nova producção de Alba Valdez.

Basta dizer que demonstra, muito á evidencia, qualidades e talentos que, devido á natureza do *Em Sonhos*, a autora inda não havia revelado.

O estylo, perdendo talvez um tanto a poesia e o colorido que o tornava de uma esquesitice muito sentimental, ganhou em segurança e em leveza.

Alba Valdez firmou definitivamente com estas novas paginas a sua individualidade. Ja pode, como Horacio, sorrir desdenhosa ao tempo destruidor.

E nós, agradecendo a offerta que nos fez de um exemplar, confessamos que os seus *Dias de Luz*, chegando-nos ás mãos numa brumosa manhã do começo desta semana, aclarou-nos deliciosamente o espirito com um fulgor novo de sol vivicante e bom.

Crítica ao *Dias de Luz* publicada no *Jornal do Ceará - Politico, Commercial e Noticioso* em 16 de março de 1907, ed 512

Deu um sorriso discreto. Conseguira. Seus temores não haviam se tornado realidade, ao contrário; a crítica continuava a aplaudindo.

Fechou o jornal e continuou com seu café. Era um bom dia que começava.

MULHERES NO PLEITO

Estava em uma fila. À sua frente, várias mulheres como ela também se alinhavam, em seus vestidos arrumados, próprios para uma ocasião especial. De fato, era. Ela sentia orgulho de estar naquela fila, chegara cedo para exercer o direito recém adquirido: poderia votar, mesmo sendo mulher.

Houve muita luta e manifestações femininas até chegar

naquele momento. Aquele caminho até a urna, apesar de não tão longo aparentemente para ela que estava a poucos passos, tinha muito chão. O direito de votar havia sido reivindicado por várias mulheres ao longo da história brasileira até chegar àquelas eleições para a escolha da Assembleia Nacional Constituinte, em 1933.

A causa feminista sempre foi para ela motor. Tinha consciência do papel das mulheres na época em que vivia, mas não queria que fosse assim. Queria poder fazer e ser mais. E queria também incentivar outras mulheres a fazerem e serem mais. Tanto que criara a Liga Feminista Cearense em 1904, quase 30 anos antes daquele momento. Muito havia sido feito, mas muito ainda havia para se fazer.

A mulher cearense do fim do século dezoove vivia naquele círculo fechado e compressor da família. Numa sociedade receosa de escândalo diante de tantos preconceitos, tendo ainda o pai da família na figura patriarcal e temida. O chefe que fechava o seu clã doméstico dentro dos limites de uma conveniência exagerada e artificial, tendo como principal efeito desse rigor o irrealismo da formação de suas filhas. A leitura da jovem era vigiada com severidade, assim sendo, perdia ela grande parte do interesse por um prolongamento.

As prendas domésticas, sabiam-se quase todas, tocava piano, cantava e enfeitava-se. As moças liam Olavo Bilac, as poesias de Casemiro de Abreu e Castro Alves.

(Discurso em homenagem ao cinquentenário do Instituto do Ceará, em 1937)

A fila era lenta e, pouco a pouco, as mulheres que saíam após o voto traziam um sorriso no rosto. Naquela época, o voto era facultativo às mulheres; estava lá apenas quem queria. Além de votar, mulheres também puderam se tornar candidatas naquela eleição. Em todos os lugares do Brasil pessoas do sexo feminino se colocavam na política, como muito havia sido sonhado por tantas. As mulheres já

havam feito tanto pelo País, era o mínimo que elas agora pudessem votar e ser votadas⁹.

Não deve ser negado à mulher o direito de votar e de ser votada. E neste ponto a atual legislação satisfaz a medida das aspirações femininas. É um ato de justiça. A cooperação da mulher na guerra que terminou em parte [II Guerra Mundial], foi deveras notável. A sua tarefa se multiplicou nas fábricas e nas oficinas; nos hospitais e nos campos de batalha; nas defesas anti-aéreas das cidades, nos navios de guerra e nos aviões de combate. Ela abandonou o próprio lar para formar uma ênia coluna, construtora da vitória dos povos livres. E essa cooperação lhe valeu conduzir para o futuro o archote da liberdade que iluminou como clarões da aurora a tradição e o nome de Ana Nery e Joana D'Arc! Se as mulheres desempenharam brilhantemente encargos ariscadíssimos no cenário bélico e sangrento que passou, porque não enfrentar essa ARRISCA-DÍSSIMA tarefa de votar e ser votada?

(Entrevista de Alba ao Jornal O Estado em 24 de junho de 1945)

Finalmente, chegou sua vez. Deu seus dados pessoais, pegou o papel, registrou seu voto e o colocou dentro da urna. Simples assim. Era de se admirar pensarem que uma mulher não pudesse fazer aquilo.

Aquele momento era representativo; histórico. Ela nunca esqueceria daquelas eleições, sua primeira.

DE VOLTA À ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

A distância entre sua casa, na rua General Sampaio, e a Academia Cearense de Letras, na rua do Rosário, não era tão grande. Era a segunda vez que percorria aquele

⁹ Nesse ano foi eleita a primeira mulher constituinte nesse pleito, a médica paulista Carlota Pereira de Queiroz.

caminho com um mesmo fim: tomar posse na agremiação. A primeira vez fora em 1922, foi a primeira mulher recebida naquele tão importante espaço da literatura cearense. Porém, uma reorganização tirara seu nome do quadro de sócios anos depois, por ser considerada “velha guarda”.

Quinze anos depois, em 1937, voltava ao espaço. Cruzou a Praça dos Leões, passou ao lado da Igreja do Rosário e, enfim, entrou no lugar que agora também era seu. Foi recebida com ares de festa, cumprimentada por todos, e atravessou com seus tamancos o piso de madeira até o auditório onde discursaria. Trocou apertos de mão com escritores antes de entrar na sala. Todos homens. Quinze anos depois, tornava a ser a única mulher da Academia.

Segurou a saia de seu vestido para subir a curta escada até o palco e, enfim, se colocou em frente ao microfone e sorriu antes de começar a falar. Todos olhavam atentos para ela, um auditório cheio das mais importantes figuras da literatura cearense. No discurso, incluiu história¹⁰. Falou de sua primeira posse, dos problemas pelos quais a Academia passou e do fatalismo da vida por estar ali naquele momento. Citou a coragem dos cearenses perante a seca que a pouco havia aparecido nos anos 1930 e de uma cidade que se desenvolvia apesar de tudo.

Discursou sobre a “nova ordem” que foi estabelecida na Academia, que acabou por retirá-la e reiterou o protesto feito por ela no *Jornal do Comércio* sobre o assunto. “De pé eu permanecia e, de pé, permanecia a minha razão”, declarou. O olhar dos colegas a ela afirmava o que ela dizia. Recebia apoio.

“A minha palavra, essa, por tímida e fraca, não se colocará jamais à altura deste auditório, deste espetáculo da hospitalidade, que recebe o clarão da juventude inteligente e estudiosa, a graça feminina e a nobreza do coração cea-

¹⁰ Seu discurso de posse consta nas Falas Acadêmicas da Academia Cearense de Letras.



Posse de Alba Valdez na Academia Cearense de Letras, em 1937. Ela está em pé, de chapéu. (Foto: Arquivo Nirez)

rense”, disse. “Não sei. . . Perdoai-me, senhores, mas neste momento, aprez-me crer no fatalismo. Sinto bafejar-me o hálito multi secular do fatalismo histórico que pesa sobre a minha terra e sobre a minha raça”, complementou.

Aproveitou o momento para homenagear seu ex-professor Justiniano de Serpa, que fora importante em sua trajetória como jornalista e, por coincidência, era o patrono da cadeira que tomava posse, de número 8. Também separou longo momento de seu discurso para dedicar a contar a história de Leiria de Andrade, que era dono da vaga que agora ocupava e havia cedido-lhe ao falecer, sacudido por uma febre alta.

Analizou a obra de Leiria, declamando versos do poeta e contou toda a sua trajetória, do curso de direito à poesia, das lutas e das glórias. “Na labuta das nossas letras, foi um companheiro que partiu cedo, deixando os que ficavam sob a perene irradiação dos seus atributos intelectuais, semelhantes àqueles astros já frios, cuja luz ainda flameja nas alturas do firmamento”, terminou.

Fez-se alguns segundos de silêncio e, quando perceberam que ela não diria mais nada, vieram os aplausos. Alba desceu do palco e sentou-se junto aos companheiros naquele amplo auditório, naquela casa que agora podia novamente chamar de sua. Estava de volta.

DIAS DERRADEIROS

Sentava-se em sua cadeira de balanço na sala da casa comprida como também foi a da sua infância. Em seus pés, estava seu fiel companheiro, seu cachorro. Ao seu redor se acumulavam pilhas de jornais, revistas e livros que ela fazia questão de guardar. Em uma mesa ao lado, algumas colagens feitas com esses materiais por ela mesma; era seu hobbie naqueles tempos de velhice. Escutava uma valsa de Strauss, uma das suas preferidas.

Alba já tinha quase 88 anos e a idade não a permitia mais uma vida social tão agitada quanto tivera outrora. Mal saía, mesmo morando perto da Casa Juvenal Galeno, onde tinha amigos e passara bons tempos de sua juventude. Morava sozinha por escolha, era mais independente assim. Não era de fazer tantas visitas, mas familiares e amigos eram bem vindos em sua casa. Vinham vez e outra, traziam-lhe alguns agrados, uma sopa, um bolo, uma fruta.

Gostava de quando eles apareciam. Via os sobrinhos se multiplicarem, as crianças sempre com novas histórias para contar. Ela também contava história, falava sobre livros que lera e os incentivava para estudarem. Incomodava-se



Alba Valdez.
Foto da
segunda
metade do
século XX.
(Foto: Arquivo
Nirez)

com os que eram ainda moços e não aproveitavam as oportunidades da vida para viver, então incentivava que seus sobrinhos o fizessem sempre que possível.

Com os adultos, conversava diversos temas, da literatura à política. Os animados debates travados com inteligência e elevação traziam felicidade aos dias mais tediosos. Sentia-se mais nova, mais viva.

Mas a velhice aparecia às vezes, as dores se tornaram mais frequentes e incômodas. Havia sido uma vida longa, cheia de glórias mas, também, de decepções. Seu corpo já estava fraco e seu fígado começava a não funcionar como deveria. Detestava a doença que a forçava para dentro das portas de casa, tirando sua disposição. Mas a idade, afinal, chegava. Não havia como fugir.

Podia olhar para trás e sentir orgulho do que fez, do que aprendeu com a vida e também do que pode ensinar. Tentou fazer algo para mudar durante todos aqueles anos e esperava que a vida para outras mulheres dali para frente fosse mais fácil do que a que ela enfrentou. Esperava que, no futuro, mais mulheres pudessem escrever, estudar e ingressar em uma profissão, como ela fez. Que mais meninas não aceitassem ficar na caixa que lhes era imposta desde o nascimento e que pudessem seguir o caminho que quisessem, sem serem presas às prendas do lar e a um casamento quase obrigatório.

Estava velha e, finalmente, os tempos eram outros. Mudaram aos poucos e ela pode acompanhar aquilo, pelo menos em parte. Dava orgulho ver as coisas por essa ótica.

A campainha tocou. Seu cachorro correu à porta, latindo em plenos pulmões. Levantou-se com alguma dificuldade da cadeira de balanço e andou de passos arrastados até a porta. Do lado de fora, escutava-se o barulho de carros. Aquilo também havia mudado com o tempo; a cidade estava muito mais barulhenta. Incomodava-a.

Era uma de suas sobrinhas-netas que lhe sorria com um embrulho nas mãos, algum agrado. “Tia Marica!”, exclamava.

mou e a deu um abraço. Alba a recebeu com cordialidade e foi junto com ela novamente à sala para que pudessem se sentar e jogar conversa fora. O cachorro se acalmara e se contentava em correr atrás das mulheres, cheirando os pés da visita.

Juntas, conversaram durante pelo menos uma hora, sobre os mais variados temas. A vida dos filhos, a profissão, a política na cidade, os problemas que afetavam a sociedade naqueles tempos. Despediu-se da familiar deixando-a na porta e lhe dando um abraço, como foi quando ela chegou.

Quando a porta fechou, a casa gritou quietude. Não se sentia, porém, sozinha.

RELATOS DE QUEM CONHECEU

LEMBRANÇAS DA MOCIDADE

Conseguir conversar com a aposentada Yolanda Ciarlini Varandas, 81, foi um desafio. O primeiro contato foi uma conversa de cerca de 15 minutos pelo telefone em que tentei convencê-la a me encontrar pessoalmente para conversarmos sobre sua tia-avó, Alba Valdez, com que ela teve contato durante a adolescência. Sem sucesso. Já idosa, não gostou da ideia de receber visitas, quanto mais de uma jornalista desconhecida.

Depois de considerar o assunto, decidi entrevistá-la por telefone mesmo. Não são tantas as pessoas hoje ainda vivas que têm histórias para contar sobre Alba, que foi uma das primeiras jornalistas do Ceará. Eu teria que arranjar um jeito de escutá-la.

Quando liguei da segunda vez, foi sua filha quem atendeu. Já intrigada pelo duplo incômodo à sua mãe, pediu que eu explicasse a situação e só então passou o telefone a Dona Yolanda. Passado o primeiro estranhamento, a conversa foi leve, recheada de risadas, com as lembranças do

tempo da mocidade da senhora já fluindo com facilidade.

“Ela era minha tia-avó, minha convivência com ela maior era quando mamãe pedia para eu levar um lanche para ela, a gente morava perto”, conta. Tinha seus 15 anos na época e Alba já era idosa. “Ela morava só com um cachorro e as pessoas gostavam de ir para lá, pessoal jovem. Ela tinha uma conversa bonita e gostavam de ir para lá só para conversar”, lembra.

Tímida, Yolanda lembra que não conversava tanto com Alba por ter vergonha de lhe fazer perguntas. A tia-avó, porém, costumava lhe dar conselhos. “Ela era uma pessoa legal, eu sei que ela dizia muito para mim ‘Yolanda, minha filha, quando você for dizer alguma coisa, pense para não entenderem errado’”, diz. Lembrou também de a tia brincar com relação a um namorado que ela teve por volta dos 18 anos. “Não, minha filha, não traga agora não, deixa completar uns dois anos”, ela lembra de ser a resposta da familiar, contando a história aos risos.

“Ela era muito espirituosa, eu gostava muito dela”, confessa. “Era muito engraçada a Tia Marica [como Alba era chamada pelos familiares]. Eu admirava porque ela era uma pessoa culta”. Yolanda se lembra de Alba como uma pessoa simples. Descreveu a casa em que ela morava, de uma porta e janela, na rua General Sampaio, próximo ao Cine Rex, que existia na época. “Ela morava só, ela não queria ninguém morando com ela. Gostava de ser só. Era solteirona, não foi casada”, relata.

Ela conta que a família não sabe de possíveis namorados ou romances que Alba teve durante a vida. Libertária, escolheu a solidão. “Era uma mulher bonita, com os olhos tão azuis, uma pele tão linda, parece de uma mocinha. Eu perguntava como a pele dela era tão bonita e ela me respondia ‘sabe porque, minha filha? É porque eu nunca me pintei’”, lembra. Também lembra que a tia brincava comparando ela com a beleza da mãe de Yolanda. “Você é a filha que parece mais com a sua mãe, mas não chega nem aos

pés dela”, era o que ela falava, conforme a sobrinha-neta.

Yolanda também contou que não estava em Fortaleza quando a tia-avó faleceu. Segundo ela, Alba morreu na casa de uma sobrinha, no Benfica, passou mal quando estava sentada em uma cadeira, conversando, como gostava sempre de fazer. A informação foi, de certa forma, uma surpresa, já que alguns livros bibliográficos sobre a autora apontam que ela havia morrido no Rio de Janeiro.

A ligação terminou com uma Yolanda saudosa. Despedi-me dela com a senhora contando o quanto gostou de lembrar a tia. Poucos minutos após a ligação, pediu que sua filha me ligasse novamente para contar que acabara de lembrar que tinha em casa um retrato de Alba. Solícita, conseguiu um jeito de me enviar, já que eu não conseguiria obter a foto pessoalmente. Desliguei a segunda ligação com um sorriso, agradecida.

COMPANHIA DAS TARDES

A porta do apartamento da professora aposentada Maria Lúcia Teixeira, 68, já estava aberta quando cheguei. Esgueirei-me tímida até que ela veio me atender com um abraço. Logo me convidou a sentar e começamos uma conversa agradável sobre sua tia bisavó e sobre a vida em geral. Lúcia, de tanta boa vontade, me emprestou até seu exemplar do *Em Sonhos*, de Alba Valdez, que eu ainda não tinha conseguido acesso. Mostrou-me papéis guardados de recortes de jornais e o santinho do velório da autora. Sorriu sempre.

A entrevista propriamente dita só começou de verdade quando seu irmão, o médico Carlos Augusto Ciarlini, 69, chegou a casa de sua irmã. Trouxe em sua pasta tudo o que conseguiu achar em seus arquivos que fosse relacionado à tia bisavó. Alguns dos papéis já haviam sido mostrados pela irmã. Trouxe uma colagem feita pela Tia Marica — além de colecionar jornais e revistas, tinha como hobbie

fazer colagens com eles — e um livro com uma dedicatória a ela. Os irmãos voltaram ao passado e rememoraram suas infâncias.

“Me lembro de uma tia velhinha, doce, muito doce, delicada, ligada a livros e a papéis. Ela morava nessa casona antiga, bem comprida, com um corredorzão, na rua General Sampaio, perto do Teatro e da Casa de Juvenal Galeno. Morava só ela com um cachorro que se chamava Monami ou Bonami, não sei. Também não lembro a raça”, começa Augusto, logo que o gravador começou a funcionar. Sua irmã complementou. “O que a gente escutava é que ela era uma mulher avançada para época, era o que se chamava de feminista, defensora da causa das mulheres”, diz Lúcia sobre a tia, que carregava seus ideais revolucionários mesmo já idosa.

Ela também recorda da imagem dela já velhinha nas visitas das tardes, sentada na cadeira de balanço com seu grande cachorro sempre aos seus pés. “Era uma pessoa bem suave, bem cordata. Gostava de incentivar as pessoas aos estudos”, diz. Augusto conta que a casa da tia era cheia de pilhas de jornais e revistas já velhos, que ela gostava de ler e marcar. Segundo Lúcia, o incentivo era especial às sobrinhas bisnetas. Ela queria que as meninas pudessem ser mais do que a sociedade as impunha e acreditava que só conseguiriam isso por meio dos estudos. “Falava que tinha que estudar, que tinha que se formar. Naquele tempo não era tão assim, as mulheres eram mais para as prendas do lar”, conta.

“Não sabemos nada sobre a vida afetiva dela, talvez não tenha existido, ela era solteira. Era voltada para tudo que era assunto de literatura, acho que ela fazia traduções também, tinha francês como segunda língua”, aponta Augusto. Lúcia não se lembra de já ter recebido visitas de sua Tia Marica quando era criança; era sempre ela, o irmão e a mãe que iam visitá-la.

Alba morava sozinha e, mesmo já idosa, se virava só,

cozinhas e cuidava da casa grande. Apesar da escolha na solidão, não dispensava uma boa conversa. “Ela gostava de conversar, não era trancada não. Era muito dócil”, diz Lúcia. A vida pessoal, porém, não era assunto central, pelo menos não quando conversava com as crianças. “Tinha um modo mais doce e suave que eufórica, mas conversava, conversava adequadamente quando estava com crianças”, diz “Não nos lembramos dela falando sobre ela, quem na verdade falava sobre ela e dizia que ela era uma intelectual, que tinha muitos livros, era nossa mãe, que era sobrinha neta dela”, reforça Augusto.

Para Lúcia, Tia Marica foi uma influência na pessoa em que hoje ela é. “Nossa mãe nos levava sempre lá, ela nos ensinou a admirar a Tia Marica. Ela morava sozinha. Mulher que morava sozinha era uma coisa rara, difícil na época”, recorda, se referindo à dificuldade de independência. Fica o orgulho de ter tido na família uma mulher assim. Augusto compartilha do sentimento. “De um certo modo, era como se nossa mãe dissesse, ‘você tem que escrever direito, falar direito, para honrar Alba Valdez’”, memora.

Augusto considera que a memória de Alba não ficou bem guardada pela família ao longo dos anos. “Achamos que poderia ter sido melhor a conservação. Nossa mãe que guardava, por isso que nós somos, de certo modo, os sucessores desse zelo”, afirma. Segundo Lúcia, o legado da escritora veio mais à tona apenas recentemente, com pesquisas sobre a trajetória da escritora, como esta e outras que apareceram nos últimos anos. A sobrinha bisneta tem planos de ressurgir a lembrança de Alba Valdez para seus descendentes.

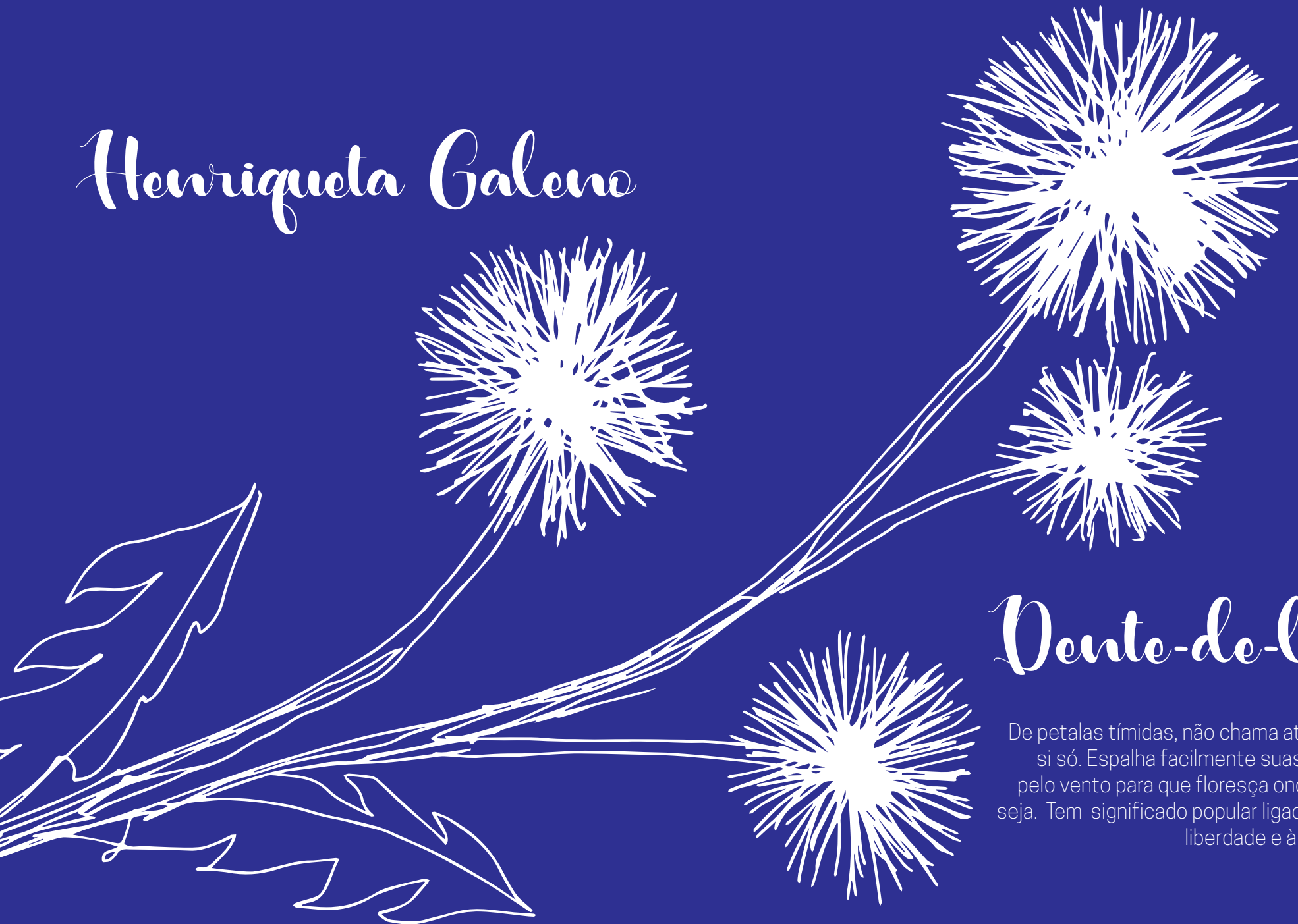
No fim da entrevista, Lúcia lembrou com tristeza de como foi quando a querida tia faleceu. O fato foi escondido das crianças pelos pais, que queriam protegê-las. “Eles esconderam um pouco da gente no começo, ficamos assim consternados, nós gostamos daquela tia, daquelas visitas”, lamenta.



Lúcia e Augusto, sobrinhos bisnetos de Alba Valdez.

O clima triste foi desfeito pela cordialidade da professora, que tratou de trazer bolo e suco para mim e para seu irmão. Começou, então, uma conversa descontraída, já sem nenhuma relação com o assunto da entrevista. Augusto, muito solícito, pegou meu contato de telefone e ficou de procurar mais arquivos que pudesse me mandar. Despedi-me da família com promessa de retorno.

Henriqueta Galero



Dente-de-leão

De pétalas tímidas, não chama atenção para si só. Espalha facilmente suas sementes pelo vento para que floresça onde quer que seja. Tem significado popular ligado à força, à liberdade e à esperança.

OS CAMINHOS ATÉ HENRIQUETA

Era uma tarde de quinta-feira em abril, no Centro de Fortaleza.

Eu queria encontrar Henriqueta, uma velha amiga conhecida apenas das leituras em livros até eu decidir colocar o pé na rua e procurá-la. Perguntei o caminho para sua casa e me indicaram: “É na rua General Sampaio, menina, pertinho do Theatro José de Alencar. Pega a Liberato Barroso direto que você sai em frente”, ensinaram-me.

Percorri a Praça do Ferreira. Encontrei a rua. Segui direto. Encontrei o teatro, mas não encontrei o local. Procurei novamente. E, finalmente, me deparei com os muros verdes, mesmo um século depois da criação da casa. A ideia de bater à porta sequer me ocorreu; ela estava aberta. Eu descobriria apenas depois que aquela é uma porta que nunca se fecha¹.

Entrei no salão de azulejos estampados, sentei-me em uma das cadeiras de balanço de madeira. Observei os quadros nas paredes, os móveis antigos, os armários com livros e mais livros. Henriqueta não viria e não me presentearia

¹ Isso foi dito pela Adísia Sá, antiga frequentadora da Casa. De fato, nas diversas vezes que fui à Casa durante a pesquisa, nunca encontrei a porta fechada.

com sua conhecida cordialidade, nem me serviria o café da tarde famoso dos tempos de maior movimentação na casa.

Fazia 54 anos que ela não vivia mais naquele lar nem em lar algum deste mundo. Mas ela estava ali. Sim, eu sei, é clichê dizer que alguém que já morreu permanece vivo. Traços da mulher estavam concretamente ali, podiam-se perceber em cada detalhe da casa. Se tivesse eu a conhecido pessoalmente, poderia até dizer que a disposição dos livros havia sido arrumada por ela, que sempre estava junto deles.

Era possível ver que a dedicação da mulher com o espaço havia sido herdada de geração para geração. As luvinhas brancas e delicadas que ela outrora usou estavam lá, expostas. O leque com que ela já havia se abanado no calor de Fortaleza também estava ali. Escritos feitos a punho e mesmo um livro de dedicatórias dado a ela por seu pai, o conhecido poeta Juvenal Galeno, estavam lá. Henriqueta permanece viva.

E, provavelmente ficaria feliz se constatasse seu lar tão bem cuidado depois de tanto tempo. Ao encontrar uma aspirante a jornalista indo à sua casa para perguntar sobre ela — só sobre ela —, será que falaria? Será que preferiria se manter fechada sobre a vida pessoal, como se manteve com tantos amigos? Acabaria falando sobre o pai? Provavelmente. Tão humilde mulher, que, de tão dedicada à família, dedicou tão pouco de seu tempo para si mesma.

Gostaria de entrevistá-la para contar sua história — a dela, não de seu pai, não da casa que levou o nome dele. A de Henriqueta. Mulher de luta, que buscou ser importante em uma sociedade em que seu gênero era e é desvalorizado. Que reivindicou até fora do Ceará o direito de mulheres ocuparem profissões consideradas masculinas. Que quis falar para o mundo, ainda que em casa fosse mais calada.

Ainda bem que sua história não se esvaiu, mesmo tantos anos depois. Seu sobrinho, Antônio Galeno, recebeu-me na sala de estar. Dispôs da casa, dos livros e de si para ajudar



Casa de Juvenal Galeno, na rua General Sampaio, no Centro. (Foto: Reprodução/Internet).

na pesquisa. Outras pessoas também me ajudaram a entrar no mundo de Henriqueta. Um dos privilégios foi encontrar pessoas que tiveram a oportunidade de conhecer a personagem deste capítulo. Foi poder escutar as histórias que não são contadas nos livros. Mesmo que fossem poucas, das memórias avariadas pelo tempo. Das festas às confidências, da sopa aos biscoitinhos.

A viagem para encontrar Henriqueta exigiu mergulho. Segurei o fôlego e fui.

BREVE HISTÓRICO

Filha do aclamado poeta popular cearense Juvenal Galeno e de Maria do Carmo Cabral Galeno, Henriqueta herdou, além do sobrenome, o legado do pai. Nasceu em Fortaleza no dia 23 de fevereiro de 1887, uma quarta-feira de cinzas, na casa 272, atualmente rua General Sampaio, 1128.

Cresceu em um mesmo endereço, sendo a segunda caçula de cinco irmãos. Traçou durante sua vida o rumo da cultura do Ceará, incentivando as letras e as artes. Principalmente a partir de seus 32 anos, quando buscou fazer com que a poesia de seu pai fosse reconhecida Ceará afora,

quando criou a Casa de Juvenal Galeno. Procurou, também, fazer com que as mulheres de sua época tivessem voz.

Estudou no Colégio Imaculada Conceição, após ter aulas particulares em casa. Ingressou no Liceu e se bacharelou em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1919. Acabou, porém, tornando-se professora. Ensinou História do Brasil no Liceu do Ceará e Literatura na Escola Normal.

Em 27 de setembro de 1919 fundou o Salão Juvenal Galeno, que posteriormente se chamaria de Casa de Juvenal Galeno, na data do centenário de seu pai. Abriu as portas do próprio lar para poetas, escritores, jornalistas, políticos e artistas. Recebeu personalidades importantes da sociedade e organizou eventos para se discutir literatura, arte e cultura. Aposentou-se em 1962, passando a se dedicar, a partir de então, apenas à Casa.

Em 1931, pouco após a morte de seu pai, Henriqueta representou o Ceará no Congresso Internacional Feminista², no Rio de Janeiro. Lá, fez discursos sobre a condição social e econômica da mulher cearense e pode trocar ideias com outras feministas. Também defendeu o direito da mulher de exercer profissões consideradas masculinas.

Em uma tentativa de dar maior visibilidade às mulheres cearenses que se aventuravam nas letras, fundou em 1936 a Falange Feminina, posteriormente Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno. Este era um espaço em que as beletistas podiam se expressar e conseguiam tomar espaço nos jornais em um tempo em que a imprensa era predominantemente masculina. Henriqueta também escreveu, mas não fazia disso sua prioridade. Poucas de suas poesias e textos foram publicados, de fato. Preferia ela dar luz a novos nomes, colocar outras mulheres nos holofotes.

² As fontes diferem com relação ao número da edição do congresso. Em alguns livros, diz-se que é o primeiro. Em outros, o segundo.

Henriqueta também criou a Academia de Letras do Estado do Ceará, que funcionou na Casa de Juvenal Galeno durante um período em que a Academia Cearense de Letras não tinha um funcionamento efetivo de reuniões e encontros, existindo apenas de nome. Foi, então, responsável por reorganizar os acadêmicos da literatura, que depois retornaram à Academia Cearense de Letras original. Devido à sua importância, tomou o assento de número 23, cujo patrono é seu pai.

Contribuiu com a formação da Associação Cearense de Imprensa, em 1925, e fez parte da Associação Cearense de Geografia e História. Foi secretária-geral da Comissão Cearense de Folclore e membro correspondente da Academia Feminina do Rio Grande do Sul. Publicou poesias e artigos em jornais como *A Razão* (1929) e *Correio do Ceará* (1964) e na revista literária *Jangada*, que divulgava trabalhos da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno.

A imprensa e os anais de associações culturais estamparam em suas folhas alguns discursos feitos por ela em eventos. Henriqueta também tem um livro, *Mulheres Admiráveis* (1965), que foi publicado por sua sobrinha Cândida Maria Galeno apenas após a morte da personagem deste capítulo. O livro é fruto de um levantamento feito por ela sobre mulheres que tiveram algum destaque na literatura brasileira da época. A escritora se dedicou a escrever pequenas biografias sobre elas para que seus nomes fossem conhecidos.

Henriqueta faleceu em 10 de setembro de 1964, com 77 anos, na mesma casa em que viveu durante toda a vida, onde até hoje está alocada a Casa de Juvenal Galeno. O equipamento cultural pertence atualmente ao Governo do Estado do Ceará e é mantido pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult-CE). Foi Henriqueta que deu a Casa ao Estado, pensando na propagação da cultura cearense muito depois da sua morte. Mas deu-a com uma condição: de sempre ter um Galeno sobre a direção do local.

O PEDIDO DO PAI

Os ensinamentos em casa com a talentosa Nini Dodt Barroso, as aulas no Colégio Imaculada Conceição, as notas altas no curso preparatório do Liceu do Ceará em todas as disciplinas — menos matemática, matéria que nunca conseguiu assimilar — o bacharelado em Ciências e Letras e todos os quatro anos de curso de ciências jurídicas, na Faculdade do Ceará. Toda aquela formação levava àquele momento, quando se graduaria.

As lições de bordado da mãe que Henriqueta não conseguiu realizar com primor não teriam mais importância. Ela poderia seguir a carreira no Direito, realizar um sonho. Não mais espetaria seus dedos com agulhas ao tentar gravar no tecido uma flor ou um ramo. Com as habilidades manuais, já havia sido comprovado, era tão boa quanto com as de matemática. Não, viveria a vida onde mais gostava, entre os livros.

Seria sim mulher e juíza, apesar do que as imposições do tempo em que vivia queria que fosse. Já havia enfrentado muitos preconceitos só ao desafiar entrar em uma graduação, não pararia agora. Quebraria os grilhões que a impedissem da liberdade. Seria feliz.

Continuaria estudando as leis, como estudou durante aqueles anos. Queria ser uma intelectual, respeitada como seu pai, Juvenal Galeno. Poderia, no futuro, se aventurar nas letras como ele, tendo mais visibilidade. As poesias sairiam dos rabiscos nos cadernos e ganhariam os livros, que nem as de seu ilustre pai?

Aos 35 anos, receberia, enfim, seu diploma. Já havia se formado, mas a colação de grau ocorreria apenas naquele 9 de abril de 1919. A solenidade simples na sala da diretoria não contava com outros amigos de curso, seria ela outorgada sozinha. Estavam lá, no entanto, personalidades e autoridades importantes. O presidente de Estado João Tomé de Saboia e Silva e o poeta Antônio Sales se faziam presentes



Henriqueta Galeno com seu diploma em Direito. (Foto: Casa de Juvenal Galeno)

para prestigiá-la no recebimento do título.

Henriqueta estava exultante. Orgulhosa, como deveria.

Recebia ainda os parabéns, já de diploma em mãos, quando recebeu também uma surpresa. Era João Tomé que lhe oferecia a nomeação na Promotoria da Capital. Henriqueta mal podia acreditar. Exultou de contentamento, já conseguia se ver na tribuna, argumentando com veemência contra os crimes. “Obrigada, obrigada, obrigada!”, deve ter agradecido, mil vezes. Que alegria!

Correu à casa de número 272, feliz. Contaria a novidade à mãe, às irmãs, aos irmãos e ao pai. Será que ele ficaria orgulhoso como ela estava? Já fazia planos para a carreira na qual apenas tinha dado o primeiro passo após engatinhadas. Como seria a vida em sua nova profissão?

A notícia já era manchete no dia seguinte no *Jornal da Manhã*, graças à sorte de o jornalista Luís Santos, dono do veículo, estar presente na ocasião. No dia seguinte, também, o sonho de Henriqueta ruiu.

Seu amado e admirado pai não gostou da ideia de ver sua filha como promotora de justiça. Não concebia a Juvenal Galeno uma mulher, àquela época, ter tal ofício. Teve

educação rígida, patriarcal. O sexo feminino pertence à casa, aos afazeres domésticos e à família. Nunca a uma tribuna! Que absurdo!

“Sou absolutamente contrário e terei grande desgosto se você me desobedecer”³, disse, friamente, zangado com a filha como ela raramente o via. Não restou nada mais a fazer a ela se não obedecer cegamente à ordem do pai. Não poderia decepcioná-lo, ele era tão amante dos filhos e a tratava com um carinho tão extraordinário... Não relutou.

Teria que falar com João Tomé para negar-lhe o convite, por mais que aquilo lhe doesse o coração. Henriqueta não poderia mais defender o direito dos menos favorecidos, a beca não sairia do armário. Não entraria no tribunal.

O homem ofereceu a ela, em troca, o cargo de inspetora de ensino estadual, que estava vago, apesar de ter dito que aquela era uma função apenas para pessoas do “sexo forte”. Henriqueta, teria, então, um emprego logo após formada, apesar de não ser o que ela queria.

Seu pai deu-se por satisfeito. O belo sonho ficou abandonado, nunca se concretizou. Henriqueta chorou em silêncio.

A SECRETÁRIA DE JUVENAL GALENO

“Henriqueta, minha filha”, chamava o pai já idoso da rede armada na sala. A mulher correu ao encontro da voz, disposta a fazer qualquer coisa pelo senhor que não era apenas seu pai, mas alguém que ela admirava profundamente, um ídolo. Buscaria-lhe um copo d’água ou levaria-o o penico⁴, daria a ele qualquer apoio que precisasse.

Já era assim há pelo menos 22 anos, desde que os olhos do pai não puderam mais ver o mundo. Desde os 19 a me-

³ Fala presente em autobiografia escrita por Henriqueta Galeno no início de seu livro *Mulheres Admiráveis*. Todo o relato provém desse documento.

⁴ O jornalista Nirez brincou ao contar sobre a relação entre Juvenal e Henriqueta, dizendo que ela que o levava o penico.

nina — então mulher — dedicava a ele todas as suas horas livres. Foi para o pai a bengala necessária para que ele se colocasse de pé e a companhia para que a cegueira não fosse tão ruim.

“Senhor?”, ela respondeu. “Tome o tinteiro e o papel”, ele lhe disse, simplesmente.

Ela já sabia o que fazer. Os olhos cegos do poeta impediam que as linhas escritas fossem retas e legíveis. A filha tornou-se para ele, então, secretária. A arte dele sendo escrita pelas mãos dela, em caligrafia delicada.

Henriqueta vasculhou as gavetas da escrivaninha e do armário atrás de si e puxou uma cadeira da mesa ao lado para sentar-se. A mãe, Maria do Carmo, ainda que também já idosa, se arrastou para junto da dupla para escutar a poesia. Era a diversão que havia naqueles tempos. Puxou também uma cadeira, se colocou do outro lado da rede e pôs os ouvidos atentos.

“Estou escutando, pai”, disse a secretária. E o homem começou.

Não poderia ter certeza se aquela seria a última produção que seu amado pai ditaria para ela. Mas podia desconfiar. Ele ficava cada vez mais velho e as doenças que surgiam com a idade se agravavam. Um espirro que o homem desse era para ela preocupação. O cuidado para com ele ficava mais difícil e ela era praticamente sozinha no escritório. A única filha que continuara dedicada a ele inteiramente. Não queria sair de casa e não queria “formar família” — já a tinha: o pai.

Para ela, a dedicação não era nada mais que natural. Ela considerava que a mulher cearense é toda dedicação, fidelidade e ternura, e que seguia ela apenas uma regra geral, não era, de maneira alguma, uma exceção⁵. O que poderia

⁵ Ela fala isso em entrevista ao jornal *O Globo*, citada no 2º volume do livro *Mulheres do Brasil*. Na referência, não é colocado o ano da entrevista.



Juvenal Galeno declama sua última poesia, segundo relatos, a sua filha, Henriqueta. (Foto: Casa de Juvenal Galeno)

ela fazer se não dar tudo de si para alguém que deu a ela todo o amor e carinho, a oportunidade de viver a vida que vivia? Não fosse a preocupação dele em dar maior educação aos filhos, talvez estivesse ela e a família morando no sítio de Boa Vista, lá em Aratanha, onde nasceram seus irmãos mais velhos, José Maria, Antônio, Maria do Carmo e José. O pai já pensava em seu futuro antes mesmo de ela nascer, levando a família à Capital.

Henriqueta acreditava que nunca poderia demonstrar tão grande gratidão a ele quanto sentia. Nem mesmo a transformação do lar da família em um equipamento cultural com nome de Juvenal Galeno. O que ela poderia fazer era dar a ele todo tempo que ela pudesse enquanto o relógio biológico do próprio pai já teimava em querer parar para dar um fim à vida do ilustre poeta. Por ele, daria o sangue, desistiria de sonhos para obedecê-lo.

Quando o homem calou as palavras, Henriqueta pousou tinteiro e papel na mesa ao lado e sorriu para o velho. Ele não podia ver o gesto, mas sorriu de volta. Ela afagou o rosto de barbas brancas do velho de pijamas frouxos e ajudou a tirar os chinelos de seus pés para que ele pudesse se deitar na rede.

Henriqueta já guardava poesias de seu pai o suficiente para publicar dois livros. Aquela foi a última, mas ela nem

poderia imaginar quando estava gravando as palavras no papel. Nem sabia se os versos seriam algum dia publicados, talvez ficassem apenas no acervo da família. Ela não poderia saber, mas foram publicados em 1969, cinco anos após sua morte, os livros *Medicina Caseira* e *Cantigas Populares* com o trabalho escrito por Juvenal em inspiração, mas pelas mãos de Henriqueta. Ficaria, provavelmente, feliz, após uma vida divulgando o pai.

O amor dela por ele também ficou marcado em versos escritos por ela mesma, em homenagem ao pai.

*Assim vivo há muito de reverenciar
A memória de um santo, com fervor
Na mais justa e mais pura alegria
De exaltar a bondade e a inteligência
Num canto eterno de beleza e amor.*⁶

DEFENSORA DAS MULHERES

O ano era 1931 e ela tinha há pouco enterrado seu pai. De coração enlutado, precisava achar outra causa para se dedicar inteiramente, já que seus dias de secretária de Juvenal Galeno haviam acabado. Aos 44 anos, nunca tinha saído do Ceará. Sairia então para lutar por algo que sempre apoiou, mas que nunca tivera tempo para defender com afinco até a morte de seu pai: o direito igualitário para as mulheres.

Não estava nervosa, não era a primeira vez que falava em público. Tinha segurança do que dizia, acreditava em cada palavra. Defenderia seu sexo, diria em voz alta, enfim, anseios que antes não tinham tanto alcance, já que seu foco era outro.

A novidade estava no local. Sairia de terras cearenses

⁶Poesia é citada no livro *Mulheres do Brasil*, mas não é colocada a referência de onde os versos foram publicados.

em direção ao Rio de Janeiro para falar com outras mulheres de todo o mundo no Congresso Internacional Feminista. Representava seu estado no evento liderado por Bertha Lutz⁷, uma honra para ela. A troca de ideias com outras mulheres que compartilhavam parte de seus ideais a animava. Era uma oportunidade de lutar por seu sexo, tão sem visibilidade à época.

“Precisamos, neste momento de tumultos e de ânsia, adquirir, sem mais delongas nem injustificáveis recuos, a participação igualitária da mulher em todas as atividades sociais. Quebremos, num gesto resoluto, estes grilhões que, por dezenas de anos, nos têm acorrentado e rebaixado a uma situação de seres inferiores, incapazes de ter uma celebração semelhante a do homem e poderem participar, igualmente, dos direitos sócio-políticos conferidos àqueles”⁸, defendeu, logo no início de seu discurso na capital fluminense.

A tese dela foi bem recebida, ouvidos atentos a escutavam. Continuou.

Henriqueta queria que todas as mulheres tivessem o direito de exercer qualquer profissão que quisessem, por não considerar o sexo feminino inferior ao masculino em nenhum aspecto. Queria que as mulheres tivessem educação que ultrapassasse as prendas domésticas e chegasse nos livros, na literatura, no conhecimento acadêmico que ela tanto admirava.

Desejava ela que a mulher adquirisse direitos há muito tempo negados, apenas igualdade. “Pretendemos participar igualmente das mesmas vantagens e das mesmas desvantagens dos seres masculinos, em todas as atividades humanas”, discursou.

⁷ Ativista pelo feminismo, bióloga e política brasileira. Foi uma das figuras mais significativas do feminismo e da educação no Brasil do século XX.

⁸ Todo seu discurso aqui citado consta no livro *Henriqueta Galeno: No Congresso Feminino, na Academia Carioca de Letras*.

“Não sou feminista rubra, absolutamente. Defendo os direitos do meu sexo sem exagero. Acho que a mulher deve participar igualmente de todas as atividades sociopolíticas. Bato-me fortemente, pela seleção dos valores femininos, não só intelectuais como morais. A mulher quer e deve ser integralizada de seus direitos há tanto postergados”.

Acabou citando também certa revolta, não com seu pai, mas pelo fato de mulheres serem impedidas de exercer cargos públicos por serem mulheres, como aconteceu com ela. “Não queremos mais ser afastadas do desempenho de um cargo público, ou que se nos vede o seu acesso com o eterno e fragilíssimo pretexto de não o podermos ocupar, pelo simples fato de se pertencer ao sexo feminino”, protestou.

Aos 44 anos, Henriqueta também nunca havia votado. Nenhuma mulher também tinha, nem aos 18, nem aos 90. No Rio de Janeiro, ela pediu que as mulheres pudessem ingressar na vida política, tanto brasileira, quanto cearense. Que tivessem escolha dos governantes que tomariam as decisões mais importantes. E, mais que isso, que ingressassem também no parlamento e tomassem elas próprias as decisões se quisessem.

“Por índole, não sou intolerante. Defendo os direitos do meu sexo sem exageros extremados, tanto assim que vos confesso: como há homens ruins, existem mulheres péssimas”.

Henriqueta Galeno (sentada, quarta pessoa da esquerda para a direita) no Congresso Feminista, junto com outras personalidades (Foto: Casa de Juvenal Galeno)



mas; como há homens bons há também mulheres ótimas. Bons e maus existem, indiferentemente, nos dois sexos”, ponderou. “Creio que não exagero afirmando-vos: Na conquista de um ideal, sou combatente que se pode matar, mas vencer, nunca!”, concluiu o discurso, por fim, feliz.

A luta de Henriqueta prosseguiu depois dos aplausos. A ida da mulher ao Rio de Janeiro repercutiu na imprensa. De volta à Fortaleza e à Casa de Juvenal Galeno, via o feminismo com outros olhos. Queria, ela mesma, fazer mais pelas mulheres cearenses, com a mesma dedicação que teve para com seu pai.

Para tanto, entrou em contato até mesmo com o então presidente Getúlio Vargas em 1933, quando este esteve em Fortaleza. Mandou para ele uma carta, que expunha a injustiça de as mulheres não terem participação política.

“Dirigindo-vos a palavra, através desta Mensagem, faço-o senão como vanguardista da causa feminista no Ceará — pois quando do advento da nova pátria dirigi (...) ao exmo sr. Interventor Fernandes Távora, um apelo no sentido que os reconstrutores da nacionalidade reparassem a injustiça a que está condenada a Mulher Brasileira, proibida de exercer seus direitos políticos. (...). Dr Getúlio Vargas — recebi a expressão da maior confiança e do mais vivo reconhecimento da Mulher Cearense”⁹.

Na Casa de Juvenal Galeno decidiu, então, criar um espaço próprio para as mulheres cearenses se expressarem na literatura: a Ala Feminina, em 1936. Criou também um espaço para elas na imprensa: a revista *Jangada*.

O ideal feminista a acompanhou até seus últimos dias, mas não foi junto dela ao túmulo. Foi perpetuado pelas várias mulheres tocadas pelos discursos e que receberam de Henriqueta oportunidades de escrever ou, simplesmente, de perceberem a liberdade que já era delas.

⁹ O documento está presente na Casa de Juvenal Galeno.

OS EVENTOS NA SOCIEDADE

Era dia de festa na Casa de Juvenal Galeno. A casa, que já era normalmente movimentada, ficava uma loucura. Henriqueta tinha agenda cheia. Muitas ligações para fazer, muitas personalidades importantes para convidar para o evento. Ao mesmo tempo, ia na cozinha, provava da comida que seria servida apenas com seu aval. Arrumava um quadro na parede, posicionava melhor um vaso na mesa da sala de estar. Tudo precisava estar pronto para receber os convidados.

Aquela arrumação era para ela coisa cotidiana. Recebia com frequência convidados em sua casa, seus eventos já haviam ficado conhecidos na sociedade. Os carros que passavam nas ruas próximas sequer buzonavam para não atrapalhar a festa. Pensar naquilo a fazia sorrir. Tinha conseguido certo respeito perante as pessoas da cidade, e mesmo fora do Estado era conhecida, de certa forma.

Ela conseguira figurar com frequência a imprensa cotidiana, ainda que fosse mais como personagem que como escritora. Os jornais anunciavam e cobriam as festas orga-

**Auspicia.se
brilhantissi.
ma a proxima
«Festa das
Flores».**

Deve realizar-se no proximo dia 31 a annunciada «Festa das Flores», promovida por iniciativa das exmas. sras. dra. Henriqueta Galeno, Adilia de Albuquerque Moraes e Elvira Pinho.

Esse festival de caridade terá effectividade durante todo o dia referido, terminando com um sarau-dansante no «Iracema», revertendo todo o producto em favor do hospital dos lazarus de Canafistula e do Azylo de Allenados de Porangaba.

— Amanhã daremos circumstanciada noticia a respeito do louvavel movimento.

Noticia sobre evento realizado por Henriqueta na edição nº 67 do jornal *A Razão*, de 1929

Salão Juvenal Galeno

A recepção á escriptora Rachel de Queiroz

Às 19 horas de hoje o Salão Juvenal Galeno receberá solememente a victoriosa autora de "O Quinze", senhorita Rachel de Queiroz.

Saudará a joven academica o dr. Renato Vianna, que dissertará sobre a personalidade e o romance da talentosa escriptora.

Falarão ainda o academico Filgueira Lima e a dra, Henriqueta Galeno.

A parte musical está a cargo do tenor brasileiro João Cavaliere (Pequeno Caruso), que cantará trechos de opera.

Notícia sobre evento realizado por Henriqueta na edição nº 404 do jornal *A Razão*, de 1930. Neste evento, recebeu Rachel de Queiroz.

nizadas por ela, constantemente seu nome aparecia em notícias que a elogiavam no dia seguinte. Tinha espaço para escrever quando achasse necessário também, era amiga dos editores. Publicava mensagens de exaltação a trabalhos de amigos ou de aniversário.

Apesar da considerável importância adquirida, mantinha-se humilde. Aquilo para ela não era algo espetacular, era apenas o que gostava de fazer. Era um prazer para ela receber escritores e fazer festas de lançamentos de livros em seu lar. Gostava de comemorar feitos de amigos com grandes festas. Brindar. Sentia-se feliz em dar a Fortaleza

OS JANGADEIROS

Consoante noticiara a imprensa citadina, realizou-se à noite de sábado, dia 25 de outubro p. findo, na Casa Juvenal Galeno, a brilhante solenidade de apresentação à intelectualidade conterrânea do romance «Os Jangadeiros», a mais recente obra do festejado beletista cearense, Pe. Joaquim Jesús Dourado.

Referida reunião, a que presidiu o Dr. Fernandes Távora, contou com numerosa assistência, no meio da qual podiam-se ver figuras das mais representativas dos nossos círculos lite-

rários.

O discurso de apresentação esteve a cargo da Dra. Henriqueta Galeno, que, em palavras vivas, enaltecendo o mérito de «Os Jangadeiros» e disse da valiosa contribuição que este livro trazia às letras cearenses.

Encerrando a solenidade, falou o revmo. Pe. Dourado, que explicou o motivo por que escrevera o romance em apêço, que era o de prestar uma justa homenagem aos nossos bravos homens do mar, e bem assim o de dar a conhecer ao povo brasileiro a vida de heroísmo dos jangadeiros cearenses.

um espaço para abordar arte e cultura, um lugar para recitar poemas, escutar músicas e apreciar a obra de novos autores.

A medida que o sol se punha, o ritmo das arrumações ficava mais apressado. Henriqueta, então, se recolhia para se arrumar. Não se arrumava exageradamente, mas permanecia elegante. Perfumava-se e ajeitava-se, já que seria a primeira a subir no palco e a responsável por receber cordialmente os que chegassem.

Logo os convidados começavam a entrar na Casa. Alguns abraçavam-a, outros apenas trocavam apertos de mão. Sempre apareciam pessoas que não conheciam Henriqueta, que haviam sido levados por outros. A casa sempre ficava cheia. Aos poucos, começavam a tomar seus locais no auditório, enquanto passavam bandejas com salgados, doces e bebidas. Nada muito chique, apenas o cordial para se realizar um evento com tanta gente.

Então, Henriqueta subiu ao palco para que, enfim, o evento começasse. O público olhava para ela com certa admiração, ávido por suas palavras. “Boa noite, senhoras e senhoras”, saudou. Um poeta não tão conhecido desamassava um papel com seus versos inéditos e um violeiro se preparava para tocar. A imprensa também estava ali. Era o momento de cada artista se fazer visto, de ter sua arte reconhecida pelos fortalezenses.

Henriqueta foi acolhida com uma salva de palmas; com elas entrava e saía do palco.

O AMOR E AS INTERROGAÇÕES¹⁰

Era mulher séria. Já idosa, não era com qualquer pessoa

¹⁰Esse tópico precisou ser escrito em um modelo diferente dos outros do livro devido à falta de informações concretas para que fosse construída uma narrativa. Apesar disso, foi um tema bastante citado nas entrevistas com familiares e amigos e presente nas poesias da autora. Foi importante destacar.

que compartilharia suas intimidades ou lembranças de sua mocidade. Já fazia tanto tempo, não valia mais a pena lembrar memórias que não voltariam. Reviver amores que nunca se concretizaram era inviável perto das inúmeras obrigações que a faziam levantar todos os dias. Mas as memórias permaneciam vivas dentro dela. Às vezes dolorosas, às vezes, apenas saudosas.

Nunca havia se casado. Provavelmente, iria embora deste mundo assim. Não teve um companheiro para segurar sua mão nem para ajudá-la a suportar o peso dos dias enquanto a idade aumentava. Talvez não precisasse de alguém para isso. Talvez não quisesse. Talvez não tivesse tempo. Talvez...?

Os amores não vividos — ou não expostos? — ficaram no passado e nos versos escritos por ela outrora. O tema clássico da literatura figura a maioria das poucas poesias escritas por ela que puderam ser encontradas. A mulher lamenta um romance esquecido. Amor de quem? Esquecido por quem?

*Velha casa abandonada
à margem da estrada branca,
tuas paredes em ruínas
caem aos poucos, aos pedaços ...
Velha casa arruinada
que a ninguém abrigas mais,
porque não desabas logo,
levando envolta contigo toda essa vida passada?*

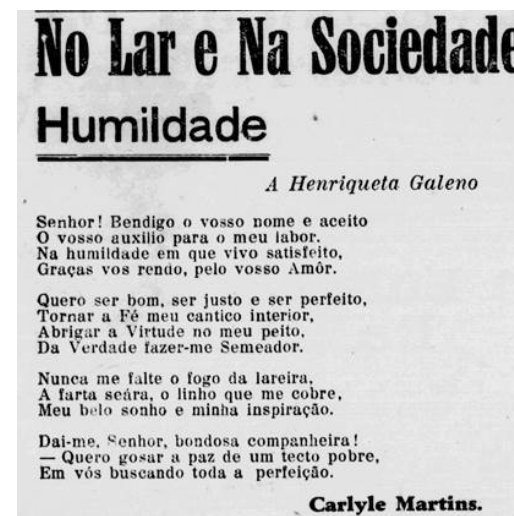
*Velha casa derrocada,
quando tombares na relva
Verde-cinza do caminho,
Alguém passando, verá
nos resquícios da tapera,
nos escombros dos teus membros,
nas ânsias da tua dor,
saudades brancas erguidas,*

*fantasmas do teu passado,
chorando à margem da estrada,
tua história dolorida,
o teu romance de amor.*

*Velha casa abandonada,
a margem da estrada branca,
És como um'alma dorida
donde fugiram ligeiros
sonhos róseos de esperança,
Promessas azuis de amor,
ficando sob os escombros
dessa imensa soledade
Todo um romance esquecido,
Um sorriso... Uma saudade...*

*(Casa abandonada, Antologia Cearense da Academia
Cearense de Letras, 1957, p. 161)*

Mas, será que foi realmente esquecido? Foi Henriqueta amada? Admirada, foi. A escritora chegou a receber poesia dedicada a ela publicada no jornal. Seria o autor dos versos o amor secreto de Henriqueta? Houve, de fato, um amor, ou foi apenas a poetisa usando um eu-lírico apaixonado



Poesia dedicada
a Henriqueta no
jornal *A Razão* de
13 de julho de
1937

para se expressar? Não podemos saber.

Tinha 50 anos quando recebeu os versos do poeta e bacharel em direito Carlyle Martins nas páginas do jornal cearense *A Razão*. Já tinha consigo as responsabilidades da Casa de Juvenal Galeno. O homem, apaixonado, pedia Henriqueta como sua companheira e declarava a ela seu amor. Por que ela não aceitou? Será que aceitou?

A verdade é que as poesias publicadas anos depois trazem certa mágoa. Pesar? Arrependimento? Saudade? Em outra poesia publicada no jornal *Gazeta de Notícias* em 29 de setembro de 1955, o eu-lírico lamenta os sonhos perdidos pelo destino a ele conferido. São dela os sonhos?

*Sonhos meus, lírios nevados
que o meu destino crestou.
Retalhos d'alma espalhados
que o vento forte arrastou.
Sonhos meus, lírios nevados
que o meu destino crestou.*

*Foi sonho azul de criança,
minha ilusão mais querida.
Desfez-se sem esperança
na correnteza da vida.
Sonhos meus, lírios nevados
que o meu destino levou.*

*Sonhos meus, sonhos queridos,
do tempo da mocidade.
Sinto-os na ma, doloridos
entre as névoas da saudade.
Sonhos meus, lírios nevados
que o meu destino arrancou*

*Triste destino impiedoso
desfez-me a felicidade,
tirando-me d'alma a ilusão ...
Só tu, apenas, saudade,*

*ficaste em meu coração
qual juazeiro frondoso,
na inclemência do sertão.*

(Sonhos Meus, Gazeta do Norte, 29/09/1955)

A temática ainda é tratada. O amor, escondido e trancado em um cofre, vem à tona. Não é esquecido, não pode ser esquecido. O fim do amor não é fim da poesia.

*Dia de Santa Luzia.
Depois da missa fui abrir aquele cofre
em que, há muitos anos, se escondia
toda a correspondência,
que outrora perfumou certa existência.*

*Tomei nas mãos aquele velho escrínio
com a calma indiferente
de quem não sente
a mais simples e pálida emoção.
E ao rever tudo aquilo,
que noutro tempo via
com verdadeira devoção,
na alma senti os transe da agonia.*

Como a sorte transmuda o coração!

*Ah! como é terrível o tempo
na sua faina destruidora!
- Até mesmo certas cartas afetuosas
já não têm para nós o perfume das rosas.
O tempo as reduziu a leve poeira,
para amargar uma existência inteira ...*

*Hoje, Santa Luzia,
no teu dia
fui abrir aquele cofre,
que há tanto tempo não via.
E que nele encontrei?*

- *Alguns vestígios do passado!*
Todo um romance esquecido,
todo um romance acabado.

(*Dia de Santa Luzia, Antologia Cearense da Academia Cearense de Letras, 1957, p. 162 e 163*)

Para os tempos de velhice da mulher, restou a saudade na poesia. Para quem não conheceu Henriqueta em seu íntimo, restam interrogações.

CASA DE JUVENAL (E DE HENRIQUETA) GALENO

○ objetivo de Henriqueta foi cumprido.

Havia mantido um legado. A Casa de Juvenal Galeno já tinha 44 anos, mais tempo do que ela mesma tinha quando a criou. Henriqueta tinha 77 anos e podia sentir que a vida foi boa para si. Fez a cultura cearense crescer dentro de sua própria casa e conseguiu que o trabalho do seu pai continuasse reconhecido com o passar dos anos.

Sua sobrinha Nenzinha Galeno já tomava as rédeas de seu trabalho, já que a idade já não permitia que ela participasse das atividades e liderasse com tanto vigor. O legado de sua família estava protegido: ainda que a Casa agora fosse patrimônio do Estado — o que ajudava com as contas da família, que há muito tempo bancou por tudo —, haveria de ser um Galeno a liderar a casa, era essa a condição.

○ trabalho que ela fez, ainda que grandioso, era pequeno do que ainda seria feito muito depois dela. Mas não havia sido em vão, seria perpetuado.

Ela olhava a Casa com um apego de quem viveu a vida ali, mas também com o olhar maternal de quem ajudou a dar o nome e a importância que ela tinha. Cada tijolo daquela casa verde de cinco portas havia sido tocado por ela, debaixo daquele teto nasceu, cresceu, amadureceu e, provavelmente, também morreria. As paredes carregavam lembranças. Dores, comemorações, vitórias e derrotas. A

história dela estava gravada ali. A cama em que dormiu, a mesa em que comeu, o chão em que dançou, o palco em que tantas vezes subiu para falar com o público.

A história da família como um todo também estava ali. Seu pai não seria esquecido enquanto aqueles tijolos ficassem firmes — e, talvez, mesmo se cedessem, a memória permaneceria ali. As fotografias, os versos e os escritos estavam lá. Ceará e, porque não, o Brasil, não haveria de esquecer.

Ali também estavam as memórias de muitos artistas cearenses que tiveram sua arte acolhida por aquele lar, que usaram aquele palco como ferramenta para se fazerem vistos. Ou que, mesmo já conhecidos, iam lá para se divertir, tomar chá e café e comer bolinhos. Antônio Sales, Cruz Filho, José Albano, Papi Júnior e Beni Carvalho, só para citar alguns nomes, se reuniam ali para falar sobre a literatura da terra. A poesia popular produzida por seu pai ganhava voz em outras bocas.

As mulheres da Ala Feminina tinham história ali. Puderam se expressar e arriscar primeiros versos e narrativas. Membros da Sociedade Cearense de Geografia e História encontraram ali conforto para discutir conhecimentos. A Comissão Cearense de Folclore também não esqueceria daquele lugar.

Henriqueta poderia saber o que aconteceria dali para frente, não poderia imaginar quantos pés ainda andariam naqueles pisos estampados e quantas assinaturas teria o livro de visitantes tantos anos depois. Mas entregava a Casa, seu trabalho incansável e incondicional, em boas mãos.

Sabia que o que havia feito seria continuado, já conseguia ver aquilo na dedicação de quem cuidava da Casa, que era muito além de apenas seu lar. Conseguia ver aquele espaço dali a uns anos ainda assim. Já havia feito muito, poderia descansar.

Sua certeza era de que podia se orgulhar.

PELOS OLHOS DE SUA MENINA

Não houve formalidade no encontro. A jornalista Adísia Sá me recebeu em sua residência que, por sorte, era próxima à minha. Indicou-me o lugar do apartamento que era mais ventilado e me pediu ajuda para carregar uma das pesadas cadeiras de madeira da mesa de sala para a área de serviço, onde ocorreria a entrevista. Ela começou a despejar memórias sobre a amiga e ex-professora antes mesmo de eu iniciar a gravação.

“Doutora Henriqueta me chamava de minha garota, de minha menina, me botava no colo”, relembra, já em seus 88 anos de idade. “Eu não era tão garotinha, mas era uma maneira carinhosa de ela tinha de me tocar”, completa. Ela se recorda frequentar a Casa de Juvenal Galeno — local que já não visita há algum tempo devido às dificuldades de locomoção do Papicu ao Centro — desde seus 14 anos. As lembranças um tanto quanto carcomidas pelo tempo tinham um quê de saudade, ainda que a própria falasse e reiterasse não ser uma dessas senhoras saudosistas.

Ir à Casa era a resposta óbvia para qualquer jovem que quisesse se tornar um intelectual, segundo ela. Sob a regência de Henriqueta, a residência era importante local para se conhecer sobre a literatura e cultura cearense, além de ser um ponto de encontro para escritores, jornalistas e estudiosos. “Toda vida eu quis ser escritora, então o sonho era ser da Casa de Juvenal Galeno”, conta.

A lembrança que Adísia tem de Henriqueta de quando era menina e não senhora é de uma pessoa amável e receptiva, características que fazem sentido para alguém que organizava eventos e tinha contato com as pessoas da mais alta sociedade. Era figura respeitada. “Quando ela chegava todo mundo se levantava”, diz.

Lembra também de quando a matrona da Casa de Juvenal Galeno se irritava. “Era uma pessoa muito agradável, mas, quando ela se zangava, saía de perto”, ri. Salienta que nunca foi alvo das broncas. Claro que não, Adísia era a menina dela, como repetiu várias vezes na entrevista. Recebia dela biscoitos e agrados, todos os mimos para a frequentadora mais jovem da Casa, com 14 ou 15 anos, segundo suas memórias.

A aparência de Henriqueta era simples. Sem roupas exageradas, sem jóias, sem muita vaidade. Muito perfumada, no entanto. Imagine só: estar no conforto da própria casa, mas à expectativa de a qualquer momento receber uma visita importante.

Adísia não se recorda de confissões feitas por Henriqueta a ela. “Ela me tratava como criança”, justifica. A diferença de idade de quase 50 anos entre as duas mulheres não facilitava uma troca fácil de intimidades. Henriqueta era, com quase todos, muito formal, fechada com relação a assuntos de sua vida pessoal. “Ela não tinha muito tempo de ter exclusividade com alguém, era muito assediada, tinha a responsabilidade da própria casa e todo tempo chegava gente lá que ela tinha que receber”.

Mas não deixe se enganar pela aparente superficialidade da relação entre as duas. Adísia, quando mais nova, deixou documentado feitos de Henriqueta, e se expressou sobre a admiração e a amizade que tinha por ela. “Para mim, particularmente, ela é tudo isso: amiga, irmã, companheira, incentivadora e patrona”, escreveu sobre ela em homenagem aos 65 anos da Casa de Juvenal Galeno, em 1984. A carreira jornalística importante que Adísia desenvolveu ao longo dos tempos teve a mão de Henriqueta a incentivar e indicar caminhos logo em seus primeiros anos.

A lembrança dos tempos de Casa de Juvenal Galeno que fica para Adísia é a da porta que, segundo ela, fica apenas encostada, sem nunca se fechar para quem quer buscar sobre a cultura cearense. E dos conhecidos cafés da tar-



Adísia Sá, a
“menina” de
Henriqueta.

de. “Nós tínhamos um café e um chá com muito biscoito. Quem chegasse se sentava e tomava café”, recorda.

MAIS UM GALENO NA ADMINISTRAÇÃO DA CASA

O gestor da Casa de Juvenal Galeno chegou um pouco depois de avisada a minha chegada. As obrigações não permitiram que ele viesse antes. Deu tempo tirar a câmera e fotografar itens da ampla sala. Os quadros, o piano, a penteadeira. Um local de trabalho que, para ele, também é lar.

Sobrinho de Henriqueta, Antônio Galeno rege a Casa aos moldes de sua criadora. Apesar de não tê-la conhecido pessoalmente — quando ela morreu, ele tinha 9 anos e morava no Rio Grande do Norte. Só depois veio a Fortaleza —, Antônio sabe muito sobre a figura, Galeno que é. A família tem um cuidado com a preservação do seu legado, o mesmo cuidado que Henriqueta teve lá em 1919 quando fundou a Casa. Um cuidado tanto com a história da família como com a da cultura cearense.

Ele relata sobre os artistas e personalidades que frequentavam a Casa enquanto Henriqueta vivia e mesmo depois de sua morte. “A Tia Henriqueta fundou a Casa Juvenal Galeno com esse intuito de cultivar a nossa cultura”, admi-

te, inspirado. Reitera a imagem rígida de Henriqueta que foi passada a ele, mesmo sem tê-la conhecido pessoalmente. Uma mulher séria. Focada em seus objetivos.

“Esse trabalho exige muito da pessoa, tem que ser uma pessoa totalmente dedicada à Casa”, ele afirma, considerando esse um dos motivos de que Henriqueta não tenha casado ou tido filhos. Cita Nenzinha Galeno, sobrinha e sucessora de Henriqueta, também solteira. Ele, aos 63 anos, no entanto, quebra a regra: é casado.

Mas Henriqueta não morreu sem amores, ele garante. Cita as poesias deixadas por Henriqueta, que podem ter sido representativas de um amor reprimido. E, claro, o amor pela família, algo que a guiou durante toda a vida. Um amor direcionado, principalmente, a seu pai. “Ela era tudo para o Juvenal Galeno, era uma pessoa 100% dedicada a ele”, conta. Nos últimos anos de vida do poeta, quando este estava cego, era Henriqueta quem escrevia os versos ditados por ele. Ela mesma se auto-intitulava como secretária dele.

Um amor que também a reprimiu, tirando dela o sonho de seguir uma carreira no direito. Mas, de qualquer forma, ela não ficou ressentida. Antônio diz não lembrar de ninguém falar nenhuma vez que Henriqueta resmungou ou enraiveceu pela restrição do pai. Apenas acolheu. E utilizou, no futuro, como força propulsora para lutar pelo direito da mulher e dar visibilidade a essa parcela da sociedade cearense tão inviabilizada.

“Ela lutou pela igualdade de sexos porque a mulher naquela época não tinha voz, não tinha trabalho, não ocupava profissão nenhuma”, lembra. “Ela mesma sofreu isso na pele, ela sonhava em defender os pobres, o direito da mulher, o direito a voto, a ganhar um emprego, a ganhar um salário”, completa. Cita feitos da tia que já foram elencados neste trabalho com admiração.

Lembra de histórias que acentuam a importância de Henriqueta em uma sociedade que era/é patriarcal. Histó-

Antônio Galeno,
gestor da Casa
de Juvenal
Galeno e
sobrinho da
personagem
deste capítulo.



rias que não viveu, mas que escutou de familiares e amigos. “Aqui, quando tinha um evento, era proibido buzinar da (avenida) Duque de Caxias até a Cadeia Velha (atual Centro de Turismo, na rua Senador Pompeu) para não atrapalhar”, cita, se referindo a época entre 1937 e 1938. “E isso era respeitado!”, acrescenta, sorrindo.

Com orgulho, pontua que a matriarca da Casa tinha influência não apenas em Fortaleza, tendo correspondências até com a Presidência da República. O ex-presidente Humberto de Alencar Castelo Branco já esteve no local. Ela chegou a mandar postais para o também ex-presidente Getúlio Vargas.

Para ele, o trabalho de Henriqueta é caminho a se seguir como gestor da Casa. Uma inspiração. Na primeira visita que fez ao local, música tocava alto e modelos desfilavam em uma área aberta, ensaiando para um evento que ainda viria.

Ele afirma que busca incentivar as artes como ela fez um dia. Tem a mesma postura séria e focada da tia-avó que não conheceu, mas muito admira. “Henriqueta Galeno foi um ser único, iluminado, nascente na terra da luz”, declara.

A entrevista terminou com conversas mais descontraídas. Logo, chegou Zelito, antigo amigo de Henriqueta, que

conversou comigo em outro dia sobre a escritora. O encontro nas cadeiras de balanço da Casa Juvenal Galeno se estendeu até onde foi possível. Despedi-me de Antônio, mas ainda o encontrei muitas vezes durante a pesquisa.

ALGUÉM EM QUE ELA CONFIAVA

Histórias sobre a própria vida como jornalista pontuaram a entrevista com Zelito Magalhães, outrora grande amigo da personagem deste capítulo. Ele, que se definiu como alguém de confiança para Henriqueta, conversou comigo por cerca de duas horas na casa que já foi dela. Trouxe à tona memórias sobre a grande amiga, emergidas do tempo.

Zelito conheceu Henriqueta após um amigo seu que era “mais sociável” convidá-lo para visitar a Casa de Juvenal Galeno. À época, ele sequer sabia do que se tratava o local, não conhecia esse lado da cultura cearense. Tinha seus 18 anos quando começou a se envolver nos vários eventos da Casa com “sala grande, bonita, cheia de jovens”, como ele se lembra. E, desde então, não parou, apesar de já com 86 anos. É um dos frequentadores mais antigos da Casa, alguém que ainda aparece para tomar o café mesmo tantos anos depois do fervor da época áurea dos eventos no local.

A relação com Henriqueta foi além das paredes verdes. Não foi apenas um visitante ocasional, construiu uma relação com a matriarca da família Galeno. “Foi uma amizade muito bonita, independente da casa, ela foi uma pessoa que eu tive muita consideração”, diz, saudosos. “Esse nosso conhecimento travou-se até os últimos dias até que ela viajou por interterra [faleceu]”, coloca.

A relação cresceu durante os 14 anos em que viveram no mesmo espaço-tempo. Ele lembra de ir andando da Casa de Juvenal Galeno até próximo à Igreja do Otávio Bonfim (uma distância de 2,7 quilômetros) para recolher para ela o aluguel de casas da família. Era responsável de chamar

personalidades importantes da sociedade fortalezense para tomar sopa — uma sopa que ele também tomava e que garantiu ser muito gostosa. Alguém que fazia os “mandados” da Casa.

“Ela me falava: Zelito, meu filho, ligue para o doutor... (com uma voz mais grossa, imitando o timbre de uma Henriqueta mais idosa. O nome do doutor foi esquecido por ele)... Ela gostava muito de mim”, conta, de sorriso no rosto. “Eu era a pessoa em quem ela confiava”, se envaidece.

Apesar de ter entre eles uma grande diferença de idade — enquanto ele estava na juventude, com 20 e poucos anos, ela já era idosa, já tinha prá lá dos 60 —, Henriqueta foi a pessoa na Casa com quem Zelito mais se aproximou. “Eu tinha mais intimidade com a doutora Henriqueta que com a Nenzinha [sobrinha de Henriqueta]”, assume. “Tudo dela era comigo”.

Ele se refere a ela, sobretudo, como uma intelectual. Mas não como uma jornalista, insiste, falando várias vezes que a primeira mulher jornalista foi Rachel de Queiroz. Ele conta que, por já estar trabalhando, frequentava a Casa duas ou três vezes na semana e não todos os dias, como faria ao seu gosto. Conversava com Henriqueta sobre literatura e recorda ter conhecido por intermédio dela grandes escritores, algo que o deixava muito feliz como um jornalista de início de carreira.

“Ela falava tanta coisa, falava demais comigo, com os outros não muito”, recorda. Ele diz que chegou a perguntar um dia para ela sobre namoros na juventude enquanto ela mostrava para ele fotos de quando era mais nova. “Eu vivi mais pro meu pai”, é o que ele lembra de ela responder. “Era uma família numerosa e toda essa família ela dava atenção”, ele justifica. “Ela falava sobre o pai, primeiramente sobre o pai”, afirma, sobre as conversas entre os dois.

Zelito conta que, quando começou a frequentar a Casa, Júlia e Maria do Carmo, irmãs de Henriqueta, não mais

moravam lá. Ele recorda da festa que havia quando elas vinham ao antigo lar visitar a irmã e que todas dormiam nos quartos que hoje formam a biblioteca da Casa, entre eles, a “alcova” da própria dona da casa.

Quando Henriqueta morreu, em 1964, Zelito não estava em Fortaleza. Não pôde ir ao velório nem se despedir da amiga, recebendo a notícias dias depois, quando visitou a Casa. Carrega consigo a lembrança e convive ainda hoje com as gerações de Galenos que vieram após ela.

Agradecimentos

Este trabalho não poderia ter sido concluído sem o apoio de muita gente, seja com contribuições para a pesquisa, um abraço, longas conversas ou gostosas risadas. A presença de muitos que convivem comigo ajudou a deixar as preocupações mais leves durante este ano que passou.

Agradeço aos meus pais pelas inúmeras ajudas ao longo de toda a minha vida estudantil e pela compreensão após eu passar tantas tardes fora de casa devido ao TCC. Ao meu irmão, Igor, que sei que posso contar, esteja longe ou perto.

Ao Judá, que me lembrou sobre o que eu realmente queria escrever quando eu ainda não havia encontrado um tema para o trabalho. Pelo amor e apoio constantes durante todo esse ano de TCC para nós dois e, a propósito, durante todo o tempo que estamos juntos. Pudemos nos apoiar um no outro, mesmo quando tudo parecia que ia cair. Que sempre seja assim.

Aos meus amigos, que me escutaram com paciência enquanto falei desta pesquisa durante basicamente o ano inteiro. À todos do Ombridade, sobretudo Raissa Vasconcelos, Fernanda Alice, Gabriela Rocha e Roberta Fontenele, por me aceitarem apesar dos encontros desmarcados. À

Raquel Villar, por estar comigo em todas as horas e ser a companheira da melhor banda de ukulele e violoncelo que o mundo já viu. Pelos desenhos incríveis marcados nas páginas deste livro. À Júlia Vidal, que me deu todo o apoio possível nesses doze anos de amizade — e contando.

Destaco também minhas colegas de curso Lorena Marcello, Isabela Santana, Suzana Mesquita, Beatriz Carvalho, Ester Coelho, Karoline Tavares, Grasielly Sousa, Andressa Gonçalves e, principalmente, Sâmia Martins, que me ajudou com o projeto gráfico do livro. A graduação não teria sido a mesma sem vocês. E, claro, ao Gabriel Monteiro, que sempre será o primeiro amigo que tive na Universidade.

À minha orientadora, Gabriela Ramos, pelas várias conversas e trocas durante este ano. Por falar “calma, vai dar certo”, todas as vezes em que me desesperei. Aos membros de minha banca, Ricardo Jorge e Adelaide Gonçalves. Os dois também tiveram um dedo na produção deste trabalho. À Adelaide, por me inspirar a falar sobre mulheres na imprensa ainda quando eu estava no segundo semestre da graduação, em uma visita ao Plebeu Gabinete de Leitura. E por me acolher nessa casa durante os primeiros meses da minha pesquisa. Ao Ricardo, por acreditar que, sim, eu poderia fazer um livro-reportagem sobre o tema.

Às diversas pessoas que me ajudaram de alguma forma com a pesquisa. Principalmente ao Antônio Galeno, da Casa de Juvenal Galeno, à Madalena, da Academia Cearense de Letras, ao Nirez e aos bibliotecários do Instituto Histórico. Agradeço também, imensamente, aos familiares das personagens deste livro, que aceitaram compartilhar um pouco da história de suas famílias, mesmo com uma completa desconhecida.

Algumas experiências que tive durante a graduação também merecem menção, por terem formado a pessoa e a profissional que sou hoje. Agradeço à Liga Experimental de Comunicação, ao Programa de Educação Tutorial da Comunicação (PETCom) e ao Novos Talentos do O POVO.

Agradeço, enfim, ao Jornalismo, por, apesar de todas as dificuldades e pontos negativos, me dar a oportunidade de sempre escutar e contar histórias incríveis.

Referências

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. **Mulheres Beletristas e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense - de 1862 a 1935**. 2012. 356f. 2012. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

ALMEIDA, Luciana Andrade de. **A Estrela: Francisca Clotilde e literatura feminina em revista no Ceará (1906-1921)**. Fortaleza, Museu do Ceará, 1ª ed. 2006.

_____. **Trajetória de uma pioneira: a escrita feminina de Francisca Clotilde (1862-1935)**. XII Encontro Regional de História, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/L/Luciana_Andrade_de_Almeida_42.pdf>, acesso em 19/11/2017.

ALVES, Martinez. **Catálogo da Hemeroteca do Instituto do Ceará: Histórico, Geográfico e Antropológico**. Fortaleza, Instituto do Ceará, 2010.

ANDRADE, F. Alves de. **O centenário de Alba Valdez**. Fortaleza, Academia Cearense de Letras, 1976.

ARAÚJO, Maria Stella B. de. **Francisca Clotilde. Mulheres do Brasil: pensamento e ação**, 1º volume. For-

taleza, Editora Henriqueta Galeno, 1971.

BARROSO, Olga Monte. Alba Valdez. **Mulheres do Brasil: pensamento e ação**, 2º volume. Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1971.

BASSANEZI, Carla Beozzo. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1997.

BITTENCOURT, Adalzira. **Dicionário bio-bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil (ilustrado)**. Rio de Janeiro, Pongetti, 1969.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo, Editora Ática, 1986.

_____. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo, Edições Loyola, 1981.

CAVALCANTE, Alcilene. **Uma Escritora na periferia do império: vida e obra de Emília Freitas**. Minas Gerais, Editora Mulheres, 2008.

CLOTILDE, Francisca. **A Divorciada**. Fortaleza, Typ. Moderna a Vapor Atelier Louis, 1902.

CUNHA, Cecília Maria. **Além do amor e das flores: primeiras escritoras cearenses**. Fortaleza, Expressão Gráfica Editora, 2008.

CUNHA, Maryse Weyne. Emília de Freitas. **Mulheres do Brasil: pensamento e ação**, 3º volume. Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1986.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos Avançados vol.17 no.49 São Paulo, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010>, acesso em 19/11/2017.

_____. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX: dicionário ilustrado**. Belo Horizonte,

Autêntica, 2016.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, v. 1, 1990.

FREITAS, Emília. **A infância, a mocidade e a velhice**. O Estado do Ceará. Fortaleza, ed. 349, 20 out. 1891.

_____. **A Rainha do Ignoto: romance psicológico**. Fortaleza, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2º ed. 1980.

_____. **Canções do Lar**. Fortaleza, Typografia Universal, 1891.

_____. **Poesia**. Pedro II, Fortaleza, ed. 93, 22 nov. 1881.

GALENO, Henriqueta. **Anais da Casa de Juvenal Galeno**, ano I, Fortaleza, 1949.

_____. **Anais da Casa de Juvenal Galeno**, ano II, Fortaleza, 1958.

_____. **Antônio João. Revista da Academia Cearense de Letras**, Fortaleza, 1956.

_____. **Mulheres admiráveis**. Fortaleza, Casa de Juvenal Galeno, 1965.

_____. **No Congresso Feminino, na Academia Carioca de Letras, no Centro Cearense**. Fortaleza, Est. Gráfica Urania, 1931.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; ARAÚJO, Lucia Nascimento. **Ensaístas brasileiras: mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

J.V. **Nossos mortos. Henriqueta Galeno**. Revista da Academia Cearense de Letras, Fortaleza, 1963.

LIMA, José de. **Dias de Luz. O Rebate**, ed. 22, 12 set. 1908.

LIVROS NOVOS. **Jornal do Ceará, Politico, Com-**

mercial e Noticioso, Fortaleza, ed. 512, 16 mar. 1907.

MAIA, Janine Caracas de Souza. **O discurso de Alba Valdez na imprensa cearense dos séculos XIX e XX.** Monografia (Graduação em Comunicação Social) — Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE.

MARTINS, José Murilo. **Poetas da Academia Cearense de Letras (1894-2009).** Fortaleza, 2009.

MEDEIROS, Maria Nirvanda. **Henriqueta Galeno. Policromias**, 9º volume. Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil, Editora RDS, 2009.

MENDES, A. Cunha. **Rumorejos**. , ed. 252, 17 jun. 1891.

MENSAGEIRA, A. **edição fac-símile.** São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1987.

MOTA, Anamélia Custódio. **Francisca Clotilde: Uma pioneira da educação e da literatura no Ceará.** Editora Canindé, 1997.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Ed.). **Escritoras brasileiras do século XIX**, volume III. Editora mulheres, 1999.

ROCHA, Patrícia. **Mulheres sob todas as luzes: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado.** Belo Horizonte, Leitura, 2009.

SCHIMMELPFENG, Gisela Paschen. **A mulher e a abolição.** Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

SILVA, Régia Agostinho da. **Entre mulheres, história e literatura: a escrita feita por mulheres em Fortaleza no século XIX.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (ANPUH). São Paulo, 2011.

SOUSA, Eusébio de. **Meio século de existência.** Fortaleza, Tipografia Minerva, 1937.

SOUZA, Ivoneuma Silva de. **Henriqueta Galeno e a Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno: uma luta pela conquista do direito social das mulheres.** Revis-

ta da Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará. Fortaleza, 2016.

_____. **Henriqueta Galeno e a Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno: um movimento feminista em Fortaleza de 1942-50.** Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, .

SÁ. Adísia. **Henriqueta Galeno. Mulheres do Brasil: pensamento e ação.** Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1971.

SÁ. Évila Cristina Vasconcelos de. **Educadora Henriqueta Galeno: biografia de uma literata e feminista (1887-1964).** Tese de mestrado (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2018.

SÁ. Évila Cristina Vasconcelos de; LOPES, Tânia Maria Rodrigues. **A relevância da pesquisa bibliográfica na história da educação: o caso da atuação da intelectual Henriqueta Galeno (1931).** XI Encontro Regional Nordeste de História Oral, Fortaleza, 2017.

TÁVORA, Fernandes. **Ideias e perfis.** Fortaleza, Imprensa universitária do Ceará, 1967.

VALDEZ, Alba. **Dias de Luz: recordações da adolescência.** Fortaleza, Typ. Minerva de Assis Bezerra, 1907.

_____. **Em Sonho (Fantasias).** Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 2ª ed. 2017.

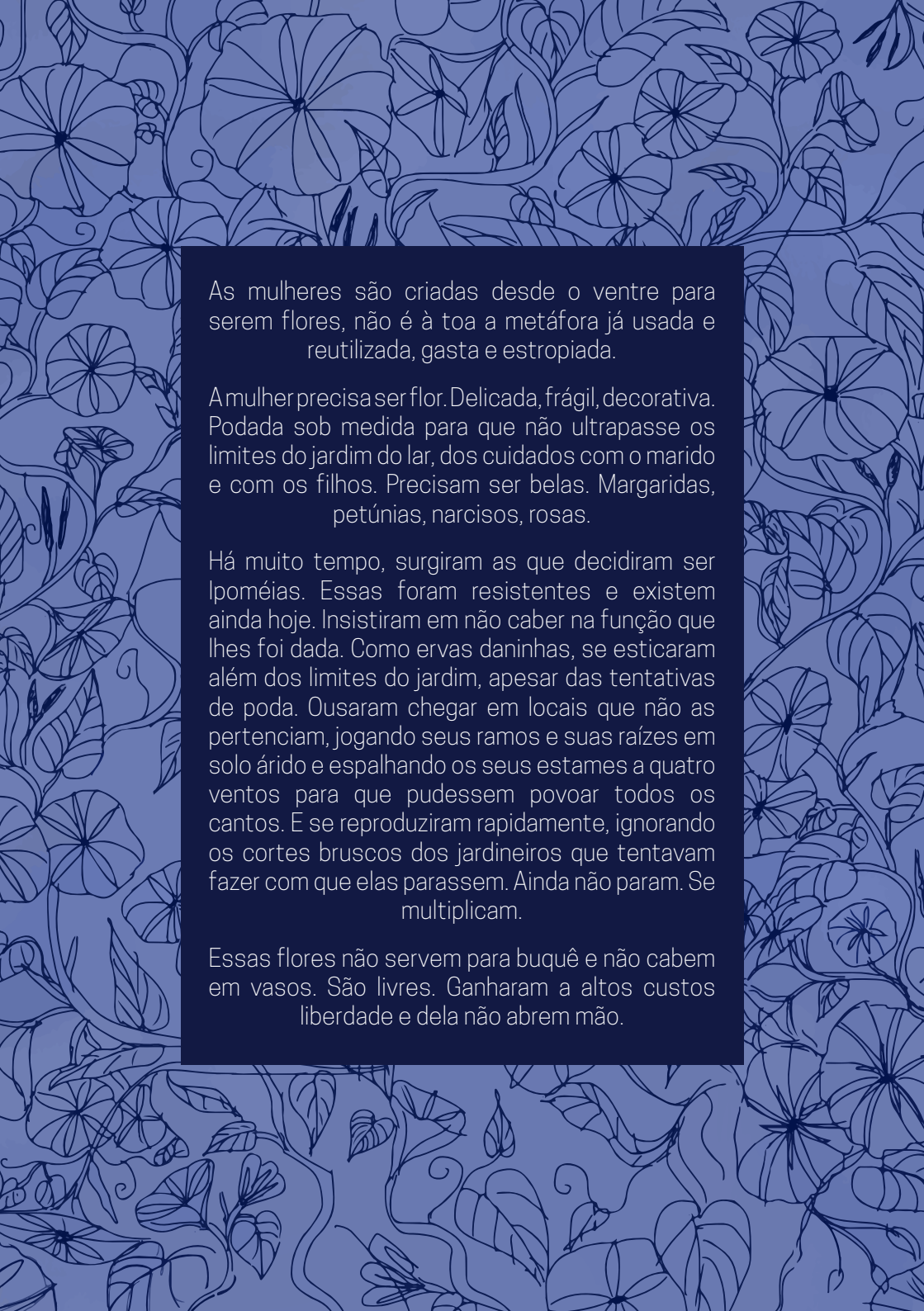
_____. **Falas acadêmicas.** Fortaleza, Academia Cearense de Letras, 1937.

_____. **Os sonhos. A Constituição,** Fortaleza, ed. 28, 2 fev. 1889.

_____. **Sessão do dia 2. Revista do Instituto do Ceará,** ed. 16, página 422, Fortaleza, 1937.



Capa impressa em papel duo
design 250g, laminação fosca.
Miolo impresso em papel pólen
80g.



As mulheres são criadas desde o ventre para serem flores, não é à toa a metáfora já usada e reutilizada, gasta e estropiada.

Amulher precisa ser flor. Delicada, frágil, decorativa. Podada sob medida para que não ultrapasse os limites do jardim do lar, dos cuidados com o marido e com os filhos. Precisam ser belas. Margaridas, petúnias, narcisos, rosas.

Há muito tempo, surgiram as que decidiram ser Ipoméias. Essas foram resistentes e existem ainda hoje. Insistiram em não caber na função que lhes foi dada. Como ervas daninhas, se esticaram além dos limites do jardim, apesar das tentativas de poda. Ousaram chegar em locais que não as pertenciam, jogando seus ramos e suas raízes em solo árido e espalhando os seus estames a quatro ventos para que pudessem povoar todos os cantos. E se reproduziram rapidamente, ignorando os cortes bruscos dos jardineiros que tentavam fazer com que elas parassem. Ainda não param. Se multiplicam.

Essas flores não servem para buquê e não cabem em vasos. São livres. Ganharam a altos custos liberdade e dela não abrem mão.